

Do setimo ao nono dia ha febre, cephalalgia e um mal estar geral. Estes symptomas racionaes não são constantes nas creanças; mas nos adultos são triviaes e muito accentuados; a febre póde ser intensa, e a induração phlegmonosa profunda e extensa. Muitas vezes os ganglios axillares engrossam, e tornam-se dolorosos.

Quando não ha phenomenos attenuados de uma infecção geral, e muito principalmente quando não existe o menor signal local de uma evolução morbida, ou a vaccina não é legitima mas falsa, ou o individuo inoculado é refractario á acção do virus variolico.

Quanto mais exactos, nitidos e caracteristicos, são os periodos morbidos da inoculação, maior é a confiança que depositamos na vaccina e na preservação do individuo inoculado. Quando não apparece o mais simples phenomeno de reacção organica — a vaccina de que nos servimos é inerte.

E deve ser assim. Pois como poderemos distinguir uma vaccina activa de uma vaccina morta, se a primeira não tiver a propriedade de se revelar por uma certa ordem de phenomenos, — nullos na segunda?

Conhecem-se os efeitos do virus rabico do cão, inoculado por mordedura n'outro animal da mesma ou de differente especie.

N'um certo momento o animal mordido apresenta uma certa ordem de symptomas, provando a existencia e a virulencia do germen contagioso. Mas que elementos temos para affirmar que a medulla de um coelho rabico inoculada n'um organismo humano, reage sobre esse organismo, se este não dá o mais insignificante signal de reacção?

Muito de proposito transcrevi na sua integra a communicação scientifica do sr. Pasteur, a fim de que se possa ver e avaliar esta nova e gravissima lacuna que existe na primeira inoculação humana anti-rabica — e que infelizmente continuou a existir nas seguintes inoculações, como tive occasião de observar pessoalmente. N'aquella nota do sr. Pasteur, onde está a referencia á acção physio-pathologica da inoculação prophylactica? O liquido preservativo denunciou por algum signal

que tivesse uma acção virulenta attenuada? Qual foi esse signal? Como, quando e em que logar se manifestou? Quando foi que existiu em Joseph Meister o ataque de raiva experimental?

Nada sabemos; e todavia a prophylaxia e a therapeutica, antes de concluirem pela actividade de uma substancia virulenta perante uma raça ou uma especie, exigem que essa substancia mostre que é realmente activa, pelo menos n'um individuo da raça ou da especie em que é experimentada.

Portanto fico na duvida se Joseph Meister era ou deixava de ser, como muitos outros, um individuo naturalmente refractario á raiva, introduzida por mordedura, ou por qualquer processo artificial de inoculação: fico na duvida se o producto inoculado pelo sr. Pasteur, como vaccina prophylactica, reagiu ou não, geral ou localmente, como substancia activa sobre o organismo de Joseph Meister.

IX

Pela acta transcripta, onde figura a nota do sr. Pasteur, vê-se que cento e seis dias depois da primeira inoculação humana, o sr. Vulpian pronunciára em plena academia das sciencias as seguintes palavras:

«La rage, cette maladie terrible, contre laquelle toutes les tentatives thérapeutiques avaient échoué jusqu'ici, a enfin trouvé son remède!»

Não posso accommodar-me com esta sentença do sr. Vulpian, pelo simples motivo de estar provadissimo que o periodo da incubação da raiva é muito variavel. E não sei se Joseph Meister, na hypothese de ter sido mordido por um cão bem enraivado, e na hypothese de pertencer ao numero dos individuos não refractarios á raiva, estava ou deixava de estar n'aquelle momento ainda sujeito a contrahir a raiva. Os limites maximo e minimo em que tem existido o periodo da incubação rabica constam das duas seguintes historias:

1.º Um individuo foi mordido pela manhã por um cão. Na

tarde d'esse dia casou-se. No dia seguinte pela manhã foi encontrado n'um acesso de raiva furiosa, a retalhar ás dentadas o ventre da mulher, cujos intestinos estavam enrolados n'um dos braços ensanguentados do enraivado. Esta historia é contada pelo medico inglez Mead, que a soube de um sabio escossez, homem de espirito, e parente proximo da victima.

2.º Um individuo foi mordido por um cão. Poucos dias depois seguiu para a America, onde residiu vinte annos. No seu regresso constou-lhe que o cão que o tinha mordido, morrerá de raiva. D'ahi a dias o individuo morre tambem de raiva furiosa. Este caso é narrado por Bouchut, professor da faculdade de medicina de Paris, que o ouviu de outra pessoa.

Estes dois casos que marcam os periodos extremos da incubação da raiva, são no meu juizo, historias demasiadamente apocryphas, para que lhes possa conceder um grande credito.

O contrario, porém, succede com os relatorios e inqueritos mais bem deduzidos, com as discussões mais serias e com as estatisticas mais auctorizadas, onde sempre ficou bem estabelecido e accentuado que o periodo da incubação da raiva pôde variar entre limites muito afastados.

Na grande maioria dos casos, o periodo da incubação da raiva, está entre o vigesimo e o nonagesimo dia depois da mordedura.

Não ha duvida que todos — todos os auctores estão de perfeito accordo, sobre este ponto.

Mas tambem não ha duvida que todos — todos os auctores estão de perfeito accordo em estabelecerem que a raiva humana pôde surgir antes do vigesimo dia — e tem havido muitos casos perfeitamente averiguados da raiva apparecer antes do vigesimo dia; e tambem que a mesma doença pôde surgir depois do nonagesimo dia — e tem havido muitos casos perfeitamente averiguados da raiva apparecer n'um periodo superior a noventa dias, depois da mordedura.

No cavallo, no coelho, no boi e no cão, tem-se tambem notado que o periodo da incubação da raiva, algumas vezes tem excedido o limite maximo, em que ella geralmente se costuma manifestar n'aquelles animaes.

N'um coelho a incubação da raiva durou mais de cinco mezes (Roux); dois casos de mais de um anno no cão (Galtier); um caso de cinco mezes e outro de sete mezes no cão (Youatt); dois casos de quatorze mezes no cavallo (Wald); tres casos respectivamente de, um anno, quinze mezes, dois annos e meio no boi (Haubner).

Galeno conta que viu a raiva apparecer n'um homem no fim de um anno; — Cœlius Aurelianus cita um exemplo em que a morte sobreveiu dois annos depois da mordedura; — Brusnschnig viu uma creança, cujas cicatrizes começaram a tornar-se vermelhas um anno depois da mordedura, contrahir a raiva e morrer; — Bahin affirma que um individuo de quarenta annos, preparando-se para montar a cavallo, foi por este mordido na coxa. No fim de um anno e seis semanas, o individuo morre em dois dias, perfeitamente enraivado; — Hunter cita um caso de dezeseite mezes; — Mosely um caso de quatro mezes; — Mathey um caso de cento e dezeseite dias; — Vaughan um caso de nove mezes; — Perrin um caso de onze mezes; — Gordon outro caso de onze mezes; — Mead outro caso de onze mezes; — Ollier um caso de treze mezes; — Constantinex dois casos, um de dezenove mezes e outro de dezenove mezes e meio; — Magendie, Bonnet, Récanier, Caillard, Petit e Trousseau, os seis clinicos de nomeada em Paris, em 1831, observaram n'aquelle anno, um caso de raiva oito mezes depois da mordedura: decidiram tratar a enraivado com acido prussico: morreu quarenta e oito horas depois do primeiro ataque; — Sauvages narra um caso de dez annos e Portal outro caso de dezoito annos; — Tardieu apresenta muitos casos de quatro até doze mezes; — Mathieu um caso de um anno (mordedura de lobo enraivado); — Brouardel diz que são de uma authenticidade respeitavel os seguintes casos; n'um a incubação durou quinze mezes, e n'outro dezoito mezes.

Vou resumir a historia clinica de mais alguns casos, apresentados por medicos em jornaes e revistas scientificas, onde o periodo da incubação foi muito superior a cento e seis dias.

I. — Incubação de onze mezes n'uma rapariga de dezeseis annos

(Gaz. méd. de Lyon. 1869. Dupuy)

O cão aggressor andava ha muitos dias triste, abatido, sem appetite e apresentando difficuldade para andar com os membros posteriores. No dia 22 de novembro de 1857, mordeu um pato, varios cães, o dono e a filha d'este, rapariga de dezeseis annos, na mão direita. A rapariga era menstruada regularmente. N'uma certa epocha começou a sentir uma dor partindo do sitio lesado, e propagando-se ao bordo cubital da mão e do ante-braço: anciedade precordial: sensação estranha na base do pescoço durante a deglutição. Estes symptomas eram pronunciados na epocha menstrual que só lhe appareceu quatro vezes durante os onze mezes de incubação. Nos fins de outubro de 1858, a rapariga torna-se triste e perde o appetite. Dor no braço e espadua correspondente ao lado mordido. Olhos scintillantes; faces injectadas; anciedade e agitação extremas. Expectoração constante. Experimenta na vulva uma sensação que não pôde definir e que a obriga a arranhar-se violentamente. O menor ruido, a vista de um liquido ou de um corpo brilhante, augmentam a agitação e os gritos: pulso 120. Intelligencia perfeita: demonstrações affectuosas para as pessoas que a rodeiam. Morre, após este soffrimento de tres dias sem ter querido tomar os medicamentos.

II. — Incubação de onze mezes n'uma creança de sete annos

(Ann. méd. psych. 1843. Aubanel)

A creança tinha sido mordida onze mezes antes por um cão. Tristeza, mal estar e dysuria. Movimentos convulsivos produzindo-se por accessos e com frequencia. Muita sêde: tentando beber, diz: «o pescoço não me doe, mas quando a

agua toca na bôca, sinto na garganta nma cousa que me aberta e suffoca». Dor na cicatriz. Expectoração abundante. Respiração frequente e anciosa. Paralysis na perna mordida. Allucinações e logo a morte.

III. — Incubação de onze mezes n'um homem de sessenta annos

(France méd. 1880. Bouzal)

O individuo mordido na mão a 7 de setembro de 1879, começou a 7 de junho do anno seguinte a tornar-se sombrio e irascivel. A 12 de agosto, mal estar geral e contracção œsophagica. Formigueiro partindo da mão mordida e irradiando até ao pescoço. Deglutição impossivel e hydrophobia. Espasmos, quando tenta beber. Agonia e anxiedade. Satyriase. Agitação constante e movimentos convulsivos. Morde as roupas. Hyperesthesia sensorial: não pôde supportar a vista de um objecto branco. Dispneá: estado comatoso: pulso frequente. Morte no dia 16 de agosto. Autopsia: nenhuma lesão capaz de explicar a morte.

IV. — Incubação de um anno n'uma creança de quatro annos

(Ann. d'hyg. et de méd. lég. 1870, relatório de Proust e Bouley)

A creança tinha sido mordida havia um anno por um cão suspeito. Uma lyse sub-lingual. Agitação violenta, estado brilhante dos olhos, hydrophobia, asphyxia. Morte.

V. — Incubação de um anno n'um homem de vinte e cinco annos

(Gaz. des hôp 1813. Duperthuis)

O individuo sobre que versa esta nota foi mordido por um cão que encontrára na rua, conduzindo-o para casa onde lhe

morreu passados dois dias. Nunca mais pensou no caso. D'ahi a um anno perde o appetite, o somno, e começa a sentir movimentos convulsivos por todo o corpo. Olhos animados e pulsações cardiacas tumultuosas. Queixa-se de sentir um grande peso sobre o peito. Labios cobertos de saliva escumosa que expelle constantemente para os lados. Muita sêde. As tentativas que faz para beber collocam-n'o n'uma grande agitação, procurando morder a pessoa que lhe entrega a agua. Terminado o accesso, chora e pede que lhe perdoem. Inteligencia intacta. Morte fulminante n'um dos accessos. A autopsia não revelou lesões.

VI. — Incubação de dezeseis mezes e meio n'uma mulher de quarenta e tres annos

(Rev. de méd. 1884. de Beurmann)

A mulher começa por experimentar uma dor no acto da deglutição. Nos dias seguintes torna-se de uma irritabilidade singular, com exaltação consideravel dos seus sentimentos de piedade. Um espasmo doloroso da pharynge impede-a de engulir a propria saliva. A idéa de beber aterrorisa-a. A respiração é suspirosa. No dia seguinte a agitação é extrema: a enferma experimenta uma sensação de agonia e de estrangulação. As tentativas para beber agua, a vista de objectos brilhantes, a impressão do ar sobre a pelle, provocam crises cada vez mais violentas. A pelle está quente e coberta de suor. A temperatura axillar é de 42°,2. A familia manda conduzir a enferma para uma casa de saude, onde morre d'ahi a algumas horas. A inoculação tinha tido logar dezeseis mezes e meio antes. O cão da casa tornára-se triste e recusava os alimentos. Conduzido ao hospital,ahi morrêra enraivado. A mulher tinha uma escoriação n'um dos labios, que n'aquella epocha era lambida repetidas vezes pelo animal. Um medico para a tranquillisar cauterisou-lhe a escoriação com *nitrate de prata*. Dezeseis mezes e meio depois é surprehendida pela raiva e morre.

VII. — Incubação de quinze mezes n'um adulto

(Mém. de méd. milit. 17.º vol. Dissez)

Um soldado é mordido por um cão doente, que o veterinario affirma não estar enraivado. — No fim de quinze mezes, cephalalgia, e caimbras do estomago. No dia seguinte agrava-se consideravelmente este estado. É conduzido ao hospital, onde lhe vestem a camisa de forças. Morre tres horas depois, manifestando no mais alto grau todos os symptomas da raiva.

VIII. — Incubação de dezoito mezes n'um homem de sessenta e nove annos

(Loire méd. 1883. Rousset)

O individuo d'esta observação era illustrado e de uma elevada classe social. Nos principios de setembro de 1881 foi mordido no punho direito por um cão familiar. O animal, que tinha mordido outros cães, foi morto. Certificados de alguns veterinarios attestam que o cão estava enraivado. O mordido nada soube e nunca suspeitou da gravidade do ferimento. A 8 de abril de 1883, diz em conversa com a familia: «*Sinto-me horrivelmente triste; sem saber porque vejo tudo negro*». No dia seguinte experimenta algumas dores na espadua do lado mordido, e gradualmente foi-se manifestando uma paralyisia quasi completa do deltoide. Na noite de 9, algumas nauseas e vomitos.

No dia 12 apparece difficuldade da deglutição: a insomnia dura ha tres dias. A agitação é extrema e acompanhada de uma loquacidade inesgotavel. Os olhos salientes e fortemente injectados. O doente não cessa de cuspir. O espasmo pharyngeo não lhe permite beber a menor porção liquida. Diaphoresa abundante. Sensação de frio. Caimbras nos membros inferiores. Pulso 120. Temperatura axillar 39°. Accessos de suffocação. Morre na noite do dia 12, recordando-se da antiga mordedura, e não duvidando de ter contrahido a raiva.

**IX.—Incubação de dezoito mezes n'um homem
de quarenta e seis annos**

(Union méd. 1856. Valentin)

Queixa-se de ter febre e dores de garganta. O pulso é frequente, a pelle quente, os olhos injectados, brilhantes, sensíveis á luz. — Convulsão quando quer beber; as muitas tentativas que faz para esse fim provocam-lhe uma violenta contracção da pharynge. No dia seguinte, grande agitação. A luz viva, os corpos brilhantes e os liquidos provocam-lhe crises. De noite o doente não póde estar socegado por um só momento: gritos e convulsões: suffocação: pede que se retirem da sua presença. Socega um pouco: os circumstantes saem e o enfermo atira-se por uma janella fóra. É reconduzido á cama: verbosidade delirante, esputação contracções por todo o corpo. Morte.

Dezoito mezes antes tinha sido mordido pelo seu cão doente, e para ficar tranquillo, contentou-se em mandar dizer uma missa a Santo Humberto.

X.—Incubação de dezoito mezes n'um homem adulto

(Gaz. des hôp. 1864. Carrière)

Dezoito mezes depois da mordedura, este individuo, depois de ter sepultado um cadaver em estado de putrefacção avançada, começa a experimentar nauseas persistentes. Quando tenta beber, surge-lhe um espasmo de pharynge e uma exaltação extrema. Grita furiosamente e avança contra a mulher e filhos, dizendo que sente vontade de os morder. Entra para o hospital. Olhos salientes e injectados. Exaltação extrema e salivação abundante. Falla da sua morte proxima. A familia visita-o, e elle a chorar diz-lhe que não está enraivado. O ruido de uma porta, o movimento das cortinas do leito, affectam-n'o penivelmente, produzindo-lhe um tremor convulsivo. Intelligencia nitida e sensibilidade cutanea normal. Sensação de contracção no pescoço á vista de liquidos e de obje-

ctos brilhantes. Perdas seminaes. Allucinações. Morte. — Autopsia em presença de Gubler. — Encephalo e espinhal medulla, amollecidos e injectados. Pequenos pontos ecchymoticos no pavimento do quarto ventriculo. Baço, figado e rins congestionados. Sangue negro. O inquerito mostrou que o cão tinha mordido um outro individuo que tambem fallecêra de raiva. O cão foi comido por trapeiros, entre os quaes o individuo que faz parte d'esta observação.

XI. — Incubação de dois annos e dois mezes n'uma mulher de setenta annos

(Gazette des hôp. 1875. Morel)

Esta mulher é mordida na cara por um cão perdido, no dia 30 de agosto de 1866. O cão na noite do incidente tinha quebrado a corrente, ruido a madeira da gaiola, e dado provas de uma ferocidade que contrastava com a meiguice habitual do seu character. O veterinario que o observou, declarou que o cão apresentava os symptomas da raiva. No dia 6 de novembro de 1868, é chamado o dr. Morel para observar a mulher que ha dois dias se sente muito opprimida e com picadas nas cicatrizes da testa. A enferma, muito agitada, queixa-se de grandes arrepios de frio. Pupillas muito dilatadas. Leva constantemente as mãos á garganta, cuspiendo e pedindo agua. Não a pôde beber. Morre a 8 de dezembro. Esta mulher de uma boa saude habitual, era de uma sobriedade extraordinaria. Trabalhava muito, comendo apenas um pouco de pão molhado em caldo fraco. Depois da mordedura viveu n'uma segurança absoluta, e morreu ignorando o character da doença.

XII. — Incubação de dois annos e cinco mezes n'uma rapariga de onze annos

(Mémoires de méd. militaire. 1859. Hémard)

Em seguida a umas ameaças, a rapariga é tomada por uma agitação extraordinaria e continua. No fim de vinte e

quatro horas está n'uma grande anxiedade. A respiração é difficil: pupillas dilatadas. Não pôde beber a poção receitada: os esforços que emprega para esse fim provocam-lhe um estremecimento por todo o corpo. Esputação. Contractões dos temporaes. Não ha trismus nem rigidez, e portanto não ha confusão com o tetano e a epilepsia. Accessos convulsivos. Comprehende bem as perguntas que lhe fazem, mas não pôde responder. Faz signal a um individuo para esconder a cadeia do relógio, cujo brilho a desespera. Morre n'um violento espasmo da pharynge.

Dois annos e meio antes, tinha sido mordida no pulso por um pequeno cão. O ferimento era insignificante, nada fez e nunca mais se lembrou do acontecimento. No mesmo canil onde era recolhido o animal, vivia um outro cão que desapareceu depois de ter mordido um homem. Este morreu tambem de raiva.

XIII. — Incubação de dois annos e seis mezes n'um homem de quarenta e oito annos

(Union méd. 1874. Péreol)

Olhos brilhantes, physionomia espantada, pupillas muito dilatadas. A noite foi agitadissima. Ha hydrophobia. A vista de um espelho determina um espasmo laryngeo. Hyperesthesia sensorial e aerophobia. Queixa-se de ter a bôca secca. Interrogado sobre uma cicatriz que tem na mão, diz que fôra causada pela mordedura de um cão, havia já muito tempo: acrescenta que na vespera tinha-lhe doido muito aquelle braço. Consegue comer e beber alguma agua. Noite agitada e sem somno. No dia seguinte a voz é estranha: a physionomia desvairada, e os espasmos laryngeos mais frequentes. Não pôde supportar o menor ruido, o menor movimento, em volta da cama. Diz que alguma cousa o está apertando na garganta. Analgesia cutanea. O pulso e a temperatura parecem normaes. Produz-se um accesso de furia e o enfermô começa a cuspir. É amarrado. Passa-lhe o accesso: pede desculpa aos

empregados do trabalho que lhes está dando: pergunta pelos filhos e chora. Novo accesso: allucinações: morte.

Era um homem de boas qualidades. A mordedura tinha sido feita por um cão, que observado em vida e depois de morto, por um veterinario, fôra dado por enraivado. A ferida tinha sido cauterisada com *nitrate de prata*. Depois da mordedura, viveu mais ou menos preocupado. Tinha insomnias, preguiça para o trabalho e um mal estar geral. A autopsia e o exame histologico nada revelaram.

XIV.—Incubação de dois annos e seis mezes n'uma mulher de sessenta e tres annos

(Gazette des hôp. 1875. Delore)

Esta mulher foi mordida pelo seu cão favorito nas circumstancias seguintes: o animal não comia e a dona querendo obrigar o animal a beber leite, recebeu uma pequena mordedura no antebraço. O cão é enviado para a escola veterinaria de Lyon, onde morre de raiva. Em julho esta mulher passa por uma violenta emoção, ao encontrar o marido em preparativos para se enforcar. Quinze dias depois, 27 de julho, está inquieta e irritavel. Cephalalgia, insomnia e inappetencia. No dia seguinte manifesta-se a hydrophobia. Espasmo, suffocação, agonia, face congestionada. Agitação extrema sem delirio, esputação frequente, pulso regular. No intervallo dos accessos, hydrophobia muito pronunciada com sede intensa. A enferma esqueceu-se completamente da mordedura, e não pensa na raiva, tranquillizada por um remedio secreto que tinha tomado n'aquella epocha. Morre a 29 de julho.

XV.—Incubação de cinco annos n'um adulto

(Bulletin de l'académie de médecine 1880. Léon Colin)

Este homem era soldado. Recebeu uma medalha por ter ido em soccorro de um camarada atacado por um cão enrai-

vado no dia 2 de novembro de 1874. Foi mordido no pulso. Cinco annos depois é obrigado a recolher-se á cama com anxiedade precordial, respiração estridulosa, movimentos desordenados e pulso muito irregular. Queixa-se de uma constrictão na base do peito, de sentir frio e de não poder mexer-se com os membros inferiores. Urinas sanguinolentas. Tem muita sêde: tentando beber, os musculos do thorax e do pescoço contrahem-se espasmodicamente e o liquido é expellido. A sensação da agua sobre a mão, determina-lhe espasmos da face e do pescoço e arrepios por todo o corpo. É transportado para o hospital civil. Chegando ao hospital, o seu estado exige uma camisa de forças. Pede que nunca lh'a tirem, para se não precipitar pela janella, ou fazer mal ás pessoas que o rodeiam, porque de vez em quando sente uma grande necessidade de morder.

Constrictão pharyngea. Horror á agua ao ponto de recusar energeticamente compressas molhadas que querem applicar-lhe. Nenhum socego em toda a noite, apesar da morphina. Pela manhã socega um pouco e pôde beber leite. Falla com volubilidade e cospe constantemente. Novo accesso. Diz que está enraivado e que vae morrer.

É transportado para o hospital militar.

Agitação. Pupillas dillatadas. Acceleração do pulso. Esputação. Recusa beber a agua que pede. Vociferações e ditos incoherentes, seguidos de intervallos lucidos. Um horror extremo ao barulho e á luz. Diz que teme communicar a doença ás pessoas que o estão observando. Diminuição progressiva da sensibilidade. Morre no dia 31 de agosto pela manhã, quarenta e oito horas depois de se ter recolhido á cama, e cinco annos depois do incidente referido. O outro soldado tinha morrido tambem de raiva, quarenta e seis dias depois da mordedura. — Autopsia. — Cerebro e meninges congestionadas, assim como o figado, o baço e os rins. Ecchymoses sub-pleuraes.

Tudo isto são observações de casos de raiva humana bem caracterizada, em que o periodo da incubação da doença,

foi sempre muito superior áquelle que estava existindo em Joseph Meister no momento em que elle foi inoculado pelo sr. Pasteur e no momento em que o sr. Vulpian, vendo a creança ainda viva, declarára que — para a raiva havia finalmente um remedio!

A raiva?

A raiva de Joseph Meister?

A raiva de Joseph Meister curada?

Como póde ser isso, se a creança nunca chegou a apresentar o menor symptoma de estar enraivada? Emquanto um individuo não apresentar symptomas de uma doença, poder-se-ha affirmar categoricamente que elle está doente e immediatamente classificar a doença?

Se eu continuasse a procurar nos documentos de litteratura medica franceza a historia de casos de raiva humana, continuaria a encontrar exemplos de uma longa incubação. E o que não existirá na historia da raiva de todos aquelles paizes onde a cruel doença seja tambem conhecida!

Joseph Meister está morto ou vivo? Se está morto, a que doença succumbiu? Se morreu de raiva cáem por terra todas estas considerações, que são apenas de duvida, para adquirirem o character de uma triste e ingloria certeza, — certeza de que Joseph Meister tinha realmente contrahido a raiva do cão, como adivinhára o sr. Vulpian; — certeza de que o remedio contra a raiva não foi descoberto em Joseph Meister, como aliás proclamára o sr. Vulpian. Se a creança morreu de outra qualquer doença, ficámos sem saber se ella estaria ou não vivendo sob a ameaça do virus rabico. Se a creança está viva, ainda não podemos affirmar que ella esteja livre da doença, na hypothese de ter sido mordida por um cão bem enraivado e na hypothese de ter acceitado o germen contagioso, porque ha muitos casos perfeitamente averiguados da raiva ter um periodo de incubação superior aos dias que têm decorrido, desde o momento em que Meister foi mordido até hoje.

Parece-me que estas considerações têm alguma importancia. Não basta dizer-se — um individuo foi mordido por

um cão damnado e Pasteur curou-o, eis o facto e contra factos não ha duvidas, não ha discussões.

Não: não deve ser assim. É preciso que se tire a esse facto todo o artificio em que estiver envolvido e depois é preciso estudal-o com o cuidado e imparcialidade de que cada observador poder usar.

Ha ainda grandes lacunas a encher na physiologia experimental da raiva canina. A perfeita identidade do germen contagioso da raiva naturalmente produzida n'um cão, com a medulla rabica que é introduzida no coelho pelo trepano e no homem pela seringa, ainda não está estabelecida. Está ainda rodeada da maior obscuridade a acção physio-pathologica da medulla de um coelho rabico sobre a especie humana, pois nem mesmo se sabe se aquella substancia é dotada de alguma actividade, visto que nunca dá signal de si, quando se põe em contacto com os tecidos humanos: nada apparece, na quasi unanimidade dos casos, nem um abcesso, nem uma pustula, nem a menor reacção geral, podendo approximar-se dos accidentes rabicos reaes. O caso de Joseph Meister contém, na minha opinião, a eloquencia dos grandes rasgos da audacia que, de seculo em seculo, costumam fazer avançar a sciencia e penhorar a alma das sociedades cultas.

Porém em boa pathologia experimental aquelle primeiro caso de vaccinação humana anti-rabica não pôde servir de base á doutrina nova:

— não está demonstrado que o cão estivesse bem enraivado;

— se o animal estava bem enraivado, não está demonstrado que a organização do mordido foi necessariamente sensivel á penetração do contagio;

— não está demonstrado que o producto inoculado tivesse reagido como substancia activa na organização da creança;

— não está demonstrado que o periodo maximo da incubação para Joseph Meister era realmente de cento e treze dias exactos.

Portanto o caso de Joseph Meister é defeituosissimo. Mas que fosse um caso regular, ainda assim, de um só caso poder-

se-ia concluir n'aquelle momento, como o fez o sr. Vulpian que estava finalmente descoberto o remedio da raiva?

Ao sr. Vulpian pareceu que sim: pareceu-lhe que depois d'aquelle caso, a prognose da raiva humana mudára rapidamente de *fatal* para *benigna*! Esta opinião do illustre professor da faculdade de medicina de Paris, apresentada solemne e officialmente na academia das sciencias, fica pesando sobre este meu escripto, onde como medico, não posso, nem sei conceder ao primeiro caso de vaccinação humana anti-rabica, a colossal importancia therapeutica, clinica e *social* que lhe attribuiu o sr. Vulpian.

Ha poucos annos dizia o sr. Vulpian, nas suas lições sobre os nervos vaso-motores:

«J'ai toujours réagi pour ma part contre les déplorables tendances à appliquer d'une façon prématurée à la pathologie les données encore incertaines de la physiologie expérimentale.»

X

Escreve o sr. Pasteur na sua nota de 26 de outubro de 1885, que as mordeduras de Joseph Meister tinham sido cauterisadas com acido phenico doze horas depois do incidente.

Estas cauterisações estão muito e muito longe de gosarem das vantagens das cauterisações, que são praticadas immediatamente apoz a mordedura, depois de expremida e bem lavada.

Ora n'este ponto está existindo um incidente bastante curioso, que aqui devo referir, por entender que uma questão não póde ser bem julgada, attendendo-se unicamente ao de-
poimento de uma das partes.

O «*Journal de Médecine de Paris*» publicado sob a direcção de alguns medicos dos hospitaes d'aquelle capital, medicos que eu não tenho a honra de conhecer, nem mesmo de vista, como se costuma dizer, áparte uma certa violencia, no meu entender injusta, com que por algumas vezes discute a pratica das vaccinações anti-rabicas, tem todavia publicado

alguns artigos importantes e sensatos, assignados pelo redactor em chefe, onde se insiste particularmente sobre as seguintes duvidas :

O cão aggressor estava bem enraivado?

O individuo mordido contrahiui a raiva?

Qual o motivo por que a raiva é mais grave quando a mordedura é mais profunda?

Qual o motivo por que em alguns mezes augmentou extraordinariamente o numero dos *enraivados*?

Qual o motivo por que a vaccina rabica não dá logar á menor reacção local ou geral?

Aqui o escriptor francez lembra ao publico, que uma das principaes queixas apresentadas pela commissão franceza de que faziam parte dois ajudantes do sr. Pasteur, contra o brioso medico e illustre homem de sciencia o sr. Ferran, era de que este não obtinha nos individuos o cholera attenuado, e que portanto, não apresentando o inoculado uma reacção qualquer indicando a presença do virus preservativo, havia rasões para se duvidar das propriedades da vaccina anti-cholericica.

Com effeito, a commissão franceza no relatorio que apresentou ao ministro do commercio em data de 5 de julho de 1885, vinte e quatro horas depois de ter chegado a Paris, e quarenta e oito horas depois de ter saído de Valencia, cidade em que a commissão se demorou apenas cincoenta e duas horas, para estudar a epidemia do cholera e a doutrina das vaccinações anti-cholericas, lá diz no seu relatorio «*se a chimica fornece meios de verificação e de analyse para os remédios, para as vaccinas, pelo contrario, não ha outro meio de prova senão a propria inoculação.*»

Por aquelle facto conclue o jornal de medicina de Paris, que, estando a vaccinação anti-rabica no mesmo caso, pois que o liquido inoculado não produz a menor reacção local ou geral, devem pesar as mesmas duvidas sobre as propriedades das vaccinas empregadas contra a raiva.

Direi que aquella revista scientifica foi uma das que mais conspirou contra as tentativas do sr. Jayme Ferran, por não poder levar a serio que um habitante de *Tras-los-montes* (*sic*)

fosse capaz de descobrir a vaccinação anti-cholericamente fundada na bacteriologia. Ao que se vê, porém, parece que a pratica das vaccinações anti-rabicas e as duvidas que se vão amontoando sobre o assumpto estão levando alguns medicos d'aquella nação a reverem o processo onde ha um anno a pratica de cincoenta mil inoculações anti-cholericas foi, em alguns minutos, orgulhosa e summariamente condemnada.

Mas, aquelle auctor, referindo-se ás duvidas e incertezas que pairam sobre o estado real de todos os individuos que se apresentam á vaccinação anti-rabica, e que depois ficam figurando nas estatisticas como curados ou livres de uma doença, que nunca se soube se chegaram a contrahir, refere um incidente curioso, que passo a resumir.

—Um medico serio e instruido, diz o *Jornal de medicina*, foi chamado no dia 19 de novembro de 1884, para tratar uma creança de seis annos horrivelmente mordida por um cão. As mordeduras tinham rasgado a face, perfurado o labio superior e feito saltar dois dentes. Foram cauterisadas duas horas depois do incidente com chlorureto de antimonio. O cão foi declarado enraivado por veterinarios de Paris. O prognostico que sete mezes e meio mais tarde (6 de julho de 1885) os srs. Vulpian e Grancher deviam proferir sobre Joseph Meister, a saber «*que pela intensidade e numero das mordeduras, Joseph Meister estava exposto quasi fatalmente a contrahir a raiva*» este prognostico tambem o fez aquelle medico para o seu doente. Em presença de tão grave situação o medico assistente, que era um grande admirador do sr. Pasteur, escreveu-lhe, supplicando-lhe que tentasse alguma cousa a favor da creança. Eis a resposta do sr. Pasteur, cujo original o redactor em chefe d'aquella revista declara que está prompto a mostrar (*Jornal de medicina de Paris*, p. 686).

«Monsieur,

«Les cautérisations que vous avez pratiquées doivent vous rassurer pleinement sur les conséquences de la morsure.

«Ne faites plus aucun traitement; c'est inutile. — *L. Pasteur.*»

Em primeiro lugar, o *Jornal de medicina* mostra-se admirado pelo facto do sr. Pasteur ter respondido áquella consulta medica, com declarações tão auctoritarias.

Mas o que é verdadeiramente curioso e instructivo, é saber-se que a creança ainda estava viva no dia 2 de maio do anno corrente, dia em que aquelle documento foi publicado. E portanto, se o sr. Pasteur a tivesse inoculado, estaria figurando ao lado dos individuos curados!

Eis como se exprime aquelle jornal medico na p. 686:

«Mais le fait le plus remarquable à déduire de cette observation est le suivant: l'enfant que mr. Pasteur a refusé de soigner, mordu par un chien déclaré enragé le 18 novembre 1884 se porte aujourd'hui très-bien, 19 mois après l'accident. Supposons un seul instant que mr. Pasteur ait accepté de traiter ce petit malade et lui ait inoculé ses virus, n'aurait-on pas considéré ce cas comme le pendant bien légitime des guérisons miraculeuses de Jupille et de Meister?

«On l'aurait fait avec d'autant plus de raison que le chien qui avait inoculé cet enfant avait été déclaré enragé par les vétérinaires les plus instruits de Paris, que les blessures avaient été immédiatement constatées par des médecins compétents. Toutes ces garanties n'existaient pas pour Jupille, mordu dans le fond du Jura par on ne sait qui et on ne sait comment.»

Este acontecimento, que me parece importante para aquelles que estiverem animados dos bons desejos de tomarem conhecimento de todos os incidentes que envolvem a questão, foi publicado, como disse, sob a responsabilidade dos redactores do *Jornal de medicina de Paris*. Se o facto existiu com todos os incidentes revelados por aquelle jornal, não se poderá contestar o legitimo rigor das conclusões a que chegaram aquelles auctores.

Estava seguindo as vaccinações anti-rabicas no laboratorio da escola normal, quando se tornou do dominio publico a narração d'aquelle caso, que chegou tambem ao conhecimento do pessoal do laboratorio.

Ignoro a impressão real, que ali causou a publicação da consulta do sr. Pasteur. Ignoro a maneira como o acontecimento ali foi ou é explicado.

Se eu soubesse da existencia de alguns documentos de ca-

racter publico, saídos do laboratorio da escola normal e destinados a tirarem ao acontecimento a importancia que elle realmente tem, não duvidaria por um só momento em transcrevel-os n'este logar. Não sei que existam taes documentos, e portanto nada poderei tirar ou acrescentar ás duvidas apresentadas por aquelles escriptores, que cada um poderá interpretar como quizer.

Por todos estes motivos, julgo que a memoravel communição de 26 de outubro de 1885, em que o sr. Pasteur noticia á academia das sciencias de Paris a primeira inoculação anti-rabica na especie humana, não contém os requisitos scientificos necessarios, para nos podermos pronunciar pelo valor do novo methodo destinado a prevenir a raiva depois da mordedura.

XI

O virus rabico, deposto n'um tecido humano pela mordedura de um lobo enraivado ou pela simples picada de um instrumento inquinado da substancia virulenta, póde chegar ao bolbo rachidiano, pela via sanguinea ou pela via nervosa. Na primeira hypothese o virus rabico introduzir-se-ia no sangue pelas radículas venosas ou lymphaticas, e depois de ter ou não ter passado por uma serie de transformações, iria produzir nos centros nervosos uma irritação violenta, seguida pelos symptomas da raiva. Não-se podendo ainda provar que é exclusivamente pelo sangue, que o virus rabico caminha, fica uma outra hypothese, á qual tambem ainda falta a demonstração experimental. N'esta segunda theoria, póde admitir-se que o virus rabico, deposto na superficie da mordedura, ataca as terminações nervosas que se espraíam pelos tecidos mortificados; caminha pelo tronco nervoso, correspondente á região lesada; chega aos cordões medulares e progride até ao bolbo, onde inaugura essa horrorosa tragedia, que denuncia a existencia certa do contagio no individuo mordido. Mas o bolbo não é a ultima estação em que o virus manifesta os seus efeitos. Como é bem sabido, a medulla, a protuberancia e o encephalo estão n'uma perfeita continuidade his-

tologica. As fibras medulares sobem até ao bolbo e continuam depois subindo até ás camadas corticaes do cerebro. Portanto, enquanto o virus rabico encontrar um terreno proprio por onde possa caminhar, não deixará de o fazer, assinalando a sua passagem por acontecimentos estranhos em relação á vida normal das regiões atravessadas. Assim, a dor que muitas vezes se sente ao longo do nervo, cuja extremidade foi atacada, póde ser indicio de uma nevrite ascendente, provocada pela marcha do germen virulento, ou pelos effeitos degenerativos do mesmo germen, transmittidos de cellula em cellula e de fibra em fibra. As paralyisias medulares que não são raras nos primeiros momentos da raiva confirmada, exprimem que o virus atacou a espinhal medulla. As perturbações na deglutição e na respiração annunciam e chegada da virulencia aos nucleos do bolbo rachidiano. Finalmente as faculdades affectivas e intellectuaes do enraivado, perfeitas até um certo momento, e como que assistindo do alto do eixo bolbo-espinhal, á approximação do mal, começam a perturbar-se: sobrevem a melancholia com consciencia, a tristeza sem motivos, o *tedium vite*, ou a melancholia depressiva, ou a melancholia anxiosa ou a perplexa: depois surge as allucinações, o estupor, a excitação maniaca, os accessos de delirio agudo e a satyriase. Tudo isto alternando-se com expansões lucidas da effectividade e da intellectualidade. Abalado d'esta maneira todo o systema nervoso, o doente não póde resistir e morre. A acção do virus rabico não estacionára pois no bolbo rachidiano. Continuando pelos cordões ascendentes e derivando o seu effeito pelo turbilhão nervoso formado pelas fibras radiantes e de commissura chegou ao cortex cerebral, ás altas regiões psychicas, cuja actividade feriu de morte.

Áparte os casos excepçionaes, onde entre o acto da mordedura e o primeiro accesso rabico medeiam apenas alguns dias, vê-se que a marcha da virulencia é lenta. D'ahi as indicações para o tratamento racional da raiva: destruir immediatamente o virus rabico, no logar em que tiver sido deposto; impedir que o virus chegue ao bolbo rachidiano, nos casos em que não se tenha praticado a cauterisação immediata, embotar

a sensibilidade do bolbo, por meio de substancias medicamentosas, quando as duas primeiras indicações não tiverem sido satisfeitas.

As duas primeiras indicações ficam cumpridas, cauterizando-se energeticamente pelo ferro incandescente, pelo thermo-cauterio, manteiga de antimonio, acido sulphurico, potassa caustica, etc., todas as anfractuosidades da mordedura, e estendendo a cauterisação por uma maior area, e quanto possivel, no trajecto do nervo lesado, exactamente como procedem os cirurgiões na extirpação de um tumor de má natureza —cortam ao largo pelos tecidos sãos, que elles consideram como que uma atmosphaera suspeita envolvendo a parte affectada.

Tambem na raiva, são suspeitos os tecidos vizinhos da parte mordida. E tanto mais suspeitos quanto maior for o espaço de tempo que tiver decorrido entre o acto da mordedura, e o da cauterisação. N'estas condições não hesitam Hicks e Duboué em recommendar que se faça para baixo e para cima da mordedura uma incisão longitudinal de 1 centimetro, pouco mais ou menos, no sentido do nervo lesado e que se cauterisem profundamente as duas superficies assim postas a descoberto.

Chegam até a recommendar que se cortem, a uma certa distancia, os nervos que partem da ferida de inoculação. D'esta maneira ganha-se a velocidade do virus rabico; corta-se-lhe o caminho para o bolbo rachidiano. Esta prophylaxia é deveras cruel, e parecerá até irrisoria para muitos individuos, depois da prophylaxia inaugurada pelo sr. Pasteur, em que o mordido apenas soffre a pequena dor provocada pela introdução da agulha inoculadora.

Mas eu direi como os auctores do compendio de cirurgia:

«S'il est positif que la blessure a été faite par un animal enragé, il faut la cautériser partout où elle se trouve, et cela non pas timidement, mais avec hardiesse. En conséquence, on portera encore le fer rouge dans la plaie, malgré le voisinage d'une artère même considérable.

«Le point capital est de prévenir le développement de l'hydrophobie. Si donc il est certain que, pour atteindre ce but, il soit nécessaire de sacrifier un vaisseau ou un tronc nerveux, il n'y a point à hésiter; on doit cautériser hardiment comme s'il n'y avait point de vaisseau, après en avoir toutefois pratiqué la ligature au-dessus de la plaie.»

E direi também com o Bouley :

«Qu'importe la douleur d'une cautérisation, à supposer que le diagnostic ultérieur de l'état du chien démontre qu'elle était inutile, comparée aux terribles conséquences que peut avoir l'abstention ou l'application trop tardive du cautère.»

A cauterisação da mordedura não é um methodo prophylactico que se opponha á ulterior applicação da descoberta do sr. Pasteur. No laboratorio da escola normal são indistinctamente vaccinados todos os individuos que ali se apresentam, cujas mordeduras tenham ou não soffrido a cauterisação previa. E eu julgo que ainda hoje, apesar da descoberta do sr. Pasteur, o primeiro cuidado do individuo mordido, será lavar, espremer e cauterisar a região mordida.

Mas como se viu, a prophylaxia das cauterisações obedece a uma indicação muito racional, que é destruir o virus no logar em que é deposto; e quando o tratamento não tiver sido feito immediatamente, aquella prophylaxia continua a obedecer a uma indicação muito racional, porque é fundada na longa incubação da raiva, na maneira lenta como ella progride da mordedura até aos centros nervosos. N'estas condições ainda se deve empregar a cauterisação, mas por uma maior area de tecidos sãos, com o fim de se destruir o virus rabico, ou de se inutilisar o trajecto que lhe daria passagem até ao bolbo rachidiano.

O systema prophylactico do sr. Pasteur é também fundado no longo periodo da incubação da raiva. O periodo em que a raiva geralmente se costuma manifestar dá tempo a poder intervir-se com a inoculação de uma substancia de diferentes graus de virulencia, que, adiantando-se á marcha do virus rabico deposto na superficie da mordedura, attingem an-

tes d'esse mesmo virus, as regiões de eleição rabica, onde previnem ou prohibem os effeitos mortaes do virus natural, quando este mais tarde ali tenha de chegar.

Tal é a nova prophylaxia da raiva, proposta pelo sr. Pasteur, que merece ser estudada e experimentada n'este paiz com todas as precauções e exigencias requeridas pela magnanimidade do assumpto, visto que se trata de salvar a existencia de um nosso semelhante que tenha sido aggreddo por um animal atacado de raiva.

Tal é o novo e famoso projecto clinico e physiologico, apresentado pelo sr. Pasteur á academia das sciencias de Paris, onde passou sem discussão. Facto unico, que contrasta singularmente com o precioso rigor, a que ali foram submettidos os trabalhos sobre as gerações espontaneas e doutrina da attenuação dos virus, o que concorreu extraordinariamente n'aquellas descobertas para o apuramento da verdade e triumpho da experiencia que estavam do lado do sr. Pasteur!

A bacteriologia medica e a physiologia pathologica, não, lidas exclusivamente nos escriptores francezes, mas praticadas nos laboratorios e estudadas nos auctores de todos os paizes, têm ainda de se pronunciar sobre a questão das vaccinações humanas anti-rabicas. A estatistica estabelecida em todos os paizes em que a doença se manifeste, é tambem elemento indispensavel para se poder chegar a uma exacta e segura apreciação da prophylaxia anti-rabica inaugurada pelo sr. Pasteur.

Já em differentes partes deste relatorio tenho sustentado que a vaccinação humana anti-rabica está em grave falta perante as concepções bacteriologicas do sr. Pasteur.

Seja-me permittido recordar que as vaccinas, fabricadas com a medulla do coelho, e inoculadas no homem, não produzem n'este organismo quaesquer phenomenos que demonstrem a virulencia attenuada das mesmas vaccinas, perante a especie humana.

Na nota que transcrevi na sua integra, diz o sr. Pasteur, que as ultimas medullas inoculadas contêm materia virulenta em

proporção cada vez mais forte, — que para o fim inocula nos individuos um virus rabico ainda mais virulento que o do cão das ruas, — e que os individuos escapam não só á raiva que as mordeduras teriam podido desenvolver, mas tambem á nova raiva inoculada, que, como fica dito, é ainda mais virulenta. Mas se algum individuo morre, é por causa do virus deposto pelo cão na mordedura, e não por causa do virus inoculado. Isto é o virus mais forte, o da vaccina, não produz a menor alteração no individuo inoculado, emquanto que o virus mais fraco, o do cão, é que produz todos os symptomas da raiva, matando o inoculado.

Esta ultima explicação consta da nota scientifica apresentada pelo sr. Pasteur em data de 4 de março do corrente anno. Referindo-se á morte de uma rapariga, na qual se manifestára a raiva, onze dias depois do tratamento, escreve o seguinte:

«Des symptômes avant-coureurs de l'hydrophobie se manifestèrent le 27 novembre, onze jours seulement après la fin du traitement. Ils devinrent plus manifestes le 1^{er} décembre au matin. La mort survint, avec les symptômes rabiques les plus accusés, dans la soirée du 3 décembre. Une grave question se présentait. Quel virus rabique avait amené la mort? Celui de la morsure du chien ou celui des inoculations préventives? Il me fut facile de le déterminer. Vingt-quatre heures après la mort de Luise Pelletier, avec l'autorisation de ses parents et du préfet de police, le crâne fut trépané dans la région de la blessure, et une petite quantité de la matière cérébrale fut aspirée, puis inoculé par la méthode de la trépanation à deux lapins. Ces deux lapins furent pris de rage paralytique dix-huit jours après, et tous les deux au même moment. Après la mort de ces lapins, leur moelle allongée fut inoculé à de nouveaux lapins, qui prirent la rage après une durée d'incubation de quinze jours. Ces résultats expérimentaux suffisent por démontrer que le virus qui a fait mourir la jeune Pelletier était le virus du chien par lequel elle avait été mordue. Si la mort avait été due aux effets du virus des inoculations préventives, la durée de l'inoculation de la rage à la suite de cette seconde inoculation à des lapins aurait été de sept jours, au plus.»

Ahi fica a *facil demonstração* do sr. Pasteur á mercê de quem a quizer acceitar sem o menor escrupulo.

Eu notarei simplesmente que na comunicação scientifica

de 26 de outubro de 1885, existem as seguintes afirmações do sr. Pasteur:

1.^a — *que a inoculação final muito virulenta tem ainda a vantagem de limitar a duração das apprehensões que se pôde ter sobre as consequencias da mordedura. Se a raiva podesse apparecer declarar-se-ia mais depressa por um virus mais virulento que por o das mordeduras.»*

De certo que se a raiva podesse apparecer mais depressa pelo virus mais virulento que por o das mordeduras, ha muito que estaria bem limitada a duração das apprehensões dos mordidos e dos não mordidos. Os primeiros já teriam morrido, e os segundos ficariam completamente elucidados sobre as vantagens das inoculações. Como tudo que escreve o sr. Pasteur, aquelle argumento é muito respeitavel, quero porém mostrar que aquelle primeiro principio apresentado pelo sr. Pasteur com toda a generalidade, foi esquecido ou falhou logo no primeiro caso de morte, que, como se viu pela nota scientifica de 1 de março de 1886, foi attribuido, não ao virus da inoculação — o mais virulento, mas ao virus da mordedura — o menos virulento.

2.^a — *que a primeira medulla virulenta, usada na inoculação, produziu a raiva em dois coelhos no fim de quinze dias de incubação.*

Ora no primeiro caso de morte, o de Luiza Pelletier, a medulla de dois coelhos, que tinham recebido por trepanação materia cerebral da creança, provocou a raiva n'outros dois coelhos tambem no fim de quinze dias de incubação. Mas isto não prova, diz o sr. Pasteur, que a creança morresse de raiva provocada pelo virus da inoculação, virus que, segundo o mesmo sr. Pasteur, mata os coelhos no fim de quinze dias. Prova, sim, que a creança morrerá por causa do virus do cão, porque se a morte fosse devida aos effeitos dos virus das inoculações preventivas, a duração da inoculação da raiva em seguida a esta segunda inoculação a coelhos, teria sido de sete dias, o maximo.

Assim será: enquanto a experimentação bacteriologica e clinica praticada por largos annos nos laboratorios de ensino

não poder annullar esta explicação, revestida pelo sr. Pasteur de todas as facilidades, certeza e auctoritarismo, não poderemos repellil-a por mais extraordinaria que ella se nos afigure, e por mais opposta que ella seja, á sã experiencia, á logica, á rasão e ao que ha de certo e de serio na medicina scientifica.

Mas como e onde se poderá fazer essa demonstração?

Continuando sobre os effeitos das inoculações, direi que as vaccinas anti-rabicas das menos activas até ás mais violentas não produzem no homem as alterações necessarias para ficar rigorosamente demonstrado que se trata de substancias activas, quanto mais avançar-se desassombradamente que a actividade d'essas vaccinas é virulenta e de uma virulencia superior ao proprio virus rabico do cão.

Se as outras vaccinas não produzem nos animaes inoculados um cortejo de symptomas iguaes em quantidade e qualidade aos symptomas da doença natural, cujo apparecimento as mesmas vaccinas são destinadas a prevenir, se em alguns casos até a acção d'essas vaccinas é nulla, não deixam porém de imprimir na grande maioria dos organismos inoculados uma certa ordem de alterações da mesma natureza que a dos virus correspondentes.

Essas alterações é que nos indicam que as vaccinas são realmente activas e virulentas, e que essa virulencia é da mesma natureza do mal, que ellas têm por fim evitar ou prevenir.

Como poderemos affirmar que a medulla de um coelho rabico seja uma substancia activa perante a especie humana, se ella não manifesta a sua actividade atravez um qualquer individuo d'essa especie onde é introduzida?

Como poderemos affirmar que a medulla de um coelho rabico constitue perante a especie humana uma vaccina preservativa da mesma natureza, que o virus rabico do cão, do gato ou do lobo, se essa vaccina não denuncia a sua visita a um organismo humano por uma só reacção especifica, passada n'esse organismo?

Os alcaloides desenvolvem sempre um quadro symptomatico qualitativa e quantitativamente proporcionado á quantida-

de e pureza do alcaloide, ao grau de resistencia, ás condições morbidas e á especie a que pertence o individuo. Os virus attenuados, como agentes perigosos que são, devem obrar da mesma maneira, aliás não são agentes pathogenos, não são virus attenuados. São substancias mortas, inertes ou indifferentes, perante os organismos em que são experimentadas.

Uma gotta de lympha jeneriana injectada nos tecidos humanos póde, em casos excepcionaes, conferir immundade, sem ter despertado a menor reacção apreciavel. Mas na generalidade dos casos produz uma serie de phenomenos que podem ir desde uma febre ligeira, até ao quadro completo, mas attenuado, de um ataque de variola.

A vaccina contra o cholera das gallinhas não provoca n'estes animaes a evolução da doença, completa e perfeita. Provoca um ataque de cholera experimental ou symptomas attenuados do mesmo contagio.

A vaccina do bacillus anthracis não produz um perfeito ataque de bacteridemia, mas por uma certa ordem de reacções especificas indica a sua presença, nos organismos em que é introduzida.

A vaccina contra a febre amarella não produz a mesma febre amarella. Indica a existencia de uma infecção attenuada.

A vacinação choleric, como tive occasião de observar, exerce uma acção pathogenica evidente na especie humana, e em alguns casos essa acção é o syndroma benigno de um ataque de cholera morbus asiatico.

A vaccina contra o carbunculo synthomatico nunca vae até á formação de tumores carbunculoses, mas revela a sua entrada no organismo, cuja doença é destinada a prevenir, por uma serie de symptomas mais ou menos graves, mais ou menos caracteristicos do estado carbunculoso.

E a chamada vaccina anti-rabica? Que perturbações produz na especie humana, que nos levem a consideral-a como uma substancia activa e de uma actividade especifica?

Nenhumas: absolutamente nenhuma!

Quando muito apparecem nos individuos, em seguida ás

ultimas inoculações, umas pequenas manchas vermelhas, exactamente nos pontos atravessados pela agulha inoculadora. Ora todos sabemos bem que a formação d'esses pequenos pontos avermelhados e ás vezes dolorosos, é um phenomeno de uma facilima explicação, que quasi sempre se produz, nas injeccões hypodermicas, principalmente quando estas são feitas repetidas vezes na mesma região. Mesmo que n'um ou n'outro individuo chegue a formar-se um abcesso no lugar picado pela agulha, o facto só poderá incorrer nos sustos e nas censuras dos ignorantes e dos timoratos, pois os observadores rasoaveis sabem bem que n'um ou n'outro caso póde formar-se um abcesso no sitio da injeccão hypodermica.

Uma gotta de agua distillada injectada na pelle é inoffensiva. Mas n'um ou n'outro individuo póde provocar a formação de um abcesso.

Portanto, pondo de parte o apparecimento dos pequenos pontos avermelhados, que nada significa para a questão da doença attenuada, nada ha que indique as propriedades virulentas das vaccinas humanas anti-rabicas usadas diariamente no laboratorio francez. Perante a especie humana essas vaccinas serão de um poder toxico, superior ao do acido cyanídrico; mas o sr. Pasteur ainda não o demonstrou.

Em dois mezes nunca observei nos individuos mordidos quaesquer symptomas que indicassem a virulencia especial das vaccinas inoculadas.

Alguns medicos francezes e estrangeiros, que ali se succediam constantemente assistindo ás inoculações, perguntaram-me se eu porventura teria notado em algum inoculado symptomas de uma doença attenuada provocada pela vaccina. Respondi sempre pela verdade: que nunca tinha tido occasião de observar taes symptomas.

A outros medicos francezes e estrangeiros que ali se succediam constantemente, assistindo ás inoculações, perguntei se por ventura já teriam observado nos inoculados algum symptoma que pudesse ser attribuido á introduccão de uma vaccina virulenta. Responderam sempre pela verdade: que os mordidos não apresentavam em periodo algum do trata-

mento o menor signal de terem recebido em injeção hypodermica uma substancia dotada de propriedades virulentas attenuadas, que, segundo o sr. Pasteur, actuavam no homem no periodo de alguns dias, prevenindo a raiva furiosa.

Alguns, faziam favor de me ponderar que não era necessario os mordidos apresentarem symptomas provocados pelas inoculações; que se apparecessem esses symptomas, o methodo ficaria desacreditado porque ninguem se vaccinaria, temendo contrahir a raiva; que finalmente estava tudo provado por causa da estatistica.

Consultando-se todas as notas e communicações scientificas do sr. Pasteur, desde que elle inaugurou os seus trabalhos sobre a raiva, não se fica sabendo por que ordem de reacções apreciaveis, passadas no homem, é que poderemos affirmar que a medulla de um coelho rabico diluida n'um caldo esterilizado, representa perante a especie humana um papel ainda mais perigoso do que o virus da raiva furiosa do cão das ruas, deposto na superficie de uma mordedura.

Nas explicações trocadas entre o sr. Pasteur e um ou outro membro da academia das sciencias, ao serem apresentadas as notas sobre a raiva, explicações que constam das actas da mesma collectividade de 24 de janeiro de 1881, até á nota complementar de 12 de abril do corrente anno, apenas se encontram justos desabafos de patriotismo academico e de amor patrio, mas nada, absolutamente nada que diga respeito á prova bacteriologica e clinica sobre as propriedades de que goza a medulla de um coelho rabico, quando é introduzida por injeção hypodermica nos tecidos humanos.

No relatorio do meu esclarecido collega o sr. Eduardo Burnay, sobre a viagem e tratamento dos tres menores Antonio Moreira Dias, Raul de Sousa Monteiro e José Moreira de Ascensão, lá se refere s. ex.^a á seguinte affirmação do sr. Pasteur, que existe na communicação scientifica de 26 de outubro de 1885:

*«Se as inoculações do sr. Pasteur não trouxessem immuni-
dade ao individuo, trazer-lhe-iam a morte, e morte mais pre-
coce, pois a ultima inoculação, das dez que constituem o pro-*

cesso vaccínico, é em si mais activa do que a mordedura do cão rabico.»

Rogo que se pense um pouco sobre esta singularissima maneira de dizer, que é do sr. Pasteur. Ainda hoje não ha uma só experiencia, não existe um só facto, mas facto bem comprehendido e julgado, que auctorise o illustre chimico a poder avançar semelhante proposição — de que a ultima vaccina na especie humana é em si mais activa do que a mordedura do cão rabico. E todavia apoz a primeira inoculação, a de Meister, o sr. Pasteur estabeleceu immediatamente que se as suas inoculações não produzissem immunnidade produziriam a morte: que Meister estava vivo, logo as vaccinas eram efficazes!

Supponhamos que foi correcta e prudente aquella novissima fórma de *demonstração medica*, e serio aquelle passaporte, que protege e absolve todas as prophylaxias da raiva. N'esse caso, pergunta-se: e hoje? Hoje que já têm morrido bastantes inoculados, ainda poderá subsistir a declaração do sr. Pasteur, de que se as suas vaccinas não trouxessem immunnidade ao individuo, trazer-lhe-iam a morte?

As creanças supportaram bem as inoculações e nenhuma d'ellas até hoje apresentou algum symptoma, demonstrando que tivesse recebido um virus mais activo que o da mordedura de um cão enraivado. Que as creanças, durante o tratamento, não manifestaram por qualquer symptoma o character virulento da inoculação, lá o affirma o illustre relator na seguinte passagem:

«As creanças supportaram bem, a não ser uma, que a principio se assustava mais, as inoculações, cujo manual é o das injecções hypodermicas, e cuja substancia (espinhal-medulla, de coelho morto de raiva, desfeita em caldo neutro) não tem character sensivelmente irritante. Apenas as ultimas picadas produziram consecutivamente algum rubor local, o que quasi sempre succede.»

Durante o tratamento, um dos menores appareceu doente. Mas a doença era completamente estranha á acção das inoculações, como diz o sr. Eduardo Burnay:

«Durante o tratamento, mas sem qualquer relação com elle, manifestou-se no menor Raul uma conjunctivite, acompanhada de keratite phlyctenoide, que acabou por produzir ulceração da cornea.»

Nas monographias, publicadas em França, destinadas á vulgarisação das inoculações anti-rabicas, affirma-se invariavelmente que uma só gota das ultimas vaccinas inoculadas no homem bastaria para fulminar um cão, porque essa vaccina é ainda mais virulenta do que o virus da raiva furiosa que costuma apparecer na raça canina. Mas não apontam a qualidade e a quantidade dos symptomas observados no homem, por quem e em que occasião foram observados para poderem affirmar de que se trata realmente de uma vaccina humana do maximo grau de virulencia. Pelo contrario escrevem que as inoculações não produzem a menor perturbação.

Um dos mais ardentes vulgarisadores e amigo pessoal do sr. Pasteur, o dr. James, escreve na sua noticia sobre a raiva:

«Eh quoi! serais-je tenté de m'écrier, voilà un virus, le numéro 2, par exemple, dont une goutte suffit pour tuer le chien le plus robuste, et c'est par seringuées pleines que vous l'injecterez dans les veines d'un homme! Et cet homme n'éprouvera ni une démangeaison dans la piqure, ni un simple spasme au gosier, ni enfin quoi que ce soit d'insolite! Je ne saurais trop le répéter, ce qui vous inoculez, c'est le poison lui-même.»

•L'inoculation du virus rabique n'impressionne pas plus l'organisme que si c'était de l'eau claire.»

Consultando-se todos os trabalhos do sr. Pasteur sobre as doenças virulentas, sobre as propriedades, efeitos e applicações das vaccinas preservativas, lendo-se a serie de discussões a que aquelles trabalhos deram origem em differentes institutos scientificos, attendendo-se ao immenso numero de auctores que têm vulgarisado as doutrinas bacteriologicas e clinicas do glorioso experimentador francez, finalmente, analysando-se tudo que sobre doenças virulentas tem saído dos laboratorios praticos e dos gabinetes de ensino theorico — em tudo encontrar-se-ha sempre um principio dominante,

accessível a todas as comprehensões, acceito por todos os observadores e respeitado pelo proprio sr. Pasteur e por todos os seus discipulos, amigos e admiradores.

Consiste esse principio em que as vaccinas inoculadas nos animaes de uma determinada especie, com o fim de os preservar de uma doença virulenta, devem indicar a sua actividade nos organismos em que são introduzidas, por um ou mais symptomas attenuados da doença mortal. Uma vaccina deve produzir uma doença.

A não existir esta prova, a unica que nos pôde guiar no conhecimento e apreciação do poder vaccinico de uma substancia, perante o organismo em que é introduzida, ficámos completamente desarmados de meios experimentaes, para em boa e sã physiologia pathologica podermos acceitar como certa a actividade virulenta da substancia empregada como vaccina.

Entre esses livros que tratam das novas doutrinas de bacteriologia medica, citarei o do chimico Duclaux, intitulado «*Le microbe et la maladie*». Lá se encontram as doutrinas da immunnidade, da attenuação do virus, da virulencia das vaccinas e dos phenomenos a que estas dão origem, quando são inoculadas nos animaes. O principio dominante da prophylaxia das doenças virulentas lá existe em todo aquelle livro. Tratando da doença provocada pela vaccinação escreve terminantemente aquelle auctor:

«La grandeur et la durée de la protection devront en outre croître avec la grandeur de la modification subie, c'est-à-dire avec la gravité ou la durée de la maladie virulente, et on ne saurait par suite attendre d'une maladie bénigne une longue et solide immunité. Le vaccin doit rendre réellement malade quand il doit protéger contre une maladie sûrement mortelle, comme le charbon; mais alors, pour éviter tout péril, on peut faire la vaccination en deux fois, avec deux vaccins inégalement atténués. Le second, le plus virulent, devra seulement être appliquée au moment où l'action faible et indécise du premier n'a pas encore disparu: c'est la pratique de toutes les vaccinations dangereuses. Pour la variole, le cas est moins grave; une courte maladie vaccinale suffit dans la grande majorité des cas, mais pas toujours.»

E a raiva não será, na opinião de bons auctores, e segundo o proprio sr. Pasteur, uma doença mortal? N'este caso a vaccina anti-rabica produzirá realmente alguma doença, que proteja o inoculado contra os effeitos mortaes da raiva? Trata-se de uma doença real, benigna ou attenuada, de uma doença que se manifeste por symptomas apreciaveis, por uma certa ordem de manifestações visiveis que cáiam directamente sob o dominio da bacteriologia medica e da experimentação clinica. Não se trata de quaesquer alterações chimicas ou reacções physio-pathologicas, passadas mysteriosamente na intimidade dos tecidos humanos. Póde ser que se dêem essas modificações, mas então caminhámos para a hypothese, para o desconhecido. E n'este caso se quizermos ir ás causas primeiras d'esses phenomenos, chegaremos, segundo a expressão de Bacon, a uma *causa surda*, causa boa, mas que não póde responder ás nossas perguntas, porque as não ouve: é surda. Mas eu estou no campo da experiencia, estou perguntando á pathologia experimental quaes são os factos que ella tem archivado, quaes são as provas que ella tem recolhido, para poder affirmar que a medulla de um coelho rabico contém perante o homem, um virus rabico ainda mais virulento do que a baba de um cão atacado de raiva furiosa.

O ultimo auctor que citei não póde ser suspeito ao illustre sabio, em virtude da seguinte noticia da sessão da academia das sciencias de Paris de 27 de abril de 1886:

«Mr. Pasteur présente également, en l'accompagnant de commentaires élogieux, un ouvrage de mr. Duclaux récemment paru sous le titre: *Microbe et maladie*. Cet ouvrage est en quelque sorte la 2^e édition condensée et entièrement refondue d'un ouvrage précédent du même auteur (*Ferments et maladies*). Il est complètement au courant des travaux modernes et peut être considéré, dit mr. Pasteur, comme la consécration des idées régnautes en matière de microbiologie et de l'importance que cette nouvelle branche de la science acquiert de jour en jour dans le domaine de la médecine. Mr. Pasteur se félicite de voir ces idées, qui sont en partie les siennes, jeter des racines de plus en plus profondes dans le monde scientifique. Les quelques dissidents qu'elles rencontrent encore, et dont l'opposition est plutôt utile que nuisible à sa cause, n'empêcheront vraisemblablement pas leur triomphe de devenir définitif.»

Eu pela minha parte confesso que, seguindo por quasi dois mezes, e com a assiduidade de que me foi possível dispor, a pratica das inoculações anti-rabicas, caminhei sempre de surpresa em surpresa á proporção que via partir uns e chegar outros, sem notar em qualquer d'elles a menor perturbação que indicasse a existencia de propriedades activas da substancia inoculada, e que essas propriedades fossem de uma virulencia fixada em sete dias, isto é, superior á do virus-rabico natural da raça canina.

Poderá dizer-se que, sendo longo e muito variavel o periodo da incubação da raiva, naturalmente contrahida pela mordedura de um animal enraivado, é possível que seja tambem longo e variavel o periodo da incubação da vaccina artificial, inoculada no homem. Muito bem; mas no primeiro caso, que ninguem pôde pôr em duvida, conhece-se os resultados da mordedura, observa-se os effeitos do virus rabico do cão: é a raiva francamente declarada no mordido. E no segundo caso, quando o mordido e depois inoculado contrahe a raiva, e morre, a que é isso devido — ao virus rabico do cão, ou ao virus da vaccina, com toda a certeza virulento, como affirmam? Se a morte é devida ao virus rabico do cão, a vaccina preservativa não é tão efficaç, como escrevem: se a morte é devida á vaccina preservativa, esta não é tão inoffensiva como dizem.

Em pathologia experimental, n'aquella pathologia que raciona e compara, que estuda e resolve, vendo, ouvindo e interrogando, como se poderá affirmar auctoritariamente que as substancias empregadas nas inoculações humanas anti-rabicas, são activas, que essa actividade é virulenta, que essa virulencia é de character rabico, e que esse character rabico é mais violento e perigoso do que a baba de um cão atacado de raiva furiosa inoculada atravez uma mordedura, se os organismos em que ellas são empregadas não dão o menor indicio d'essa actividade e virulencia?

Mas são activas, virulentas e de natureza rabica nos cães e nos coelhos, dir-se-ha.

Porque?

Porque o sr. Pasteur, inoculando por trepanação essas vaccinas, observou que ellas provocavam o apparecimento da raiva n'aquelles animaes. Aqui os symptomas da doença demonstraram-lhe que no organismo d'aquellas especies, a substancia inoculada, era realmente virulenta. As medullas empregadas nos cinco primeiros dias de inoculação em Joseph Meister não eram virulentas, porque não enraivaram por trepanação dois coelhos testemunhas; diz o sr. Pasteur na sua nota scientifica de 26 de outubro de 1885. Eram portanto substancias sem acção prophylactica. Mas a medulla empregada logo no dia seguinte, isto é, na sexta inoculação, era virulenta e de uma virulencia mortal, porque inoculada por trepanação em dois coelhos testemunhas produziu a raiva n'estes animaes no fim de quinze dias de incubação; diz o sr. Pasteur na sua nota scientifica de 26 de outubro de 1885. Portanto Joseph Meister depois de receber uma vaccina sem character virulento, passou rapidamente a receber uma vaccina de uma virulencia mortal. E esta vaccina que matava os coelhos, com todos os symptomas da raiva paralytica, não provocou em Joseph Meister um só indicio de raiva paralytica, muda ou furiosa!

Tudo isto está em franca opposição a tudo que se conhece sobre a doutrina das vaccinações prophylacticas. É um novo systema medico, apresentado por um homem de genio e de trabalho. Por mais extraordinario que elle pareça, não deve ser repellido *a priori*, mas sim inscripto nos programmas do ensino medico e da experimentação bacteriologica.

XII

Poderá julgar-se pela leitura isolada d'este ultimo capitulo que eu pretendi affastar as bases scientificas da nova doutrina prophylactica e negar systematicamente a efficacia das vaccinações humanas anti-rabicas.

Não tenho tal pretensão, que seria injusta e insensata.

Não posso nem devo affastar as bases scientificas da nova doutrina, porque ellas lá existem em cinco annos de tra-

balhos pacientemente conduzidos pelo sr. Pasteur. São as experiencias que dizem respeito á localisação do virus rabico nos centros medulares e cephalicos dos cães e dos coelhos. São as observações relativas á transmissibilidade do germen virulento, deposto directamente por trepanação no cerebro dos cães e dos coelhos. São os processos de attenuação da virulencia rabica, conservada em cães e coelhos, e conduzida por muitos annos através aquellas especies. São as provas tiradas de vinte cães tornados refractarios á raiva. É o estudo nos cães e coelhos dos periodos de incubação artificial que fazem distinguir, não as ultimas consequencias de uma vaccina differentemente attenuada, pois todas causam a morte dos coelhos e dos cães, mas os seus differentes graus de virulencia, uma dando a morte mais rapida e outra produzindo a morte n'um periodo mais afastado do momento da trepanação.

Tudo isto é grandioso. Contestar o alcance e a nobreza d'estas conquistas, seria simplesmente ridiculo. Negar os altos destinos, a que ellas prepararam a pathologia da raiva seria uma deshumanidade, e uma prova de indisciplina mental desgraçadissima.

Mas note-se bem que me estou referindo ás experiencias, ás provas e contra-provas com vaccinas artificiaes, a que o sr. Pasteur, no seu laboratorio, tem sujeitado um certo numero de cães, caviaes, coelhos e macacos.

Passando para a especie humana, quiz simplesmente mostrar no capitulo anterior, que perante a pathologia humana está actualmente existindo uma absoluta falta de provas experimentaes que nos levem a affirmar com toda a convicção, que as vaccinas são virulentas e de uma virulencia de natureza identica, posto que attenuada, á doença que tem por fim evitar ou prevenir.

Se me disserem que perante a pathologia humana está dada alguma prova da actividade e virulencia das inoculações, nego terminantemente semelhante asserção. Nunca vi um ataque de raiva experimental ou attenuado. Não conheço um só auctor que narre um ataque de raiva experimental provocado pelas vaccinas.

Agora, se me disserem que a applicação do systema é de hontem, que a doutrina é nova, que o methodo está ainda rodeado por muitas obscuridades, etc., e que portanto é preciso esperar pacientemente pelos acontecimentos, para se ver até que ponto a pathologia os poderá acceitar, então sim; estarei de accordo.

— Se me disserem que é possível que as vaccinas actuem silenciosamente no organismo humano, embotando a sensibilidade cellular, ou deprimindo a motricidade das fibras; que é possível que as vaccinas actuem mysteriosamente no organismo humano reagindo sobre o sangue, sobre a lymphá ou sobre a myelina, dando origem á formação de productos que obstem á rapida colonisação do bolbo rachidiano pelo virus rabico natural; que é possível que as vaccinas actuem chimicamente no organismo humano, desdobrando-se em productos activos, capazes de neutralisar a virulencia do mal canino; se me disserem isto, e ainda mais cousas mysteriosas, mas possiveis, tambem estarei de accordo. Admitto até que a futura pathologia possa chegar a demonstrar a existencia da vaccina virulenta, no sangue, na saliva ou na urina, servindo-se do microscopico, da analyse bacteriologica, physica ou chimica e com a mesma segurança com que se faz a analyse espectral do sangue e a analyse chimica das urinas.

Em Hespanha, o sabio bacteriologista e austero medico, o sr. Ferran, depois da gloria de inaugurar e de praticar em mais de 50:000 pessoas o seu immortal systema prophylactico voltou a concentrar a sua actividade no laboratorio de Tortosa, onde trabalha constantemente, tão indifferente ao silencio que hoje o rodeia, como ao barulho que hontem, no momento do perigo, se fazia em volta do seu nome. D'ahi para cá tem produzido as seguintes publicações:

- 1.º — *El bacilo virgula, su cultivo y su morfologia.*
- 2.º — *Estadisticas de la inoculation preventiva del colera morbo asiático.*
- 3.º — *La inoculation preventiva contra el cólera morbo asiático.*

4.º — *Fundamentos racionales del método pasteuriano contra la rabia y explicacion de los fracasos ocurridos.*

As estatísticas constantes do primeiro, segundo e terceiro livro, certificadas pelos medicos das cidades e aldeias onde foi praticado o systema, visadas pelas auctoridades civis, reconhecidas e legalisadas pelos notarios, alcançam mais de 50:000 individuos inoculados. Em nenhum d'esses inoculados, absolutamente em nenhum, houve accidentes de importancia, produzidos pela inoculação. Por ali se vê que o sr. Ferran, inoculando e reinoculando segunda e terceira vez os individuos como entendia, exactamente como procedeu o sr. Pasteur nas vaccinas do carbunculo, e como actualmente procede nas da raiva, praticou e os seus ajudantes mais de 150:000 injeções da vaccina cholerică. Não passaram de 50 o numero de abcessos formados nos braços dos individuos inoculados durante a epidemia. O que dá um abcesso por 3:000 injeções. Nenhum dos abcessos produziu a morte. Como se vê, a injeção sub-cutanea de qualquer substancia medicamentosa produz perturbações locais, n'uma proporção muito maior, sem que isso deponha contra o medico, contra o methodo das injeções e contra as substancias injectadas.

O segundo livro é um tratado magistral das vaccinações preventivas contra o cholera. Não conheço livro onde existam mais bem traçados e discutidos os fundamentos experimentaes da etiologia parasitaria, as doutrinas da immuidade e das intoxicações, das vaccinas e da attenuação dos virus, etc.

Ali se responde com sciencia, com logica, com elevação, com documentos, experiencias, relatorios e estatísticas, a todos aquelles que, não tendo lido ás notas enviadas pelo sr. Ferran á academia das sciencias de Paris, onde elle referia todos os processos da sua immortal descoberta, e não se demorando mais de vinte e quatro horas nos pontos inficionados, chamaram *remedio secreto*, ás vaccinas preservativas, e negaram que as mesmas vaccinas produzissem o cholera experimental.

Não era assim: as vaccinas podiam ser analysadas e preparadas por quem quizesse estudar e trabalhar, as vaccinas

produziam quasi sempre nos inoculados um ataque de cholera experimental, como o affirmam muitos medicos e muitos relatorios medicos.

Quando a epidemia começou a cair com toda a intensidade sobre Valencia, ali tive occasião de observar no asylo das irmãs da caridade que todos os inoculados apresentavam symptomas de um cholera attenuado, não morrendo um só dos reinoculados, emquanto que os não inoculados, velhos e jovens religiosas, continuavam a ser dizimados pelo contagio.

Mas n'aquelle livro o sr. Ferran diz que pelo facto de alguns observadores não terem notado em todos os inoculados, o ataque do cholera experimental, em todos perfeitamente caracterizado, não se seguiria que a sua vaccina deixasse de ser efficaz. Esses factos, alem de constituirem rarissimas excepções, podiam ser attribuidos a circumstancias especiaes do individuo.

Na ultima publicação o sr. Ferran estabelece os fundamentos racionaes do novo systema do sr. Pasteur, accetando como este a origem parasitaria da raiva, muito embora não tenha ainda sido isolado o microbio da doença. O sr. Ferran, fundando-se em rasões scientificas e de analogia, é altamente favoravel ao novo methodo de prophylaxia anti-rabica. Declara que os casos de morte nunca serão tantos que cheguem a dar rasão aos adversarios systematicos da nova doutrina. Reconhece que por emquanto, só pelas estatisticas é que se poderá avaliar a efficacidade do systema. Que essas estatisticas parecem favoraveis ás inoculações anti rabicas. Finalmente com todo o empenho, trata de conciliar com a sciencia, o facto dominante da nova doutrina, notado por todos, e que está em completa opposição a tudo que a mesma sciencia tem estabelecido sobre as doenças virulentas e sua prophylaxia. É a falta absoluta de symptomas, que denunciem o ataque de raiva experimental. O eminente escriptor esforça-se por demonstrar que pelo facto da vaccina anti-rabica nunca produzir o menor phenomeno de virulencia na especie humana, não poderemos concluir que ella deixe de conferir immundade, pois bem pôde succeder que aquella qualidade

de vaccina seja dotada perante o homem, de uma acção puramente chimica, produzindo uma intoxicação attenuada, lenta, sempre benigna e nunca sensível perante os nossos methodos de experimentação. Não posso entrar em largas explicações, sobre a maneira por que o sr. Ferran entende que podem actuar as vaccinas anti-rabicas. Como para as explicações apresentadas pelo sr. Pasteur, falta ás do sr. Ferran a sanção da experiencia bacteriologica, da pathologia e da clinica. N'este ultimo campo, o sr. Ferran vae mais longe do que o sr. Pasteur, apresentando o argumento seguinte:

«Cada dia el terapeuta obtiene curaciones con medicamentos dados á dosis pequeñas que no determinan el menor efecto farmacodinamico: si esto es así, porque de las inoculaciones pasteurianas no han de poderse obtener efectos profilácticos, por mucho que parezcan inertes á causa de no producir ninguno de los efectos propios del virus rabico?»

Assim será. No campo das hypotheses tudo é possível.

Não duvido que se possa chegar a demonstrar que a medulla de um coelho morto de raiva paralytica, provocada por trepanação, gose perante o homem de uma actividade virulenta attenuada e da mesma natureza que o virus contido na baba e nos centros nervosos de um cão atacado de raiva furiosa.

Até este momento, porém, a microscopia, a bacteriologia medica, a physiologia, a pathologia humana, a chimica, a therapeutica, a prophylaxia e a clinica não possuem elementos de observação directa ou indirecta, para poderem affirmar que as vaccinas usadas pelo sr. Pasteur são realmente dotadas, perante a especie humana, de propriedades virulentas attenuadas, de character rabico.

Ha muitos casos de morte de individuos que depois de terem sido mordidos por cães, gatos e lobos, se sujeitaram á inoculação anti-rabica. Mas a prova que estes acontecimentos poderiam conter a favor d'essa virulencia, falla absolutamente, pois diz o sr. Pasteur que taes incidentes não podem ser attribuidos ás vaccinas inoculadas.

Em todas estas considerações nunca pensei um só momento em exigir uma demonstração scientifica da efficacia das inoculações anti-rabicas e de tal ordem que ella explique o *motivo* por que a introduccão da medulla de um coelho rabico n'um individuo mordido, previne o apparecimento da raiva.

Ninguem sabe, nem póde demonstrar por que é que um germen virulento transformado em vaccina, preserva da doença o individuo em que elle é inoculado. N'um meu escripto sobre o cholera-morbus tive occasião de insistir particularmente sobre a impossibilidade actual de se poder dar semelhante demonstração para variadissimas descobertas scientificas, muito antigas, quanto mais para os modernos systemas das vaccinações prophylacticas. O que se exige porém, para a prophylaxia anti-rabica, como para as da variola, do cholera, da febre amarella e do carbunculo, é a existencia nos inoculados, de symptomas despertados pela introduccão das vaccinas, a fim de se poder dizer que essas vaccinas são realmente activas e virulentas, o que é muito differente de se exigir a explicação d'essa virulencia.

O que se exige primeiramente é que a virulencia exista, que se manifeste por alguma maneira, para podermos partir de um facto muito positivo e seguro. Depois é que se seguirão as explicações e as theorias.

Poderá objectar-se que estas considerações nada significam, nada provam e nada valem perante a eloquencia dos numeros, perante as estatisticas: que sendo a estatistica favoravel, são superfluas todas as discussões, e inadmissiveis quaesquer trabalhos destinados á averiguação do assumpto pelos processos de experimentação medica: a estatistica tudo supprime e tudo resolve. Com effeito para o novo systema de prophylaxia anti-rabica, ha apenas as provas que derivarem das estatisticas.

Não se póde contestar a extraordinaria importancia da estatistica. Ella é um dos melhores elementos scientificos para o apuramento da verdade, e uma das garantias mais solidas para o bom credito de um systema medico. Mas n'um systema medico, a estatistica só em si não exprime toda a verdade,

não contém toda a certeza, não indica e não satisfaz todas as exigencias, não destroe todas as difficuldades, não apresenta e não resolve todas as duvidas. Sujeitos nas applicações medicas a guiarmo-nos tão sómente por o que disserem as estatisticas, desprezando completamente todos os outros methodos de analyse e de julgamento, é aminhar ás cegas, porque é esquecer todos os principios do exame experimental; é renegar da propria circumspecção com que o medico diariamente encara e julga os problemas mais simples da sua arte.

Claude Bernard nas suas lições de *physiologia operatoria*, onde desenvolve com um vigor intellectual e correccção scientifica inexcitaveis o character experimental da medicina, declara que muitas vezes, voluntariamente ou pela propria natureza das cousas, o homem, na impossibilidade de mudar as condições do phenomeno que observa, recorre a um methodo indirecto e constroe uma estatistica, apresentando-a como unica prova da sua descoberta: que isto porém não é sciencia, mas empirismo puro: que em medicina só se deverá fazer estatistica, quando se não poder fazer outra cousa, «*en médecine on fait souvent de la statistique; mais on n'en fait ou du moins on ne devrait absolument en faire que quand on ne peut pas faire autre chose.*»

Sem querermos incluir o novo systema prophylactico no numero das applicações puramente empiricas, pela consideração que a todos devem merecer os trabalhos do sr. Pasteur, forçoso é todavia confessar que a legitimidade scientifica das vaccinações humanas anti-rabicas está no actual momento absolutamente dependente da construcção de estatisticas.

A Claude Bernard, physiologista, cabe talvez com mais rigor o que já escrevi n'este relatorio ácerca de uma só demonstração do sr. Pasteur, chimico, — uma só das demonstrações physiologicas de Claude Bernard vale bem alguns seculos de medicina, algumas grosas de medicos e muitas toneladas de livros, grandes e pequenos, tratando de physica, de chimica, de hygiene, de therapeutica e de pathologia. Ninguem mais do que elle soube generalisar até á especie humana, as gran-

des leis da vida, mas tambem ninguem mais do que elle soube ser cauteloso, e recommendar aos outros que tambem se acautelassem contra as applicações cirurgicas ou medicas directas, cujos resultados não podessem ser apreciados no proprio homem. O que elle pensa sobre a estatistica, quando existe como unica prova de um emprehendimento scientifico, já o mostrámos. Claude Bernard era um theorico, dir-se-ha, e o sr. Pasteur está no campo da pratica, dos factos, da clinica. Assim será. Mas então seja-me permitido apresentar a opinião de um famoso pratico, de um homem só de factos e de clinica. O professor Vanlair, na segunda edição do seu magnifico livro: *Nevralgias, suas fórmulas e tratamento*, escreve ácerca dos tratamentos que só vivem de numeros, a passagem seguinte:

«Le numérisme, en soumettant à sa rigueur inintelligente les efforts de la pensée, annihile toute intuition et enlève à l'observateur la précieuse initiative de son jugement. Et encore, si les données fournies par les chiffres avaient une signification absolue! dans les propres déductions des numéristes, la sévérité apparente de la méthode ne se retrouve déjà plus.»

Vamos ás estatisticas da *cura da raiva*.

XIII

Quaes são os documentos de que podemos lançar mão para o estudo estatistico das vaccinações humanas anti-rabicas?

São os seguintes:

1.º

A communicação scientifica do sr. Pasteur de 26 de outubro de 1885, onde se refere a vaccinação de Meister, praticada a 6 de julho, e a de Jupille, praticada a 20 de outubro.

2.º

A communicação scientifica do sr. Pasteur de 1 de março de 1886, onde se refere que até áquelle dia tinham sido inoculados 350 mordidos. D'estes 350 inoculadas apenas

se sabe o nome, algumas condições individuaes e algumas circumstancias que acompanharam o incidente em 25 inoculados. Dos restantes não se conhece a natureza das provas invocadas a favor do character rabico das mordeduras. Refere-se um caso de morte: o de Luiza Pelletier. Ali diz o sr. Pasteur, que facilmente determinou a causa da morte. Inoculando uma pequena quantidade da materia cerebral da fallecida em dois coelhos, e reinoculando depois a medulla n'outros coelhos, estes morreram no fim de quinze dias. Que estes resultados experimentaes bastavam para demonstrar que o virus que matou a joven Pelletier era o virus do cão que a tinha mordido.

3.º

A nota complementar do sr. Pasteur de 12 de abril de 1886, onde se refere, que o numero total das pessoas tratadas ou em tratamento até aquelle dia era de 726, sendo 688 mordidas por cães e 38 por lobos, citem-se só 3 casos de morte. A estatistica é simplesmente apresentada da seguinte maneira :

França	505
Algeria	40
Russia	75
Inglaterra	25
Italia	24
Austria	13
Belgica	10
America do Norte	9
Finlandia	6
Allemanha	5
Portugal	5
Hespanha	4
Grecia	3
Suissa	1
Brazil	1
Total	726

4.º

A conferencia do distincto professor da faculdade de medicina de Paris, o sr. Joseph Grancher, proferida no dia 21 de junho do anno corrente, na exposição de hygiene urbana e publicada no dia 25 do mesmo mez na *Gazette hebdomadaire de médecine et de chirurgie*. Ali se refere que até áquella data (21 de junho) tinham sido vaccinadas 1:335 pessoas. Que os ajudantes do sr. Pasteur, encarregados da estatística, procedendo a um inquerito, acharam que 96 doentes tinha sido mordidos por cães enraivados porque n'uns a autopsia tinha revelado a existencia da doença, e as medullas de outros tinham produzido a raiva n'outro animal. D'estes 96 mordidos, formando uma primeira categoria (certeza experimental), morreu 1, o que dá uma mortalidade de 1,04 por 100 ou 10 por 1:000, conta redonda; que 644 individuos foram mordidos por cães enraivados, porque os symptomas observados nos animaes não permittiam duvidar da doença de que estavam atacados. D'estas 644 pessoas, formando uma segunda categoria (certeza clinica), sucumbiram 3 á raiva, o que dá uma mortalidade de 0,46 por 100 ou 5 por 1:000, conta redonda. Tenho a notar que esta divisão da certeza em clinica e experimental é em relação ao character rabico do animal aggressor. Para o homem nada dizem: não chegam mesmo a referir-se ás cauterisações, indicando se alguns dos mordidos tinham sido cauterisados e em que grupo foram collocados. Portanto é legitima a seguinte pergunta:— todos os 96 inoculados da primeira categoria foram sensiveis a acção virulenta das mordeduras? — todos os 644 inoculados da segunda categoria foram sensiveis á acção virulenta das mordeduras? Uns e outros já teriam morrido de raiva se não fossem as inoculações prophylacticas?

Diz-se mais na conferencia que n'aquellas duas categorias que comprehendem 740 pessoas, não entram 34 casos suspeitos de mordeduras feitas por cães vadios, sobre a doença dos quaes não se deram esclarecimentos precisos, muito embora houvesse n'este grupo um caso de morte. E acrescenta-se

que aquellas duas estatísticas, comparadas com as de Leblanc, sobre a raiva no departamento do Sena, dão uma mortalidade média de 7,5 por 1:000 em lugar de 160 por 1:000.

Como se vê, a differença é assombrosa, e muito de natureza a cortar por todos os escrupulos de quem quizer olhar simplesmente para aquella proporção.

Por mim noto a maneira laconica, e expedita, com que na estatística fornecida ao respeitavel sr. Grancher pelos ajudantes encarregados d'aquelle serviço, se joga com os numeros, a fim de poderem chegar o mais rapidamente possível a uma proporção tão eloquente, que n'uns provoque o entusiasmo, e que reduza outros ao maior silencio.

Não duvido por um só momento do trabalho, da dedicação e do estudo dos ajudantes encarregados pelos srs. Pasteur e Grancher de colligirem as estatísticas. O que ha são descuidos ou pressas que convem notar. Os inoculados até um momento divididos em duas categorias differentes, o que é muito aceitavel, porque a certeza experimental, fundada na inoculação da medulla do cão doente n'um animal são, depõe mais a favor da existencia da raiva, do que a certeza clinica, — (isto é, da certeza clinica, obtida pelo estado do cão) esta divisão desaparece, fundindo-se todos os inoculados n'um só grupo para darem a mortalidade média de 7,5 por 1000. Depois, sem terem na menor conta os cauterisados, comparam esta mortalidade média de 740 inoculados, com a mortalidade de uma estatística de Leblanc em que a proporção é de 160 por 1:000.

De Leblanc ha muitas estatísticas de differentes mortalidades; julgo, porém, que se queressem referir á que vae de 1878 a 1883, onde em 515 mordidos, houve 81 casos de morte, o que dá 15,7 por 100 ou 160 por 1:000, numeros redondos.

Mas porque não comparam a mortalidade dos inoculados com a estatística de Hunter, onde apenas 5 por 100 das peesas mordidas contraem a raiva, e não o triplo ou 15,7 por 100, como estabelece Leblanc?

Bouley, tão minucioso e exigente nas estatísticas da raiva,

ao discutir a mortalidade attribuida á raiva por alguns auctores, disse á academia de medicina de Paris, que no departamento do Sena a mortalidade causada pela raiva em quarenta annos tinha sido de 94 pessoas, o que dava 2,34 casos por anno em Paris. E referindo-se á estatistica de Hunter fez a seguinte declaração:

«En voyant combien les cas de rage sont rares sur l'espece humaine relativement au nombre des animaux de l'espece canine qui, chaque année, sont atteints de cette maladie, nous inclinons à penser que la proportion établie par Hunter est celle qui se rapproche le plus de la réalité: 5 pour 100 seulement des personnes mordues seraient vouées à la rage.»

A aceitarmos a estatistica de Hunter, haverá ainda uma extraordinaria differença entre a mortalidade ali assignalada 5 por 100 ou 50 por 1:000, e a que se estabelece na estatistica das inoculações, que é de 1,04 por 100 ou 10 por 1:000 para um grupo, de 0,46 por 100 ou 5 por 1:000 para outro grupo, ou de 7,5, mortalidade media, por 1:000.

Mas essa differença já assombra menos se preferirmos a estatistica de Hunter á de Leblanc. Vê-se pois que bastou mudarmos de estatistica comparativa para fazermos descer um dos termos da comparação de 160 por 1:000 a 50 por 1:000. E se soubessemos quantos individuos cauterisados figuram nos dois grupos, restringiríamos ainda mais á estatistica, pois estou no bom terreno da medicina experimental, affirmando e repetindo constantemente, que a questão das cauterisações é dominante na prophylaxia da raiva, e que são viciosas, imperfeitas e dignas da mais severa apreciação, todas as estatisticas em que se não attender ao momento em que o mordido foi cauterisado, e ao processo seguido na cauterisação. A rasão comprehende bem que as cauterisações destruindo a materia virulenta devem ser efficazes: a experiencia confirma brilhantemente as vantagens das cauterisações. Não ha um só escriptor que negue, para os effeitos do contagio, a enorme differença que vae das mordeduras não cauterisadas para as cauterisadas, distinguindo-se ainda aqui o momento e o systema da cauterisação. Todas as estatisticas estabelecem,

uma grande differença de mortalidade entre os individuos cujas mordeduras tenham sido cauterisadas, e aquelles que não tenham passado pelo menor tratamento local.

Que utilidade ha em cortar por tudo isto? Nenhuma.

Pelo contrario, até julgo que em grave falta incorre o escriptor, educando o publico na falsa idéa de que existe uma só prophylaxia efficaz contra a raiva, e que esse systema é o do sr. Pasteur. Concorre d'esta maneira para se esquecer e desacreditar a pratica das cauterisações, que ainda hoje é de uma utilidade incontestavel. Ainda hoje não podem ser desprezadas as seguintes declarações feitas por Tardieu n'um dos seus relatorios sobre a raiva:

«La question qui nous reste à examiner est sans contredit celle qui offre l'intérêt pratique le plus considérable, et sur laquelle il serait le plus utile que l'opinion non-seulement des médecins, mais encore du public tout entier, fût éclairée et définitivement fixée. Nous voulons parler de l'utilité absolue et de l'efficacité relative des moyens destinés à empêcher le développement de la maladie chez les personnes mordues par des animaux enragés, notamment de la cautérisation à l'aide des divers caustiques.»

Segue Tardieu mostrando as estatisticas onde manifestamente apparecem as funestas consequencias da não cauterisação das mordeduras, e conclue:

«On ne saurait donc répéter avec trop d'insistence que le seul refuge contre ce mal redoutable, est la cautérisation immédiate avec le fer rouge et que tout autre moyen compromet l'avenir par la perte irréparable des seuls moments où le traitement préventif est applicable.»

O sr. Pasteur em 1884, em vista do documento que eu transcrevi do *Journal de médecine de Paris*, tambem dava grande importancia ás cauterisações, pois, segundo refere aquelle jornal, o illustre sabio assim se exprimia:

«Les cautérisations que vous avez pratiquées doivent vous rassurer pleinement sur les conséquences de la morsure.»

Dois annos depois na estatistica de 25 mordidos, apre-

sentada á academia das sciencias, em nota de 1 de março de 1886, o sr. Pasteur avança que quarenta e oito horas depois da mordedura, ha rasão para se não praticar a cauterisação:

«Jeanne Pazat, âgée de 7 ans, de Marenil (Dordogne), mordue le 12 novembre par un chien reconnu enragé, par le docteur de Pindray. Ne s'est présentée que quarent-huit heures après l'accident au docteur de Pindray qui a jugé, avec raison, qu'il n'y avait pas à pratiquer la cautérisation.»

É certo que as cauterisações tardias estão muito e muito longê de offerecerem as mesmas vantagens que as cauterisações feitas logo depois do incidente. Mas ha muitos e muitos casos de cauterisações efficazes, empregadas duas, tres e seis horas depois da mordedura. Alguns auctores respeitaveis levam tão longe a sua propaganda pelas cauterisações, que admittem a efficacidade do systema, empregado dias depois da aggressão.

O professor Emiliani de Bologne narra que foram mordidas tres pessoas por um cão enraivado. No fim de seis dias foram cauterisados dois mordidos; o terceiro recusou-se a soffrer a cauterisação. Este ultimo só é que falleceu de raiva, d'ahi a vinte e sete dias.

O professor Gosselin de Paris narra que uma rapariga de dezoito annos foi mordida por um cão. Este foi recolhido á escola de Alfort, onde morreu de raiva. A familia da rapariga preocupada com o acontecimento, decidiu-se a enviar a mordida para o hospital Cochin. Tinham-se passado oito dias: apesar d'esta epocha tardia, Gosselin decidiu-se a cauterisar as profundas mordeduras da rapariga, engrandecendo-as com o bisturi e introduzindo-lhes algodão em rama embebido em manteiga de antimónio. Quatro annos depois a rapariga vivia com perfeita saude.

Em vista d'estes factos, que estão bem averiguados, se o dr. de Pindray cauterisasse as mordeduras, procederia com rasão.

O sr. Pasteur julga, que duas horas depois da mordedura

as cauterisações já não offerecem garantias prophylacticas, emquanto que o systema das inoculações conserva a sua acção por um tempo illimitado. Isto é, pensa que o seu tratamento pôde ser efficaz em qualquer momento que elle intervenha, emquanto não apparece algum symptoma agudo da raiva. Foi o que o sr. Pasteur declarou á academia das sciencias de Paris em nota do 1.º de março de 1886:

«Il semble que le traitement puisse être efficace à quelque moment qu'il intervienne, tant que les symptômes aigus de la rage n'ont pas éclaté.»

O dr. James na sua memoria *La rage; avantages de son traitement par la méthode Pasteur*, onde defende calorosamente as vaccinações anti-rabicas, separa-se todavia das communicações scientificas apresentadas pelo illustre chimico, relativas á inefficacia das cauterisações tardias, e ao poder das inoculações em qualquer epocha mais ou menos afastada do momento em que o individuo foi mordido. Escreve aquelle auctor:

«Au bout de quarante-huit heures, les cautérisations seraient frappées d'impuissance, tandis que les inoculations conserveraient leur action pour un temps illimité.»

«Mr. Pasteur est-il bien sûr que, dans l'appréciation de ces deux méthodes, il n'a pas éprouvé pour la sienne un de ces petits faibles dont les paternités les plus robustes ont tant de peine à se défendre?»

O sr. Pasteur entendia em notas anteriores que o seu methodo seria tanto mais efficaz quanto menor fosse o periodo decorrido entre o acto da mordedura e o da inoculação. Depois modificou a sua opinião. Porque? Porque começando a vaccinar todos os individuos que se lhe apresentavam 6, 10, 15, 20, 30 e 50 dias depois das mordeduras, observava, que por isso não augmentavam os casos fataes. Muito bem. Mas isso nada depõe contra as cauterisações.

Não foi por uma só vez, mas sim por muitas e muitas vezes que ouvi dizer no laboratorio do sr. Pasteur, que as

cauterisações não offereciam a menor garantia prophylactica: por isso eram vaccinados indistinctamente os cauterisados e os não cauterisados, e mais do que isso, n'aquella epocha eram tambem vaccinados os individuos que ali se apresentavam fazendo a simples declaração verbal de terem sido agredidos por cães ou gatos enraivados.

Por um nobre sentimento de humanidade e em face das agonias dos clientes, o sr. Pasteur não podia excluir ninguém.

Eram admittidos ao tratamento; e era de notar a franca alegria que se apoderava dos inoculados á proporção que iam passando os dias do tratamento. Observei estes factos n'aquella epocha em que as inoculações eram praticadas pelo sr. Grancher, estando á porta do laboratorio o proprio sr. Pasteur, que com todo o cuidado e rigorosa disciplina se assegurava da identidade de cada cliente.

Como é bem sabido os biographos do sr. Pasteur narram que o illustre sabio, n'uma certa epocha dos seus trabalhos, foi atacado de uma hemiplegia. E com effeito, como notam todos os observadores, o sr. Pasteur ainda lucta contra a paralyisia da perna, e principalmente contra a do braço esquerdo. N'este verão, aggravou-se-lhe este estado indo o sr. Pasteur descançar por algum tempo para uma das suas propriedades, fóra de París. O sr. Grancher saiu tambem em viagem para fóra d'aquella capital. Já estão dirigindo novamente aquelles trabalhos.

Mas na ausencia dos directores, ficou tudo entregue aos ajudantes, que continuaram com a maior dedicação a vaccinar todos os individuos que ali affluíam diariamente.

Que admira pois que antes de um anno appareçam 3:000 individuos inoculados e que se diga que foram 3:000 vidas arrancadas á morte pela raiva?

É pouco se attendermos bem ao papel mais ou menos triste que a imaginação de nós todos está sujeita a desempenhar, se qualquer de nós for mordido por um cão enraivado ou por um cão simplesmente atacado pela *ascaris marginata* ou pela *tonia serrata*, o que costuma tornar o animal furio-

so, obrigando o a morder tudo que encontra na carreira em que vae, acossado pela pedra, pelo pau e pelo pregão — *mata que está damnado!*

No laboratorio da escola normal eram tratadas com todo o cuidado as mordeduras dos clientes. Em alguns as mordeduras apresentavam um aspecto feio, devido á acção dos differentes causticos e de pomadas irritantes, que tinham sido usadas pelos mordidos nas suas respectivas terras. Com os cuidados dos praticantes do laboratorio, em poucos dias as feridas tomavam um melhor aspecto. As cauterisações, que muitas vezes ali se viam obrigados a fazer, eram destinadas a regularisar e facilitar a marcha da cicatrização, porquanto, como meio prophylactico contra a raiva, nenhuma importancia lhe davam: ouvi dizer muitas e muitas vezes.

Hoje decididamente, em vista da nota scientifica do sr. Pasteur de 2 do corrente mez de novembro, lida em seu nome á academia de medicina pelo secretario perpetuo d'esta notavel corporação, não se liga no laboratorio a menor importancia prophylactica á limpeza e cauterisação das mordeduras. O sr. Pasteur não se refere por uma só vez ás cauterisações pos seus clientes. Saudando o novo trabalho do sabio e do benemerito, desejaríamos depois saber quantos e quaes foram os mordidos que ao menos limpavam as feridas, antes de seguirem para Paris.

Como se enganava Lister, discorrendo sobre o poder da limpeza nos traumatismos! Como se enganava Tardieu, re-commendando em constantes relatorios, apresentados em doze annos, a cauterisação das mordeduras! Como vivemos enganados, pobres e ricos, sabios e ignorantes, nobres e plebeus, tolos e sizudos, chupando, lavando ou espremendo o dedo picado por uma agulha, quanto mais mordido por um dente suspeito!

É claro que se no laboratorio do sr. Pasteur, confessassem que as cauterisações eram efficazes, ficariam sujeitos á seguinte duvida, que na minha opinião é muito admissivel: *os individuos cauterisados depois da mordedura e mais tarde sujeitos ao tratamento do sr. Pasteur, ficam livres da*

raiva, pelos effeitos da cauterisação ou pela acção das inoculações?

Ácerca das mordeduras produzidas por lobos enraivados apresentam-se ali os seguintes dados estatísticos. Que em 48 individuos mordidos antes do dia 22 de abril por lobos enraivados, houve 7 casos de morte, ou 14,5 por 100 ou 145 por 1:000. Mas que uma estatística fornecida ao sr. Pasteur indica uma mortalidade de 82 por 100 ou 820 por 1:000, em seguida á mordedura por lobo enraivado, e que a estatística do sr. Brouardel dá uma proporção de 67 por 100 ou 670 por 1:000. Que portanto é consideravel a distancia que ha entre os dois resultados.

Eu direi que em face de uma estatística especial, é realmente consideravel a distancia que vae da mortalidade causada pela mordedura do lobo enraivado, antes da vaccinação, á mortalidade produzida pelas mesmas causas, depois da vaccinação. Mas em face de outra estatística especial essa distancia diminue consideravelmente. O coefficiente da mortalidade depois da vaccinação fica ainda muito inferior ao que existe nas estatísticas anterior á vaccinação; mas essa differença já assombra menos e é ali que desejo chegar.

A estatística fornecida ao sr. Pasteur, ácerca da mortalidade de 82 por 100 nas mordeduras de lobo não foi apresentada na conferencia do sr. Grancher. Porém se quizermos conhecer a mesma estatística, para podermos raciocinar com descanso, não temos mais do que consultar a nota do sr. Pasteur de 11 de abril do corrente anno. É ali que apparecem os oito documentos.

Uns são dos principios do seculo passado (1706), outros dos principios d'este seculo (1806, 1811, 1812 e 1822). Os mais recentes são de 1849, 1866 e 1874. Alguns d'estes documentos foram extrahidos dos registos mortuarios, e outros transcriptos de jornaes d'aquellas epochas ou noticiados ao sr. Vulpian, por individuos das localidades em que os factos se passaram. A proporção da mortalidade é muito differente de uns casos para os outros. Mas reunindo todos os mordidos como fizeram os ajudantes, chega-se a obter 52, e reunidos

todos os casos de morte, como fizeram os ajudantes, chega-se a obter 43, o que dá a proporção de 82,69 por 100 ou em numeros redondos, 82 por 100, ou 820 por 1:000. Comparando com esta proporção aquella que resulta das vaccinações, em que a mortalidade é de 14 por 100 ou 140 por 1:000, vê-se bem a differença.

Mas, porque não havemos de fazer uma estatistica fundada nas observações communicadas pelo dr. Cazagne? Não são antigas, são modernas. Não apparecem em revistas de sciencia ou de litteratura, desaffeiçoadas ao systema das vaccinações anti-rabicas. Estão publicadas n'um jornal, cujos redactores são os poderosos *leaders* da poderosissima clinica anti-rabica praticada no laboratorio do sr. Pasteur. É na propria *Gazette hebdomadaire* que se encontram essas observações, d'onde resulta que a mortalidade causada pela mordedura do lobo enraivado está na proporção de 26 por 100 ou de 260 por 1:000.

Ainda assim, é grande a distancia que vae á proporção da mortalidade estabelecida pelas vaccinações, que é de 140 por 1:000. Mas aqui, como para as estatisticas das mordeduras do cão, bastou mudarmos de estatistica comparativa, para fazermos descer um dos termos da comparação de 820 por 1:000 a 260 por 1:000.

Nas estatisticas da mortalidade causada pelo lobo enraivado seria importante distinguir os que morrem pelas consequencias dos graves traumatismos da face, que geralmente costumam existir, dos que succumbem só pelas consequencias da inoculação virulenta. Comprehende-se que seria importante fazer-se esta distincção para a maior regularidade da estatistica e maior segurança do nosso julgamento. Mas nada d'isto se tem podido estabelecer, por ser muito resumido o numero de casos de raiva produzida pelo lobo, poucos e pouco explicitos os documentos que existem ácerca d'esses acontecimentos.

Devo agora transcrever uma passagem da conferencia do sr. Grancher, onde o respeitavel professor, com as informações estatisticas que lhe foram fornecidas compara a efficaci-

dade das tres vaccinas mais habitualmente usadas, chegando a concluir que o poder d'essas tres vaccinas parece sensivelmente igual.

« Avant la vaccination Jennérienne, les non vaccinés mouraient de la variole dans la proportion de 500 pour 1:000; les mal vaccinés succombent, dans la proportion de 260 pour 1:000, et les bien vaccinés, dans la proportion de 23 pour 1:000. L'action préservatrice du vaccin Jenner est donc représentée par la valeur absolue de $500/23$, c'est-à-dire 21,70. En second lieu, les vétérinaires (au nombre de plus de 200) qui se servent du vaccin charbonneux, donnent les statistiques suivantes: mortalité avant le vaccin, 120 pour 1:000; mortalité après le vaccin, 5 pour 1:000 en moyenne. L'action préservatrice du vaccin charbonneux est donc représenté par là valeur absolue de $120/5$, c'est-à-dire 24. Enfin les statistiques comparées de M. Leblanc et de M. Pasteur donnent à l'égard de la rage les chiffres suivants: mortalité avant la vaccination rabique 160 pour 1:000; mortalité après la vaccination 7 pour 1:000. L'action préservatrice du vaccin rabique est donc présentée par la valeur absolue de $160/7$, c'est-à-dire 22,85. Ainsi, le pouvoir des trois vaccinés paraît sensiblement égal. »

Em seguida apparece-nos a redação d'aquelle importante jornal extasiada perante estes numeros que ficam transcriptos, dizendo que elles respondem victoriosamente ás objecções e ás negações systematicas apresentadas contra a nova doutrina prophylactica, etc.

É altamente condemnavel o procedimento d'aquelles que contra a nova doutrina só apresentam *negações systematicas*. A *pressão* que aquelle e muitos outros jornaes francezes pretendem exercer sobre os observadores, só pôde envolver os individuos que á nova doutrina oppõem *negações systematicas*. Este systema de proceder, que é velho, que costuma conspirar contra todos os inventores e contra todas as invenções, está fóra da discussão. Para os observadores porém que no comprimento do seu dever estudarem o assumpto com imparcialidade e socego, manifestando lealmente as suas opiniões, e não supprimindo as duvidas onde quer que ellas se apresentem— para esses não ha *pressão* alguma sufficientemente forte, que os desvie das suas convicções e de repararem n'aquillo que é ou que julgam ser problematico, incerto e duvidoso.

N'estas condições e fiel a um certo programma analytico que o assumpto requer, seja-me permittido dizer com todo o respeito, que não posso acceitar as conclusões a que chegou o illustre professor o sr. Grancher, relativas á sensível igualdade do poder das tres vaccinas. Reconheço o valor e o alcance dos factos ali invocados; mas parece-me que o assumpto bem deslindado deixa-nos muito perplexos.

Eis *alguns valores absolutos* da vaccina rabica em face de algumas estatisticas:

Mortalidade antes da vaccinação rabica	Mortalidade depois da vaccinação rabica	Valor absoluto da acção preservadora da vaccina rabica
	(b)	
Leblanc 160 por 1:000 (a) ..	7 por 1:000	160/7 ou 22,85
Duchene 23 por 1:000.....	»	23/7 ou 3,28
Hunter 50 por 1:000.....	»	50/7 ou 7,14
Renault 350 por 1:000.....	»	350/7 ou 50
Brouardel 330 por 1:000 (c)...	»	330/7 ou 47,14
Brouardel 930 por 1:000 (d)...	»	930/7 ou 132,85
Proust 120 por 1:000 (c)...	»	120/7 ou 17,14
Proust 780 por 1:000 (d)...	»	780/7 ou 111,42
Bucher 110 por 1:000 (c)...	»	110/7 ou 15,71
Bucher 940 por 1:000 (d)...	»	940/7 ou 134,28

(a) Este numero designa 1:000 individuos de Paris, mordidos por cães enraivados, enquanto que o mesmo numero da segunda columna, designa 1:000 individuos provenientes de todos os paizes, mordidos por cães ou gatos enraivados e não enraivados.

(b) Esta proporção de 7 por 1:000 foi obtida em vista dos resultados obtidos até 21 de junho de 1886, data da conferencia do sr. Grancher. Mas em 1 de outubro d'este mesmo anno, o numero dos inoculados de todos os paizes já estava em 2:323, e o numero dos fallecidos de todos os paizes em 35. Portanto a proporção da mortalidade já não é de 7 por 1:000, mas sim de 15 por 1:000. Comparada esta nova mortalidade com a de Leblanc o valor absoluto da vaccina rabica é de 160/15 ou 10,66 e não de 160/7 ou 22,85. A ultima estatistica do sr. Pasteur já modifica esse valor absoluto. E as futuras estatisticas continuarão a fornecer numeros que nos levem a um valor absoluto diferente do que foi estabelecido a 21 de junho d'este anno. Vê-se portanto quanto são prematuras e falliveis todas as considerações destinadas a igualar a acção preservadora da vaccina rabica, á das outras vaccinas.

(c) Cauterisados.

(d) Não cauterisados.

O respeitavel professor quer saber qual é o numero que representa a acção preservativa da vaccina rabica. Para isso compara a mortalidade depois da vaccina, que é de 7 mortes por 1:000 mordidos (cosmopolitas), com a mortalidade antes da vaccina constante de uma estatistica especial, a de Leblanc, onde essa mortalidade é de 160 mortes por 1:000 mordidos, (Mordidos em Paris por cães enraivados segundo Leblanc).

Portanto a acção preservativa da vaccina rabica é representada pelo valor absoluto de $160/7$, isto é, 22,85. Muito bem. Mas tambem é bom saber-se que, variando de estatistica comparativa, varia tambem esse valor absoluto, e portanto qual d'elles é que devemos acceitar, como sendo a expressão da verdade, a fim de o compararmos com o valor absoluto das outras vaccinas?

Acceitando como certo que a acção preservadora da vaccina Jenner é representada pelo valor absoluto de $500/23$, ou 21,70, e que a acção preservadora da vaccina carbunculosa é representada pelo valor absoluto de $120/5$, ou 24, vê-se bem claramente por este quadro que o unico valor absoluto da chamada vaccina Pasteur, que mais se aproxima das outras duas, é o primeiro, isto é, aquelle que se obtem pela estatistica de Leblanc. Se seguirmos porém as outras estatisticas, concluiremos *que o poder da vaccina rabica é sensivelmente desigual do poder das outras duas vaccinas.*

Acceitemos porém, como no laboratorio do sr. Pasteur, que a estatistica de Leblanc é a unica que offerece todas as garantias de certeza, e que portanto o valor absoluto da acção preservadora da vaccina anti-rabica é de 22,85 e não de 3,28 ou de 7,14 ou de 50, ou de 132,85, etc.

Neste caso temos de estudar o valor absoluto das outras vaccinas, para sabermos se são aquelles e só aquelles os valores que lhes devem ser attribuidos.

Tenho primeiramente a fazer notar um facto, que aliás não terá passado desapercibido ao observador cuidadoso.

Disse o illustre conferente que antes da vaccinação Jenne-

riana os não vaccinados morriam na proporção de 500 por 1:000 e que agora os mal vaccinados succumbiam na proporção de 260 por 1:000, e os bem vaccinados na proporção de 23 por 1:000.

Ora o numero 1:000 designa individuos atacados de variola, dos quaes morriam 500 antes da vaccinação e agora só 23 depois da vaccinação bem feita, ou esse numero 1:000 designa um grupo de habitantes, dos quaes só uma doença, a variola, atacava e matava á sua parte 500, antes da vaccinação?

De certo que aquelle numero 1:000 deve designar, individuos atacados de variola, dos quaes morriam 500, antes da vaccinação. A interpretação não póde ser outra, mesmo porque em nenhuma estatistica, absolutamente em nenhuma, existe a menor prova que nos auctorisae a dizer que antes da vaccinação Jenneriana, só a variola dizimava as nações na proporção de 500 casos de morte por 1:000 habitantes, ou de 500:000 para 1.000:000 de habitantes! Tal proporção absurda, levar-nos-ia a estabelecer que a França, dizimada pela variola, já não existia, quando appareceu Jenner, com o seu systema prophylactico.

Poderei affirmar que a variola é a doença que hoje possui maior numero de estatisticas. É incalculavel o numero de individuos vaccinados n'estes ultimos oitenta annos. É immensa a serie de documentos a consultar sobre a vaccinação anti-variolica.

Alem d'esses documentos, que são tantos quantos os medicos que diariamente praticam as vaccinações anti-variolicas, ha o estudo da doença, e por esse estudo nunca poderemos dizer que a prophylaxia anti-rabica visa aos mesmos fins e produz os mesmos resultados que a prophylaxia Jenneriana. N'esta como na do carbunculo, e em outros contagios especificamente determinados pela sua natureza bacillar, vamos produzir no inoculado um ataque benigno da doença attenuado, preparando-o para elle não contrahir a doença mortal, ou para reagir facilmente contra as consequencias da mesma doença nos casos excepçoes em que ella chegue a atacar

o individuo, apesar da inoculação. Na prophylaxia de Jenner, partimos constantemente do principio que o individuo não tem a doença. E por uma substancia muito menos virulenta do que o contagio natural, vamos provocar no individuo o apparecimento de uma doença experimental ou attenuada, que confere immundade. Na prophylaxia anti-rabica, o sr. Pasteur parte constantemente do principio, que o individuo já tem em si a raiva; e para a suffocar ou prohibir o seu apparecimento inocula n'esse individuo uma substancia ainda mais virulenta do que o contagio natural.

Mas continuemos, como o respeitavel professor o sr. Gran-cher, com as estatisticas da vaccinação anti-variolica.

Lendo-se, por exemplo, a *Historia da vaccinação* de Simon; *A vaccina e a vaccinação obrigatoria*; *Tractado da vaccina e da vaccinação humana e animal*, de Warlomont etc., pôde facilmente saber-se, para algumas cidades e nações, a proporção a que fica reduzida, por 1:000 habitantes, a mortalidade causada pela variola.

Antes da vaccinação	Depois da vaccinação
Mortalidade annual produzida pela variola em 1:000 habitantes	Mortalidade annual produzida pela variola em 1:000 habitantes
Londres..... 3 a 5	1871..... 0,243
Londres..... -	1872..... 0,054
Inglaterra..... 3	1871..... 1,824
Inglaterra..... -	1872..... 0,833
Prussia..... 3 a 4	1810 a 1850..... 0,056
Berlin..... 3 a 4	1810 a 1850..... 0,176
Austria..... 2 a 3	1807 a 1850..... 0,340
Westphalia..... 2 a 3	1816 a 1850..... 0,114
Suecia..... 1 a 1	1802 a 1816 (a)..... 0,479
Suecia..... -	1817 a 1877 (b)..... 0,179
Copenhague..... 3	1801 a 1850..... 0,286

(a) Vaccinação facultativa.
(b) Vaccinação obrigatoria.

Por este quadro se vê que antes da vaccinação Jenneriana, a mortalidade causada pela variola oscillava entre 1 por 1:000 ou entre 1:000 por 1.000:000 de habitantes, e 5 por 1:000 ou 5:000 por um 1.000:000 de habitantes. Depois da vaccinação, a mortalidade desceu ás proporções acima indicadas: 0,243; 0,054; 1,824, etc.

Portanto não pôde haver a menor duvida de que o sr. Grancher, estabelecendo a proporção de 500 por 1:000 antes da prophylaxia Jenneriana, quiz referir-se a 500 casos de morte pela variola, entre 1:000 individuos atacados de variola.

E assim temos; —de um lado, antes da vaccinação Jenneriana, 500 casos de morte pela variola, entre 1:000 individuos atacados de variola; —e por outro lado, antes da vaccinação Pastoreana, temos 160 casos de morte pela raiva, entre 1:000 individuos . . . entre 1:000 individuos atacados de raiva, ou mordidos por cães enraivados?

É preciso saber-se isto, aliás, a comparação não é legitima nem rigorosa. Na variola, temos 1:000 individuos revelando por uma serie de symptomas, que se encontram affectados por uma doença -- as bexigas. D'esses 1:000 doentes, morrem 500.

E na raiva? Na raiva, não temos 1:000 individuos atacados de raiva; temos 1:000 individuos, mordidos por cães enraivados: temos 1:000 individuos suspeitos. Mas só quando a revelarem, é que podemos contar-os no numero dos atacados. N'um caso ha 500 casos de morte pela variola entre 1:000 individuos atacados de variola: n'outro caso ha 160 casos de morte pela raiva entre 1:000 individuos, não atacados de raiva, mas mordidos por varios animaes.

Estabelece mais o respeitavel professor de Paris, que depois da vaccinação Jenneriana os bem vaccinados succumbem na proporção de 23 por 1:000.

É certo que uma boa immuidade está na relação directa de uma boa vaccinação. Uma vaccina que provoque no individuo o franco desenvolvimento de vesiculas vaccinicas, acompanhadas de uma reacção geral pronunciada, confere

uma boa immuidade contra a variola. Uma só vesicula vaccinica, perfectamente desenvolvida, não nos auctorisa a crer que o individuo seja rebelde a uma nova vaccinação que lhe produza novas vesiculas bem desenvolvidas, e conferindo-lhe portanto um maior grau de immuidade contra a variola grave.

A vaccinação variolica desperta no vaccinado um certo numero de phenomenos, pelos quaes julgámos da boa ou da má vaccinação, o que depois é corroborado pela estatistica que effectivamente demonstra que a mortalidade dos bem vaccinados é muito inferior á dos mal vaccinados.

Mas nas vaccinações anti-rabicas, como poderemos distinguir as boas das más, se nenhuma d'ellas produz no inoculado o menor phenomeno morbido, o menor symptoma de reacção local ou geral, que possa ser attribuido á virulencia da vaccina?

Estas considerações só têm por fim mostrar o pouco rigor scientifico, com que se comparou a estatistica das vaccinações variolicas, com a das vaccinações anti-rabicas, para já poderem affirmar que é sensivelmente igual o poder das duas vaccinas.

No laboratorio do sr. Pasteur, os ajudantes encarregados da estatistica estabeleceram que o valor absoluto da acção preservativa da vaccina rabica era de 22,85.

Depois os mesmos ajudantes estabeleceram que o valor absoluto da acção preservativa da vaccina variolica era de 21,70: em frente d'este inquerito estatistico, o sr. Grancher concluiu, que o poder das duas vaccinas parecia sensivelmente igual.

Ora, já mostrei que o valor absoluto da vaccina rabica, 22,85, só se podia admittir, em face de uma estatistica particular, a de Leblanc.

Seguindo-se qualquer outra estatistica comparativa chega-se a um valor absoluto muito differente.

Para a variola a mesma cousa, apesar da immensa distancia a que ella está, de todas as outras doenças virulentas, em abundancia e exactidão de documentos estatisticos.

No laboratório do sr. Pasteur, inquiriram que os não vacinados morriam na proporção de 500 por 1:000, os mal vacinados na proporção de 260 por 1:000, e os bem vacinados na proporção de 23 por 1:000. Portanto que a acção preservativa da vaccina Jenner era apresentada pelo valor absoluto de 500/23, ou 21,70.

Mas que estatísticas consultaram para estabelecer, aquella proporção na mortalidade, antes e depois da vaccina ?

Não o dizem.

Creio porém que se fundaram nos melhores auctores e nas estatísticas mais perfectas que conheciam.

Pela minha parte fundar-me-hei n'uma estatística apresentada por Marson, grande auctoridade europêa em vaccinação anti-variólica, e cujos trabalhos estatísticos citados por auctores respeitaveis abrangem um periodo de vinte annos, de constantes observações.

Não vacinados atacados de variola — Mortalidade	Vacinados — Mortalidade
350 por 1:000	Dizendo-se vacinados mas sem terem signaes.....
	Cicatriz bem pronunciada....
	Cicatriz mal pronunciada....
	Tendo 1 cicatriz.....
	Tendo 2 cicatrizes.....
	Tendo 3 cicatrizes.....
	Tendo 4 cicatrizes.....

Por este quadro se vê que, segundo Marson, os vacinados que dão uma menor mortalidade, são os que apresentam 4 cicatrizes. Essa mortalidade é de 5 por 1:000, emquanto que na estatística fornecida ao sr. Grancher, a menor mortalidade dos bem vacinados é representada por 23 por 1:000. Também se vê que, segundo Marson, antes da vaccinação os ata-

cados de variola morriam na proporção de 350 por 1:000, emquanto que na estatística fornecida ao sr. Grancher essa mortalidade é de 500 por 1:000.

Deve portanto variar o valor absoluto da acção da vaccina Jenner, conforme seguirmos a estatística fornecida ao sr. Grancher, ou a estatística de Marson.

No primeiro caso esse valor absoluto é de $500/23$ ou 21,70.

No segundo caso esse valor absoluto é de $350/5$ ou 70.

Concedendo, que o valor absoluto da acção da vaccina anti-rábica é de $160/7$ ou 22,85, vê-se que este numero está sensivelmente proximo do valor absoluto da vaccina Jenner apresentado pelo sr. Grancher (21,70), e sensivelmente longe do valor absoluto da mesma vaccina Jenner que eu tenho a honra de apresentar (70)!

Relativamente á vaccina carbunculosa, não duvido que, consultando-se um certo numero de estatísticas, 200 ou mais se chegue a estabelecer o seguinte: mortalidade antes da vaccina 120 por 1:000; mortalidade depois da vaccina 5 por 1:000; valor absoluto da acção preservadora da vaccina carbunculosa $120/5$ ou 24. Mas se consultarmos o livro *Charbon et vaccination charbonneuse*, de Chamberland, encontraremos um grande numero de estatísticas da vaccinação carbunculosa, em que a proporção da mortalidade leva-nos a um valor absoluto muito differente. Ali estabelece aquelle auctor com numerosas estatísticas, differentes proporções na mortalidade dos animaes, atacados de carbunculo, antes e depois da pratica das vaccinações prophylacticas.

Antes da vaccinação, a media dos casos de morte nos carneiros era de 100 por 1:000 atacados; depois da vaccinação ficou reduzida a 11 por 1:000 atacados. Valor absoluto $100/11$ ou 9,09.

Antes da vaccinação, os bois e as vaccas, morriam na proporção de 80 por 1:000; depois da vaccinação, a mortalidade desceu a 2 por 1:000. Valor absoluto $80/2$ ou 40.

Os cavallos morriam de carbunculo na proporção de 50

por 1:000. Depois da vacinação, 8 por 1:000. Valor absoluto 50/8 ou 6,25.

No relatorio do veterinario Boutet, absolutamente favoravel ao sr. Pasteur, refere-se, que no departamento de Eure-et-Loir, antes da vacinação carbunculosa os carneiros, atacados de carbunculo, morriam na proporção de 90 por 1:000. Depois da vacinação a mortalidade ficou reduzida a 6 por 1:000. Valor absoluto, 90/6 ou 15. E a mortalidade annual, que antes da vacinação era na especie bovina de 70 por 1:000, desceu depois a 2 por 1:000. Valor absoluto, 70/2 ou 35.

Vê-se portanto que a indagação dos valores absolutos das vaccinas, para em vista d'elles se poder apresentar uma prova da efficacidade das inoculações anti-rabicas, é processo muito fallivel e muito ligeiro.

O defeito não está tanto nas estatisticas da variola, que são numerosissimas, que abrangem uma pratica de quasi cem annos em milhões de individuos de todas as idades, sexos, temperamentos e nacionalidades. O defeito não está tambem nas estatisticas do carbunculo, cuja vacinação muito embora seja de poucos annos, já abrange todavia alguns milhões de animaes inoculados, não em França exclusivamente, mas na Austria, na Italia, na Allemanha, na Inglaterra e na Hespanha, muito embora seja certo que em algumas d'estas nações os resultados não tenham sido tão brilhantes como em França.

O defeito está todo na raiva.

Todos fallam na raiva canina, e todavia raros são os medicos que têm podido observar e seguir a doença n'aquella especie. Todos fallam na raiva humana, e todavia rarissimos são os medicos que têm podido seguir a doença na especie humana.

A pratica da nova prophylaxia conta apenas um anno; experimentalmente não se sabe que effeitos produz a vaccina sobre a especie humana; não podemos distinguir a boa da má vacinação. Até uma certa epocha praticava-se uma injeção por dia, e dizia-se que o methodo era optimo; agora praticam-se tres series de injeções por dia, porque se reconhe-

ceu que o primeiro systema não era tão bom como se dizia, visto que continuava a ser grande a mortalidade dos mordidos na face. D'antes começava-se a inoculação por medullas não virulentas, a fim de se ir preparando o organismo para depois receber as virulentas, e dizia-se que o methodo assim executado era efficaz. Agora diz-se que o methodo só será efficaz começando-se logo pelas medullas virulentas, e terminando-se pela injeccão de medullas frescas de um e dois dias. D'antes estabelecia-se que o estado refractario seria tanto mais seguro, quanto mais rapidas fossem as inoculações: depois estabeleceu-se que as inoculações eram efficazes, em qualquer momento que se intervisse; agora estabelece-se que só se poderá obter o estado refractario, intervindo-se com as injeccões nas primeiras vinte e quatro horas. Ha mezes o methodo era energico e seguro. A 2 do corrente mez o sr. Pasteur noticia que alterou profundamente o seu methodo para o tornar mais seguro e energico. Pelo lado estatistico não distinguem os cauterisados dos não cauterisados. Não mencionam a qualidade e a quantidade das provas que abonaram o character rabico do cão aggressor. Não attendem á variabilidade dos periodos da incubação. E todavia no laboratorio do sr. Pasteur já se dá tudo por tão bem decidido e averiguado, que se chega a estabelecer que a acção preservativa da vaccina rabica é sensivelmente igual á da variola!

Entendo que esta nova pretensão deve ser acolhida com a maior reserva.

5.º

Como documentos a consultar para o estudo estatistico das vaccinações anti-rabicas temos ainda um grande numero de jornaes scientificos e politicos, copiando uns dos outros varias estatisticas todas favoraveis ás vaccinações, e mostrando todas o successivo augmento dos clientes. Em nenhuma d'essas estatisticas, absolutamente em nenhuma, se referem ás cauterisações dos mordidos. Transcreverei uma d'essas estatisticas, que foi publicada em fins de agosto do corrente anno:

Nações	Inoculados	Mortos
Inglaterra.....	59	—
Austria.....	17	—
Algeria.....	73	—
America.....	18	—
Brazil.....	2	—
Belgica.....	42	—
Hespanha.....	58	—
Grecia.....	7	—
Hollanda.....	8	—
Hungria.....	25	—
Italia.....	105	—
Suissa.....	2	—
Turquia.....	2	—
Portugal.....	20	—
Roumania.....	20	1
Russia.....	183	11
França.....	1:009	3
Total.....	1:650	15

Resumindo: Russia, em 183 inoculados, 11 mortes (8 por lobos); Roumania, 1 morte sobre 20 inoculados; França, 3 mortes sobre 1:009 inoculados; nenhuma morte em 438 inoculados das outras nações.

N'esta estatística, que se poderá encontrar em varios jornaes do mez de agosto, faltou incluir a Allemanha, pois, segundo a nota complementar de 12 de abril do corrente anno, assignada pelo sr. Pasteur, tinham sido inoculados 5 individuos d'aquella nação, o que eleva o numero dos inoculados a 1:655.

Por aquella nota complementar do sr. Pasteur vê-se que até 12 de abril tinham sido inoculados 505 francezes, e, pela ultima estatística de agosto, o numero de francezes inoculados já estava em 1:009. Portanto em cinco mezes vaccinaram-se 504 francezes.

Alguns dos vulgarisadores e crentes da absoluta efficacia

das inoculações julgam que aquelles 1:009 francezes foram 1:009 vidas arrancadas a uma morte certa e horrivel, como é a raiva. Assim será.

Mas pense-se tambem no seguinte: todos os medicos e todos os veterinarios francezes admittiram sempre que a raiva era uma das doenças humanas mais raras, ou talvez a mais rara que existia em França. Podiam andar enganados. Mas não: observaram bem, e disseram a verdade. A raiva humana foi sempre uma doença de extraordinaria raridade em França e fóra de França. Tardieu e Bouley, que se dedicaram por muitos annos ao estudo da raiva, estabeleceram perante a academia de medicina de Paris que a media annual dos casos de raiva humana em toda a França era de 24 a 25. E que, admittindo para aquelle paiz uma população de 35 a 38 milhões de habitantes, tocaria 1 caso de morte pela raiva a cada 1 milhão, 400 ou 500:000 habitantes.

Na p. 6 d'este relatorio perguntei se annualmente em Portugal morreriam 3 individuos de raiva transmittida pelo cão, pelo gato ou pelo lobo.

É possível que em algum anno a mortalidade pela raiva em todo o paiz, tenha attingido esse numero, e até um numero mais elevado 4, 5, 6 ou 8 casos de raiva nos hospitaes e no domicilio. Mas posso affirmar que ha annos em que se não menciona um só caso de morte pela raiva.

Durante a minha formatura na faculdade de medicina da universidade de Coimbra, nunca observei um só caso de raiva humana nos hospitaes da universidade: os distinctos professores e clinicos d'aquelle estabelecimento raras vezes têm tido occasião de observar aquella doença. E todavia podem contar-se aos milhares as cauterisações que ha trinta annos tem constantemente praticado o habil cirurgião do banco d'aquelle hospital, em homens, mulheres e creanças, dizendo-se todos mordidos por animaes damnados.

A um medico do Alemtejo, onde é muito trivial a raiva canina, ouvi — *que não tinham conta* — as cauterisações que por ali se praticavam em individuos mordidos por cães. E que tendo tido occasião de ver muitos cães enraivados, nunca

observára todavia um só caso de raiva humana. Sabia que alguns collegas tinham ali observado casos de raiva, mas como uma doença de extraordinaria raridade na especie humana.

A medicos d'esta capital, illustrados por uma vasta clinica hospitalar e civil, tenho ouvido a narração de alguns casos de raiva humana tratada nos hospitaes. Nenhum d'esses medicos em quinze, vinte e trinta annos de clinica, chegou a ter mais de 4 casos de raiva. No banco do hospital de S. José praticam-se muitas cauterisações em individuos que se dizem aggreddidos por animaes damnados. E todavia digam os clinicos de serviço interno d'aquelle estabelecimento, quantos individuos atacados de raiva ali recebem annualmente, e quantos para ali entram e morrem, victimas de incidentes de caça, de quédas de andaimes, de atropellamentos, e de rixas terminadas pela facada. A absoluta falta de tempo não me permittiu que eu pudesse tentar um inquerito sobre os casos de raiva, observados annualmente em Portugal. Estou portanto sujeito a aproveitar-me da estatistica franceza e a concluir simplesmente em relação áquelle paiz. Como disse, antes da pratica das inoculações, a media annual dos casos de raiva era de 24 a 25, ou 1 caso para 1.500:000 habitantes approximadamente.

Ora se fosse exacto que os 1:009 francezes inoculados estivessem sujeitos a morrer de raiva se não fossem as inoculações, teriamos de admittir que no anno (incompleto) de 1885 a 1886, em 36 milhões de habitantes, haveria 42 casos de raiva por cada 1.500:000 habitantes!

Surge agora uma questão grave. Jornaes scientificos e não scientificos de varias nações continuam a noticiar a morte de alguns inoculados, o que, a ser exacto, altera completamente a proporção da mortalidade que por diferentes vezes tem sido estabelecida nas estatisticas saídas da escola normal. Uns dão a noticia de uma maneira vaga e sem precisarem terminantemente a nacionalidade dos fallecidos. Está n'este

caso a revista scientifica de Paris *Le Progrès medical*, que escreve simplesmente o seguinte: «*Le bruit court qu'il y aurait plusieurs cas de mort parmi les nombreux mordus qui viennent se faire vacciner au laboratoire de l'école normale*». Outros mencionam a nacionalidade do fallecido, a data da morte e as circunstancias que a acompanharam, etc.

Iria muito longe transcrevendo n'este logar todas as noticias de que tenho conhecimento sobre a morte de alguns inoculados.

Com o maior respeito pelos auctores d'essas noticias, devo todavia declarar, que, na minha opinião, devem ser acolhidas com prudente reserva, esperando-se pelas novas estatisticas para se ver até que ponto ellas reconhecem a authenticidade e o valor d'esses acontecimentos.

Quando lia na estatistica apresentada em fins de agosto que em Hespanha, por exemplo, não tinha ainda morrido um só dos inoculados, recordei-me de ter archivado um jornal d'aquella nação onde se referia um caso de morte. E procurando esse jornal encontrei a noticia que passo a transcrever:

«Reus, 17 agosto 1886. Hace mes y medio que el jóven guardia Rivas fuè mordido por un perro hidrófobo. Su padre llévole á Paris, para que lo visitase el doctor Pasteur, que despues de hacerle várias inoculaciones, le dió de alta el 17 del pasado julio. Ya la cura se habia olvidado despues de haber sido muy comentada y los padres éstaban satisfechos de haber salvado á su hijo, cuando anteayer se declararon en éste sintomas de la enfermedad que todos creían curada. El padre se presentó á la alcaldia pidiendo que su hijo volviese á Paris pero los médicos de esta no autorisaron tal márecha por creer que se moriria en el camino. Ayer la horrible hidrofobia se manifestó claramente. Hubo que recurrir á la camisa de fuerza para sujetar al enfermo, que murió atormentado por horrosos dolores. Mañana seis médicos harán la autopsia al cadaver.»

O joven guarda lavou e cauterizou as feridas? Não o dizem.

Apesar d'esta noticia, entendo que devemos esperar por novas estatisticas, publicadas sob a responsabilidade directa

do sr. Pasteur ou do sr. Grancher, para vermos se continuam a votar ao mais completo abandono todas as averiguações relativas ao estado dos inoculados. Na communicação de 2 do corrente mez o sr. Pasteur só trata da mortalidade dos francezes. No laboratorio dão por *curados* todos os individuos que recebem a ultima inoculação. Admitte-se esta declaração pela extraordinaria influencia que ella produz sobre os clientes, principalmente quando ella é feita pelo sr. Pasteur em tom solemne.

Um dia vi desfilar em frente do sr. Pasteur um grupo de russos, que acabavam de receber a 10.^a e ultima inoculação. Todos beijavam a mão ao sr. Pasteur, que para todos tinha uma phrase amavel, garantindo-lhes uma perfeita tranquillidade contra as ameaças da doença que ali os tinha trazido.

Logo no dia seguinte começaram os jornaes a narrar o acontecimento, dando os russos já em viagem para as suas terras perfeitamente curados. Um d'elles terminava a noticia da maneira seguinte :

«Apeine cette cure merveilleuse est-elle achevée, que huit autres anciens serfs, ayant également vu le loup, viennent de nous arriver par la gare du Nord, à destination de l'infirmerie de la rue d'Ulm.»

Mas logo no dia seguinte encontrei novamente aquelles russos no laboratorio. O que succedêra ?

Na vespera, e quando se preparavam a seguir viagem, um d'elles atacado de raiva tinha dado entrada no Hotel-Dieu, e fallecido em poucas horas. Voltavam portanto a receber nova serie de inoculações, tendo sido a ultima com medulla fresca *de uma virulencia excepcional, por serem muito graves as mordeduras d'aquelle grupo*, disse o sr. Pasteur.

Portanto, se mesmo no laboratorio, de um dia para o outro, a doença se encarregava de mostrar quanto eram falliveis as garantias de cura, reservados devemos ficar contra todas as estatisticas, apresentadas só á vista dos resultados obtidos n'aquelle laboratorio, sem se attender ao longo periodo da incubação da raiva, a que continuam sujeitos os inoculados, tendo morrido alguns, mezes depois da inoculação, se é que

as noticias ácerca d'essas mortes, exprimem a verdade. Pelo menos as noticias relativas á morte dos inoculados, profundamente mordidos, nos membros, no rosto e na cabeça, eram exactas. E foram esses acontecimentos que levaram o sr. Pasteur a modificar o seu methodo, reconhecendo que para aquella classe de mordidos era inefficaz uma só injecção diaria. Ao laboratorio compete proceder a todas as averiguações relativas á morte dos inoculados em Paris e fóra de Paris, porque, se é admissivel dizer-se aos inoculados que estão curados, a fim de que a imaginação cesse de os deprimir, não é acceitavel a mesma declaração perante aquelles que estudando o assumpto sabem que a raiva tem um periodo de incubação muito variavel, que não pôde ser exactamente determinado para cada um dos individuos mordidos. Ainda ultimamente um jornal medico portuguez deu a noticia de um caso de morte de um inoculado, em que o periodo da incubação da raiva foi de sete mezes. Transcrevo essa noticia :

«**Vaccina Pasteur.** — Os jornaes francezes têm trazido noticias de vaccinados de Pasteur que succumbiram á raiva. O ultimo d'esses casos é tão nitido que julgámos dever registal-o :

«No dia 26 de setembro ultimo morreu de raiva em Villenave-d'Ornon (Gironde) o joven Mathieu Videau que, a 24 de fevereiro, isto é, ha sete mezes, tinha sido mordido na sobrançella direita e no punho direito por um cãesinho damnado. A creança tinha sido levada no dia seguinte a Paris onde foi submettida ao tratamento Pasteur ; tinha voltado para a terra com a mãe no dia 8 de março e nada de anormal apresentára até 23 de setembro, dia em que se declararam os primeiros symptomas da hydrophobia.»

A creança lavou e cauterizou a ferida? Não o dizem.

Esta noticia foi dada por um jornal medico portuguez absolutamente favoravel aos trabalhos do sr. Pasteur.

Esperemos pelas explicações da escola normal.

Mais duas noticias — apresentadas ultimamente por varios jornaes francezes.

«1.º Ha dois mezes um caçador do departamento de Sarthe foi mordido por um cão. Este é morto e autopsiado, declarando os peritos (?) que o animal não estava enraivado. Mas para mais segu-

rança e para dissipar toda a inquietação, o mordido é enviado para Paris. Volta para a terra depois do tratamento. Estavam todos convencidos que o mordido tinha sido curado, quando subitamente o desgraçado começa a manifestar contrações e horror á agua. Era a raiva, a que succumbiu em pouco tempo. O cão estaria realmente enraivado? Ou as inoculações é que communicaram a raiva? A questão é assaz importante para merecer um serio exame.»

O caçador lavou e cauterisou a ferida? Não o dizem.

Esperemos pelo exame a que a escola normal submetteu este caso.

«2.º Ha dois mezes, um cão da equipagem do principe de Lucinge, da Venda, mordeu 18 pessoas. O animal morreu d'ahi a quinze dias atacado de hydrophobia. As 18 pessoas mordidas partiram para Paris. Recebem o tratamento e regressam ao seu paiz. Quinze dias depois morre de raiva um dos inoculados. Depois e até este momento, 3 outros mordidos, succumbiram igualmente á raiva.»

Os mordidos lavaram o cauterisaram as feridas? Não o dizem.

Esperemos por nova communicação do sr. Pasteur, para se saber em que valor deve ser tida esta noticia.

O que será deveras para lamentar é se estes mordidos não cauterisaram as feridas.

Entre as noticias da morte de alguns inoculados ha uma que merece ser particularmente citada, pelos incidentes singularissimos que a acompanharam. A transcripção de todos os artigos que se referem a esse caso de morte seria fastidiosa e occuparia muitas paginas d'este relatorio. Por isso vou resumir, com o necessario rigor, esse acontecimento.

Alguns jornaes de Paris noticiaram que Marius Bouvier, empregado do commercio, de trinta annos de idade, tinha sido mordido no dia 31 de abril do corrente anno por um gato enraivado; que Marius recebêra o tratamento no laboratorio do sr. Pasteur, retirando-se depois para Grenoble, onde morrêra de raiva no dia 24 de julho. Começou a polemica, asseverando uns que Marius Bouvier contrahira a doença por não ter recebido o tratamento completo dos dez dias, affir-

mando outros que o mordido tinha recebido esse tratamento completo.

Como liquidação final do assumpto, veio mais a publico que na opinião dos drs. Girard e Hermil, de Grenoble, aquelle inoculado tinha realmente fallecido de raiva: que o primeiro d'aquelles medicos, a pedido do sr. Pasteur, tinha remettido para o laboratorio da rua d'Ulm o bolbo rachidiano de Bouvier e que n'essa carta o mesmo sr. Pasteur dissera que era a primeira vez que o seu tratamento seria inefficaz n'um homem mordido na mão; que Marius Bouvier tinha recebido o tratamento completo, como o provava um certificado existente na *mairie* de Grenoble do teor seguinte:

«Laboratoire de la rue d'Ulm.

«Je déclare que le sieur Marius Bouvier, de Grenoble, a subi le traitement préventif de la rage du 4 au 13 mai 1886.

Signé: Pasteur.»

(Transcripto do n.º 9:215, correspondente ao dia 26 de julho de 1886, do jornal de Paris *Le Temps*.)

Finalmente, e é aqui que a questão toma um aspecto curioso, não se podendo duvidar do tratamento completo de Marius Bouvier, explicou-se a morte do individuo da maneira seguinte: *que o homem era um alcoolico inveterado, embriagando-se duas e tres vezes por semana, tendo questões de manhã até á noite, e que portanto Bouvier achava-se em condições excepcionaes para ser rebelde ao tratamento Pasteur e a todos os tratamentos.*

«Il faut remarquer, il est vrai, que cet homme était un alcoolique invétééré, s'enivrant deux ou trois fois par semaine et se querellant du matin au soir. Bouvier se trouvait donc dans des conditions exceptionnelles pour être rebelle au traitement Pasteur et à tous les traitements.»

(Transcripto do n.º 9:215, correspondente ao dia 26 de julho de 1886, do jornal de Paris *Le Temps*.)

Este assumpto, como já disse, foi tratado em muitos jornaes francezes, de 25 a 28 de julho do corrente anno. Segui porém o jornal *Le Temps*, que é sempre o primeiro a receber e a pu-

blicar as informações que lhe são fornecidas sobre a pratica das inoculações. Por todos é bem sabido, que aquella acreditada revista parisiense é favoravel aos trabalhos da escola normal e á pratica das inoculações anti-rabicas.

Onde apparecer qualquer duvida, qualquer noticia, qualquer acontecimento, opposto á nova doutrina prophylactica, surge immediatamente um correspondente do jornal *Le Temps* esclarecendo a duvida, respondendo á noticia e explicando o acontecimento. Portanto é sob a responsabilidade d'aquelle jornal que eu para aqui transporto a historia de Bouvier e o attestado do sr. Pasteur. Poderá dizer-se que eu estou abusando demasiadamente das noticias jornalisticas, para tratar de uma questão que só póde ser decidida em face da experiencia, e de documentos scientificos apresentados sob a directa responsabilidade do sr. Pasteur. É isto verdade.

Mas farei notar que sempre que existe esta ultima ordem de documentos, sou o primeiro a referil-os e a estudal-os. E quando não existem, vou indagar pelos diferentes orgãos officiaes e semi-officiaes da escola normal o que ha ácerca das inoculações. A não ser assim, a não ler, estudar e citar as conferencias, as noticias e as estatisticas relativas ás vaccinações e que se encontram dispersas por diferentes escriptos francezes, não poderia saber, pelo menos o numero dos inoculados, a proporção estabelecida no laboratorio entre os mordidos e os mortos, a explicação d'estes acontecimentos, etc. Assim, segundo as informações fornecidas áquelle jornal, já temos mais uma explicação para a morte de uma classe de mordidos: *os alcoolicos e brigões são rebeldes ao tratamento do sr. Pasteur e a todos os tratamentos*. Um alcoolico mordido por um cão enraivado e tendo a doença incubada, tarde ou cedo morrerá de raiva. De nada lhe servirá a vaccinação anti-rabica e qualquer outro tratamento prophylactico, como, por exemplo, a cauterisação immediata!

Haverá algum medico no laboratorio da escola normal de Paris, que assuma a responsabilidade de tal explicação extravagante e perigosa?

Aquillo é uma noticia, talvez destinada a reprimir o al-

coolismo, fazendo constar aos alcoolicos e turbulentos, que se forem mordidos por cães damnados, não ha tratamento possível que os livre da doença.

Ha outras explicações mais serias sobre algumas mortes dos inoculados.

No dia 11 do corrente mez de outubro, pelas nove horas da noite, — pouco mais ou menos — o sr. Chautemps, vice-presidente do conselho municipal de Paris, fez uma importante conferencia na Sorbonne, presidida pelo illustre sr. de Lesseps, o que attrahiu áquella casa uma affluencia consideravel de senhoras, estadistas, jurisconsultos, banqueiros, militares, artistas, litteratos, burocratas, estudantes, commerciantes, medicos, veterinarios, industriaes, membros do professorado, da academia das sciencias e da de medicina, etc. A historia d'esta conferencia occupa longas columnas dos jornaes d'aquelles dias.

O sr. Chautemps trata a questão no campo estatístico, encontrando n'este a prova mais eloquente e esmagadora da efficacidade das inoculações.

Pela primeira vez se annuncia que existe uma outra prova a favor da efficacidade do methodo, prova de tal natureza que um medico muito influente em Allemanha, uma verdadeira auctoridade medica, promettêra quatro mezes antes pronunciar-se pelo methodo Pasteur, se a dita prova lhe fosse dada. É o que se conclue da seguinte declaração, que os jornaes defensores do systema dizem que foi feita pelo respeitavel sr. Chautemps :

«L'orateur termine par une grande nouvelle : un médecin très-influent en Allemagne, une véritable autorité médicale, a promis, il y a quatre mois, de se rallier à la méthode Pasteur, si une preuve qu'il exigait lui était donnée. Cette preuve est obtenue aujourd'hui et fera bientôt l'objet de une communication à l'académie des sciences.»

«Tonnerre d'applaudissements. Vive le grand français!»

Se realmente aquelle orador proferiu esta declaração nos termos referidos e auctorizado por acontecimentos importantes passados no laboratorio, deve ser de uma importancia extraordinaria a prova obtida. Auzias-Turenne convencido

da utilidade prophylactica da syphilisação, em si proprio experimentou o seu systema. Repito — deve ser de uma extrema importancia a prova obtida. E n'esse caso não terão rasão de ser as considerações que por vezes tenho feito relativas á absoluta falta de provas, bacteriologicas e clinicas, sobre a efficacidade das vaccinações. Ficarei tido por indiscreto, imprudente e impertinente, por tanto ter insistido sobre essa falta de provas. Mas, ainda bem que por ali se chegou finalmente a reconhecer que mais alguma cousa é preciso do que a estatistica para nos curvarmos perante a *rasão de ser* experimental e clinica da nova prophylaxia do sr. Pasteur. Ainda bem. É justo, justissimo o amoravel enthusiasmo com que ali se alimenta o culto pela nova prophylaxia e se saudam todas as noticias destinadas a esclarecer esta questão inaugurada por um homem superior, que, quem sabe, talvez seja o primeiro a admirar-se do que está succedendo. Mas tambem é justo que passado o enthusiasmo, a nossa curiosidade, benevolmente disposta, fique esperando pelo nome da auctoridade medica allemã e pela natureza da prova.

O vice-presidente do conselho municipal de Paris, referindo-se á noticia sobre a morte recente de dois inoculados, explicou esses ultimos acontecimentos, segundo a imprensa que tratou d'aquella conferencia, da maneira seguinte :

«J'y vois que le jeune Christin est mort de la rage. Or c'est matériellement faux. L'autopsie démontre irréfutablement que Christin est mort d'une méningite tuberculeuse.»

E ácerca da outra morte recente, deu uma outra explicação, que tambem se encontra n'aquella imprensa :

«Videaux, qui vient de mourir, a été incomplètement traité. Le siège des inoculations étant devenu œdémateux et douloureux, l'on s'est arrêté au vaccin de 6 jours.»

Acho muito singular que se tivessem prendido com o edema e dôr da séde das inoculações para suspenderem um tratamento completo, que, na opinião do sr. Pasteur, e segundo

tudo que se diz e escreve na escola normal, *é destinado a livrar seguramente o mordido de morrer de raiva.*

O conferente, sr. Chautemps, annunciou tambem que havia mez e meio, que o sr. Pasteur estava submettendo os seus doentes, cada vez mais numerosos, a um novo methodo de inoculação melhor e mais efficaz, supprimindo umas vaccinas e substituindo-as por outras de medulla de coelho morto de raiva, quarenta e oito horas antes do primeiro dia de tratamento, e até de vinte e quatro horas antes d'esse primeiro dia de tratamento. Esta noticia está em harmonia com a historia da conferencia do respeitavel professor o sr. Grancher, proferida a 21 de junho na exposição de hygiene urbana e que foi publicada no n.º 26 da *Gazette hebdomadaire de médecine et de chirurgie*, correspondente ao dia 25 de junho do corrente anno. Já ali se annunciava *que o sr. Pasteur estava trabalhando no sentido de modificar o seu methodo de tratamento, tendo já conseguido supprimir nos seus doentes a inoculação das primeiras vaccinas e que andava tambem procurando na medulla uma materia vaccinal, a fim de não deixar na sombra nenhum dos pontos do seu maravilhoso processo de vaccinação preventiva.*

Como se vê, tudo isto é muito vago, e portanto temos de esperar por alguma communicação scientifica, onde se refira claramente que nova materia vaccinal é essa, como é que ella se procura, em que condições se encontra, que phenomenos produz na especie humana, etc.

Poderei dizer que a conferencia do sr. Chautemps versou quasi que exclusivamente sobre a estatistica, seguindo as mesmas idéas apresentadas pelo respeitavel professor o sr. Grancher, na sua conferencia de 21 de junho. Cita as mesmas estatisticas comparativas, chega aos mesmos valores absolutos e vota ao mais completo desprezo as cauterisações. Annunciou o sr. Chautemps, que até ao dia 1 de outubro tinham sido tratados, ou estavam em tratamento, 2:323 mordidos de todos os paizes; que n'este numero entravam, só de França (incluindo a Algeria), 1:563 mordidos.

Ora a anterior estatistica (a de agosto) dava 1:656 inocu-

lados de todos os paizes, entrando os francezes na proporção de 1:009 mordidos. Portanto, no mez e meio que decorreu entre a estatística de agosto e a de 1 de outubro, vaccinaram-se 2:323, menos 1:656, ou 667 individuos, entre os quaes figuram 1:563, menos 1:009, ou 554 francezes.

Em mez e meio apresentaram-se no laboratorio da rua d'Ulm 554 cidadãos francezes, implorando a vaccinação para não morrerem de raiva. Foram vaccinados.

Quando o vice-presidente do conselho municipal de Paris, o sr. Chautemps, lembrou o numero de vidas arrancadas á morte pela raiva; quando o feliz orador insistiu particularmente no numero de francezes que mensalmente, que diariamente, o sr. Pasteur estava salvando e restituindo á patria, a assembléa delirou na mais commovente e entusiastica saudação nacional. Dizem tambem alguns dos jornaes que se occuparam d'aquella conferencia, que alguns espectadores interromperam o orador, declarando que achavam exaggeradissimo o numero de individuos destinados a morrerem de raiva, se não fossem as inoculações, visto que aquella doença era rarissima na especie humana, e que antes das descobertas do sr. Pasteur, todos os trabalhos de Tardieu apuravam 20, 30 e o maximo 45 casos de raiva humana em toda a França, mas que a assembléa repellira energicamente semelhantes interrupções, por serem anti-patrioticas, por não estarem de accordo com os factos, etc., etc.

Tal é o estado da questão — em Paris.

Aqui — estou constituido no rigoroso dever de apresentar a minha opinião, perante o governo de Sua Magestade Fidelissima, que se dignou encarregar-me de estudar a nova prophylaxia da raiva.

Entendo que todas as descobertas do sr. Pasteur merecem ser bem conhecidas e estudadas n'este paiz. Com isso lucrará immensamente a educação scientifica das novas gerações academicas e o progredimento da medicina portugueza. São também incalculaveis os beneficios que d'este estudo podem provir para a saude e tranquillidade dos povos, principalmente em epochas de epidemia. Hoje é de rigor a analyse microbio-

logica quotidiana da agua que se bebe e do ar que se respira. Quem poderá contestar as vantagens d'essa analyse? São de uma importancia excepcional as applicações a que podemos ser conduzidos pelos estudos do sr. Pasteur, sobre a geração, desenvolvimento e morte dos micro-organismos.

Na apreciação d'esses estudos, deve necessariamente incluir-se a nova prophylaxia, ou com mais rigor o novo systema medico, systema realmente singular e que, a não ter sido apresentado pelo sr. Pasteur, apoiado pelo Instituto de França e grandiosamente coadjuvado pelos altos poderes scientificos, politicos e financeiros d'aquella grande nação, já a esta hora estaria luctando com gravissimas difficuldades. As difficuldades e as duvidas levantadas a uma descoberta não são sempre injustas e nem sempre designam amor á rotina e odio ao progresso.

Nas applicações humanas do novo systema medico deverá começar-se por onde o sr. Pasteur tambem começou, isto é, por um virus rabico genuino, transmittido e cultivado em successivas series de cães e coelhos.

Todos estes estudos de bacteriologia medica, em que actualmente trabalham quasi todas as nações da Europa, o Brazil, a America do Norte e todos os outros estados americanos, merecem realmente a iniciativa e a protecção dos altos poderes do estado.

Fazer estes estudos n'um estabelecimento novo ou annexal-os a uma corporação scientifica, zelosa pelo aperfeiçoamento do ensino, qualquer dos meios é optimo, já se vê com as dotações que o assumpto requer e que são realmente modestissimas em frente da somma importante que o estado tem de inscrever annualmente no seu orçamento para a remessa de mordidos para Paris. Sem essas dotações, não póde haver trabalho util, produzido por trabalhadores saudaveis. O governo de Sua Magestade sabiamente resolverá o que for mais conveniente para o bom credito do ensino e legitimos interesses da sociedade portugueza.

Mas devo especialmente referir-me á prophylaxia da raiva, dizendo o que, na minha opinião, convem á saude e ao socego

do mais humilde e obscuro portuguez, que tenha a infelicidade de ser mordido por um animal. Em quanto o sr. Pasteur não demonstrar que as cauterisações são inefficazes, que os relatorios de Tardieu são falsos, e falsissimas as observações quotidianas, feitas em todas as nações, sobre a extrema raridade da doença na especie humana, e em quanto for augmentando o numero dos inoculados, entendo que o primeiro cuidado do mordido deve ser espremer, lavar e cauterisar profundamente as mordeduras produzidas pelo animal. Depois se quizer siga para Paris. Mas antes de seguir, antes de pensar na viagem, cuide da mordedura: lave, esprema e cauterise. Qualquer individuo, que tenha sido mordido por um animal, não pense por um só momento que a nova prophylaxia do sr. Pasteur aboliu ou derogou a velha pratica da limpeza dos traumatismos. Não pense por um só momento que o bom exito das vaccinações dependa da não cauterisação das mordeduras. Não podendo cauterisar logo, esprema; deixe correr o sangue que vae arrastando a substancia extranha virulenta ou não virulenta depositada pelo animal; torne a espremer, torne a lavar e depois cauterise profundamente.

Por todo este meu trabalho ficarei contente, e dar-me-hei por satisfeito em todas as minhas ambições, se conseguir levar o espirito publico do meu paiz, não a duvidar da effi-cacia da nova prophylaxia — as peregrinações anti-rabicas a Paris ficaram para sempre n'este e em todos os paizes, onde haja cães — mas a crer no poder da expressão, da agua e da limpeza, a crer na legitimidade scientifica do methodo que para ahi existe ha seculos, sem se saber d'onde e de quem procedeu, a crer finalmente nos grandes beneficios que as cauterisações sempre produziram, produzem e hão de continuar a produzir nas mordeduras de animaes verdadeiramente enraivados.

6.º

O ultimo documento que está existindo no actual momento para o estudo estatistico das vaccinações humanas anti-rabi-

cas foi publicado no n.º 44 do *Bulletin de l'académie de médecine de Paris*.

É uma nota do sr. Pasteur, apresentada e lida em seu nome, em sessão de 2 do corrente mez de novembro, pelo secretario perpetuo da academia.

Ali refere o eminente sabio que o numero de pessoas, submettidas ás inoculações preventivas da raiva, já estava dois dias antes em 2:490, classificadas pelas nacionalidades da maneira seguinte :

França e Algeria.....	1:726
Russia.....	191
Italia.....	165
Estados Unidos.....	48
Belgica.....	57
Inglaterra.....	80
Austria.....	52
Suissa.....	2
Grecia.....	10
Hollanda.....	14
Hespanha.....	107
Allemanha.....	9
Roumania.....	22
Portugal.....	25
Brazil.....	3
India.....	2
Turquia.....	7
Total.....	2:490

Comparando-se esta estatistica com qualquer das outras apresentadas nos mezes anteriores, claramente se verá que o numero dos mordidos foi augmentando progressivamente desde a inauguração das inoculações até á data da ultima nota scientifica. O seguinte quadro mostrará bem esse augmento progressivo.

Data	Numero dos inoculados	Documentos a consultar
25 de outubro de 1885.	2	Nota do sr. Pasteur de 26 de outubro de 1885.
25 de fevereiro de 1886.	350	Nota do sr. Pasteur de 1 de março de 1886.
12 de abril de 1886....	726	Nota do sr. Pasteur de 12 de abril de 1886.
21 de junho de 1886...	1:335	Estatistica do sr. Grancher na <i>Gazette Hebdomadaire</i> de 25 de junho de 1886.
1 de outubro de 1886 ..	2:323	Estatistica do sr. Chauteemps na <i>France Médicale</i> de 10 de outubro de 1886.
31 de outubro de 1886.	2:490	Nota do sr. Pasteur de 2 de novembro de 1886.

D'estes 2:490, 1:700 são francezes, e é só em relação a estes que o sr. Pasteur discute a efficacidade do systema declarando que o maior numero d'aquelles que succumbiram, apesar do tratamento, eram creanças e tinham sido mordidas no rosto. Declara que por ordem do prefeito de policia, todo o caso de raiva é logo participado ao dr. Dujardin-Beaumetz, membro do conselho de hygiene e de salubridade do Sena, que está encarregado de fazer um relatorio. Que já se sabia que nos ultimos cinco annos tinham morrido de raiva nos hospitaes de Paris 60 pessoas : em media 12 por anno, e que depois da pratica das vaccinações só tinham morrido de raiva nos hospitaes de Paris 2 pessoas, ambas não inoculadas. Que 1 inoculado morto nos hospitaes de Paris não tinha sido tratado pelas vaccinações intensivas e repetidas que agora estava usando no seu laboratorio. Mais declara o sr. Pasteur que adquirira a convicção de que o antigo tratamento (tratamento simples), principalmente para as mordeduras do rosto das creanças era insufficiente. Provava isso a morte das 6 creanças francezas : Lagut, Peytel, Clédière, Moulis, Ar-

tier e Videau, nas quaes o tratamento simples tinha sido inefficaz; e que depois começando a vaccinar e a revaccinar com medullas de grande virulencia outras creanças gravemente mordidas, não tinha ainda fallecido uma só das creanças até á data d'aquella communicacão. Que a historia dos russos de Smolensk é que o levára á descoberta do novo systema, porquanto depois de terem morrido 3 d'aquelles individuos, 1 em pleno tratamento, e os outros 2 depois do tratamento, lembrára-se de fazer passar os restantes, que eram 16, por um segundo e por um terceiro tratamento, chegando ás medullas mais frescas, de 4, de 3 e de 2 dias. Um telegramma recebido pelo sr. Pasteur, no dia em que elle trabalhava n'aquella nota, annunciava que os 16 russos tratados pelo novo systema estavam de boa saude. Diz o sr. Pasteur que as mortes de Pelletier e de Moerman devem ser attribuidas a terem chegado tardiamente ao laboratorio. E menciona as mortes de Leduc (70 annos), Marius Bouvier (30 annos), Clerjot (30 annos), Magneron (18 annos), sem acrescentar se a morte d'estes tambem deve ser attribuida á demora do tratamento. As creanças mortas eram 6.

Julgo importante fazer a transcripção do processo de inoculações, annunciado pelo sr. Pasteur.

«J'ai modifié le traitement en le faisant à la fois plus rapide et plus actif pour tous les cas, et plus rapide encore, plus énergique pour les morsures de la face ou pour les morsures profondes et multiples sur parties nues.

«Aujourd'hui, dans les cas de blessures au visage ou à la tête et pour les blessures profondes aux membres, nous précipitons les inoculations afin d'arriver promptement aux moelles les plus fraîches.

«Le premier jour, on inoculera les moelles de douze, de dix, de huit jours, à onze heures, à quatre heures et à neuf heures; le deuxième jour, les moelles de six, de quatre, de deux jours, aux mêmes heures; le troisième jour, la moelle d'un jour. Puis le traitement est repris: le quatrième jour par moelles de huit, de six, de quatre jours; le cinquième jour par moelles de trois et de deux jours. Le sixième jour par moelle d'un jour. Le septième jour par moelles de quatre jours. Le huitième jour par moelles de trois jours. Le neuvième jour par moelles de deux jours. Le dixième jour par moelle d'un jour.

«On fait ainsi trois traitements en dix jours et en conduisant chacun aux moelles les plus fraîches.

«Si les morsures ne sont pas cicatrisées, si les personnes mordues ont tardé de venir au traitement, il nous arrive, après des intervalles de repos de deux à quelques jours, de reprendre de nouveau ces mêmes traitements et d'atteindre les périodes de quatre à cinq semaines, qui sont les périodes dangereuses pour les enfants mordus à la face.

«Pour des cas de morsures multiples très graves, le premier traitement pourrait être donné en un seul jour et répété les jours suivants.

«Ce mode de vaccination fonctionne, pour les grièvement mordus, depuis deux mois, et les résultats sont jusqu'ici très favorables.»

Este modo de vaccinação funciona ha dois mezes para os gravemente mordidos, e os resultados são até agora muito favoraveis — disse o sr. Pasteur em nota de 2 do corrente mez. Mas mais uma vez a caprichosa doença parece querer zombar dos honrados esforços do illustre sabio. Não é este que tem a culpa, mas sim a doença, cujo periodo de incubação varia de individuo para individuo. Já depois da apresentação d'aquella nota morreram tres mordidos. De um d'elles, fallecido no hospital Tenon, occupou-se o sr. Dujardin-Beaumetz n'um relatorio apresentado ao conselho de hygiene do Sena, em sessão de 12 do corrente mez. O mordido não cauterisára as mordeduras, e só tres dias depois da aggressão é que procurou o laboratorio. A esta demora de tres dias entre o acto da mordedura e a primeira inoculação deve ser attribuida, segundo pensa o sr. Beaumetz, a morte d'aquelle inoculado. Esperemos por nova communicacão scientifica do sr. Pasteur, que teve novamente de abandonar a direcção d'aquelles trabalhos, saindo de Paris a 13 do corrente mez.

E continuemos com a nota de 2 do corrente mez de novembro, d'onde acabo de transcrever as importantissimas modificações introduzidas pelo sr. Pasteur no seu methodo de prophylaxia anti-rábica.

N'este ponto julgo importante trazer para aqui as differentes modificações por que tem passado o systema.

1.º

Primeiro tratamento anti-rabico praticado em Joseph Meister

Inoculações			Ordem das medullas (a)	Porção injectada em cada inoculação
Dias	Horas	Numero		
1.º	8 da tarde	4. ^a	15 dias	Meia seringa de Pravaz
2.º	9 da manhã	2. ^a	14 »	
	6 da tarde	3. ^a	12 »	
3.º	9 da manhã	4. ^a	11 »	
	6 da tarde	5. ^a	9 »	
4.º	11 da manhã	6. ^a	8 »	
5.º		7. ^a	7 »	
6.º		8. ^a	6 »	
7.º		9. ^a	5 »	
8.º		10. ^a	4 »	
9.º		11. ^a	3 »	
10.º		12. ^a	2 »	
11.º	13. ^a	1 »		

(a) A ordem das medullas aqui, como em todas as tabellas, indica os dias de desoccação de cada medulla. Assim, o numero 16 indica que a medulla injectada é de um coelho morto de raiva muda ha 16 dias. O numero 5 indica a medulla de um coelho morto ha 5 dias, etc.

2.º

Tratamento simples usado até uma certa epocha para todas as classes de mordidos e para todas as especies de mordeduras superficiaes ou profundas produzidas por cães, gatos ou lobos, na cabeça, na face, no tronco ou nos membros.

Inoculações			Ordem das medullas	Porção injectada em cada inoculação
Dias	Horas	Numero		
1.º	11 da manhã	1.ª	14 dias	Meia seringa de Pravaz nos adultos. Um terço de seringa nas mulheres. Um quarto ou um quinto de seringa, nas creanças, conforme a idade.
2.º		2.ª	13 »	
3.º		3.ª	12 »	
4.º		4.ª	11 »	
5.º		5.ª	10 »	
6.º		6.ª	9 »	
7.º		7.ª	8 »	
8.º		8.ª	7 »	
9.º		9.ª	6 »	
10.º		10.ª	5 »	

3.º

Primeiro tratamento (simples) de 19 russos de Smolensk, que chegaram a Paris no dia 13 de março acompanhados pelo dr. Davydoff. As mordeduras produzidas por um lobo enraivado tinham sido cauterisadas, segundo os usos d'aquelle paiz

Inoculações			Ordem das medullas	Porção injectada em cada inoculação
Dias	Horas	Numero		
1.º	11 da manhã	1. ^a	14 dias	Meia seringa de Pravaz
2.º		2. ^a	13 »	
3.º		3. ^a	12 »	
4.º		4. ^a	11 »	
5.º		5. ^a	10 »	
6.º		6. ^a	9 »	
7.º		7. ^a	8 »	
8.º		8. ^a	7 »	
9.º		9. ^a	6 »	
10.º		10. ^a	5 »	

Injecções repetidas n'um russo atacado durante o tratamento e recolhido no Hôtel Dieu onde falleceu (enfermaria do professor Richet.)

Morte no Hôtel-Dieu de outro russo, ao terminar o tratamento (enfermaria do professor Richet).

4.º

Segundo tratamento (energico) dos 17 russos sobreviventes

Dias	Inoculações		Ordem das medullas	Porção injectada em cada inoculação
	Horas	Numero		
1.º	12 da manhã	1.ª	12 dias	Uma seringa de Pravaz
	6 da tarde	2.ª	11 »	
2.º	12 da manhã	3.ª	10 »	
	6 da tarde	4.ª	9 »	
3.º	12 da manhã	5.ª	8 »	
	6 da tarde	6.ª	7 »	
4.º	12 da manhã	7.ª	6 »	
	6 da tarde	8.ª	5 »	
5.º	12 da manhã	9.ª	4 »	
	6 da tarde	10.ª	3 »	

Morte de um russo no Hôtel-Dieu, ao terminar este tratamento (enfermaria do professor Richet).

5.º

Terceiro tratamento (mais energico) dos 16 russos sobreviventes

Inoculações			Ordem das medullas	Porção injectada em cada inoculação
Dias	Horas	Numero		
1.º	12 da manhã	1.ª	11 dias	Duas seringas de Pravaz.
	6 da tarde	2.ª	10 »	
2.º	12 da manhã	3.ª	9 »	
	6 da tarde	4.ª	8 »	
3.º	12 da manhã	5.ª	7 »	
	6 da tarde	6.ª	6 »	
4.º	12 da manhã	7.ª	5 »	
	6 da tarde	8.ª	4 »	
5.º	12 da manhã	9.ª	3 »	
	6 da tarde	10.ª	2 »	

Seguiram para a Russia e estavam com boa saude na data de 2 de novembro.

6.º

Tratamento applicado a 9 russos de Wladimir, que chegaram a Paris a 8 de abril acompanhados pelo dr. Vickneósky. As mordeduras produzidas por um lobô enraivado tinham sido cauterisadas com acido azotico seis horas depois do incidente.

Dias	Inoculações		Ordem das medullas	Porção injectada em cada inoculação
	Horas	Numero		
1.º	11 da manhã	1. ^a	14 »	Duas seringas de cada vez, e portanto seis seringas em vinte e quatro horas em cada mordido. Exceptuam-se as medullas n.ºs 2 e 3, que continuaram a ser injectadas, na quantidade de uma seringa de Pravaz por cada mordido.
	4 da tarde	2. ^a	13 »	
	9 da tarde	3. ^a	12 »	
2.º	11 da manhã	4. ^a	10 »	
	4 da tarde	5. ^a	9 »	
	9 da tarde	6. ^a	8 »	
3.º	11 da manhã	7. ^a	8 »	
	4 da tarde	8. ^a	7 »	
	9 da tarde	9. ^a	6 »	
4.º	11 da manhã	10. ^a	5 »	
	4 da tarde	11. ^a	4 »	
	9 da tarde	12. ^a	3 »	
5.º	11 da manhã	13. ^a	4 »	
	4 da tarde	14. ^a	3 »	
	9 da tarde	15. ^a	2 »	
6.º	11 da manhã	16. ^a	10 »	
	4 da tarde	17. ^a	9 »	
	9 da tarde	18. ^a	8 »	
7.º	11 da manhã	19. ^a	7 »	
	4 da tarde	20. ^a	6 »	
	9 da tarde	21. ^a	5 »	
8.º	11 da manhã	22. ^a	4 »	
	4 da tarde	23. ^a	3 »	
	9 da tarde	24. ^a	2 »	

Agora attenda-se á communicacão scientifica do sr. Pasteur, de 2 do corrente mez, e da qual já transcrevi a passagem relativa aos novos processos de inoculaçãõ dos mordidos.

7.º

Tratamento ultimamente applicado no caso de feridas da face ou da cabeça e para as feridas profundas dos membros

Dias	Inoculações		Ordem das medullas	Porção injectada em cada inoculaçãõ
	Horas	Numeros		
1.º	11 da manhã	1. ^a	12 dias	Na communicacão scientifica de 2 de novembro, o sr. Pasteur não diz se tambem modificou o seu systema relativamente á porçãõ do liquido injectado.
	4 da tarde	2. ^a	10 "	
	9 da tarde	3. ^a	8 "	
2.º	11 da manhã	4. ^a	6 "	
	4 da tarde	5. ^a	4 "	
3.º	9 da tarde	6. ^a	2 "	
	—	7. ^a	1 "	
4.º	—	8. ^a	8 "	
	—	9. ^a	6 "	
	—	10. ^a	4 "	
5.º	—	11. ^a	3 "	
	—	12. ^a	2 "	
6.º	—	13. ^a	1 "	
7.º	—	14. ^a	4 "	
8.º	—	15. ^a	3 "	
9.º	—	16. ^a	2 "	
10.º	—	17. ^a	1 "	

Comparando-se esta tabella com qualquer das anteriores, vê-se bem a differença que existe entre ellas no numero das inoculações, no numero e na ordem das medullas inoculadas.

Por esta tabella n.º 7 as inoculações são dadas em dez dias, mas n'uns certos casos. Se as mordeduras não estão cicatrizadas e se os mordidos tardaram em ir a Paris, o sr. Pasteur, depois de intervallos de repouso, repete novamente o tratamento tantas vezes quantas sejam necessarias para attin-

gir periodos de vinte e oito a trinta e cinco dias. Assim no quadro das 10 creanças que receberam os tratamentos intensivos e repetidos, o menor periodo de tratamento foi de trinta e dois dias, e o maior foi de quarenta e quatro dias. E nos casos de mordeduras multiplas muito graves diz o sr. Pasteur, que auctorizado por novas experiencias sobre cães, aquelle primeiro tratamento poderá ser dado n'um só dia e repetido nos dias seguintes.

Vê-se portanto por que serie de modificações o sr. Pasteur tem feito passar o seu systema de prophylaxia, que no principio d'este anno era apparentemente de uma grande simplicidade.

O tratamento durava dez dias e dava-se uma injeccão por dia com medullas de um grau de virulencia crescente, começando-se invariavelmente por uma medulla de quatorze dias e terminando-se invariavelmente por uma medulla de quatro dias. O methodo assim praticado — era optimo, era efficaz, dizia-se no seio da academia das sciencias. O sr. Vulpian, dias depois da inoculação de Meister, declarou que estava finalmente descoberto o remedio da raiva.

E depois?

Depois apurou-se que não se tratava precisamente da cura da raiva, mas sim de um systema prophylactico destinado a tornar refractarios os mordidos. E disse-se então que o systema era simples, optimo e efficaz, porque os inoculados não morriam.

E depois?

Passaram-se os dias, chegaram os mezes e com elles a morte de varios inoculados.

O methodo não era tão simples como se julgava, e a sua efficacia não era tão certa, como se dizia e escrevia. Agora sim: hoje o processo é intenso e energico. Os individuos são vaccinados tres vezes por dia e revaccinados em diferentes periodos e com diferentes series de medullas, conforme as idades, a séde, a natureza e a profundidade das mordeduras. Pense-se no numero de injeccões que o individuo tem de receber quando as feridas são multiplas e graves.

Se o systema do sr. Pasteur é bom, faz elle muito bem em o modificar conforme a lição dos acontecimentos, para o tornar optimo. Não tenho o menor reparo a fazer a essas modificações que sempre existiram e hão de existir em todas as descobertas e applicações que digam ou não respeito á medicina. N'esta, como em muitas descobertas utilissimas á medicina, póde até succeder que pelo andar do tempo essas modificações sejam tantas, que ponham a sciencia na pista da verdadeira vaccina anti-rabica, restando portanto ao sr. Pasteur a inolvidavel gloria de ter sido o primeiro que tentou umas inoculações na especie humana, destinadas, segundo pensava, a prevenir o apparecimento da raiva. Reconheço portanto as vantagens das modificações feitas no systema, consoante as lições da experiencia. O meu fim, porém, é mostrar quanto eram prematuras as declamações feitas ha mezes sobre a simplicidade e efficacidade do systema.

Hoje o systema já não é simples — é complicadissimo.

É tambem mais intenso e energico. Não falta quem affirme que agora é que o systema é efficaz. E amanhã ao surgirem novas modificações destinadas a tornarem o systema ainda mais efficaz?

Na communicação de 2 do corrente mez o sr. Pasteur apresenta duas tabellas de creanças inoculadas. Uma trata de 6 creanças que não foram preservadas pelo tratamento simples, a outra trata de 10 creanças que receberam o tratamento intensivo e complicado e que estavam com boa saude na data d'aquella communicação.

Se o sistema do sr. Pasteur é bom, faz elle muito bem em
 a modificar conforme a natureza dos acontecimentos, para a ter
 por oppozição. Não tenho o menor tempo a fazer a essas modi-
 ficações que sempre existiram e não de existir em todas as
 descobertas e applicações que dizem ou não respeito a me-
 dicina. Nesta, como em muitas descobertas utilissimas a
 medicina, todo isto succeder que pelo andar do tempo
 essas modificações sejam feitas, que possam a ser feitas na
 lista de veridicadas vaccinas anti-typhoides, e cada um por parte
 sr. Pasteur a individualy gloria de ter sido a primeira que
 levou umas modificações as especies humanas, e descobertas de
 quando pensava, a prevenir o apparecimento da typhoides.
 mas portanto as vantagens das modificações feitas no
 tempo, e assim as lizes de experiencia. O meu fim, portanto,
 e mostrar quanto eram precavidas as declamações feitas
 de mexer sobre a simplicidade e efficacia do systema.
 Hoje o systema ja não é simples — é complicadissimo.
 E tambem mais intenso e energetic. Não falla quem alluma
 que agora é que o systema é efficax. E amaria ao supor
 que novas modificações destinadas a fortalecer o systema
 ainda mais efficax?

Y a communicação de 2 de corrente. Aca de sr. Pasteur
 apresenta duas tabellas de vacinas inoculadas. Uma lista de
 B e vacinas que não foram preservadas pelo tratamento sin-
 tico, e outra lista de 10 vacinas que receberam o tratamento
 mais complicado e que estavam com boa saúde de
 a communicação.

Tableau des 6 enfants

Noms	Age	Morsures et leur siège	Dates des morsures	Dates du traitement
Videau....	3 ans	Poignet droit. Arcade sourcilière droite.	24 février	27 fév.-7 mars
Lagut....	11 ans	Lèvre inférieure.	18 mai	24 mai-2 juin
Clédière...	21 mois	Face palmaire et deux doigts de la main droite.	17 juin	21 juin-30 juin
Peytel....	6 ans	Annulaire et médius droit. Deux morsu- res à la commissure des lèvres. Morsure à la lèvre inférieu- re, à la paupière et la joue gauches.	28 juin	30 juin-9 juillet
Moulis....	6 ans	Trois morsures à l'a- vant-bras. Grande perte de substance.	31 juillet	6 août-12 août
Astier....	2 ans	Deux joues au-dessous des yeux. Six mor- sures près des lè- vres et égratignu- res aux mains.	4 août	5 août-21 août

morts, malgré le traitement

Inoculations	Date de mort	Observations
Moelles de 14 à 6 jours (Une moelle par jour)	24 sept. 1886	Le traitement, insuffisant, n'avait produit qu'une vaccination partielle.
Moelles de 14 à 5 jours	17 juin	Même observation.
Moelles de 14 à 5 jours (Une moelle par jour)	17 août	Même observation.
Moelles de 14 à 5 jours puis de 10 à 3 jours (Une moelle par jour)	17 juillet	Il eût fallu faire trois traitements dans les 10 premiers jours, en allant jusqu'à la moelle de 2 et même de 1 jour chaque fois.
Moelles de 14 à 4 jours (Une moelle par jour)	8 septembre	Traitement insuffisant.
Moelles de 12 à 5 jours puis de 8 à 3 jours puis de 8 à 3 jours puis de 3 et de 2 (Une moelle par jour)	16 septembre	Vu la gravité et le nombre des morsures, il eût fallu que le premier traitement ne durât que 1 ou 2 jours seulement et qu'il fût suivi par des traitements intensifs répétés.

Tableau de 10 enfants mordus à la face et à la tête

Noms	Age	Morsure et leur siège	Dates des morsures
Degoul.....	2 1/2 ans	Fortes morsures à la tête et aux cuisses. 24 morsures et égratignures.	29 août
Baillet (Élise).....	3 1/2 ans	Morsures au-dessous de l'œil gauche.	20 août
Cunningham.....	7 ans	Morsures au bras gauche et à l'oreille gauche.	23 août
Tattersall.....	10 ans	Forte morsure à la joue sous l'œil gauche.	7 août
Sykes.....	11 ans	Plaie étendue à la joue droite.	22 août
Champion.....	2 1/2 ans	Morsures sous l'œil gauche et à la lèvre supérieure.	30 août
Masson.....	12 ans	Morsure partie médiane de la lèvre supérieure.	26 août
Bertheloot.....	14 ans	Morsure cloison du nez du côté droit.	25 août

soumis aux traitements intensifs et répétés

Dates des traitements	Inoculations	Observations
30 août-2 octobre	Moelles de 10 jours à 2 jours, données en 3 jours Moelles de 8 jours à 2 jours " 8 " 1 " " 6 " 1 "	A la date du 1 ^{er} novembre les morsures remontent à 63 jours.
22 août-4 octobre	Moelles de 14 jours à 2 jours, données en 3 jours Moelles de 8 jours à 1 jour " 6 " 1 "	Idem à 72 jours
26 août-23 septembre	Moelles de 14 jours à 2 jours " 8 " 2 " " 8 " 1 "	Idem à 69 jours
12 août-13 septembre	Moelles de 14 jours à 3 jours " 8 " 2 " " 8 " 2 " " 8 " 2 "	Idem à 85 jours
30 août-2 octobre	Moelles de 14 jours à 2 jours, données en 3 jours Moelles de 8 jours à 2 jours " 8 " 1 " " 6 " 1 "	Idem à 70 jours
1 ^{er} sept.-2 octobre	Moelles de 12 jours à 2 jours, données en 3 jours Moelles de 8 jours à 1 jour " 6 " 1 " " 6 " 1 "	Idem à 62 jours
1 ^{er} sept.-3 octobre	Moelles de 10 jours à 2 jours, données en 3 jours Moelles de 8 jours à 2 jours " 6 " 1 " " 3 " 1 "	Idem à 66 jours
2 sept.-22 septembre	Moelles de 12 jours à 2 jours, données en 3 jours Moelles de 8 jours à 2 jours " 5 " 1 " " 4 " 1 "	Idem à 67 jours

Noms	Age	Morsure et leur siège	Dates des morsures
Lescure.....	8 ans	Morsure angle externe du sourcil droit.	13 août
Dubarry.....	2 1/2 ans	Morsure à la lèvre supérieure et sur la muqueuse.	20 août

Dates des traitements	Inoculations	Observations
24 août-23 septembre	Moelles de 12 jours à 2 jours, données en 3 jours Moelles de 10 jours à 2 jours » 8 » 3 » » 4 » 1 »	Idem à 79 jours
25 août-1 ^{er} octobre	Moelles de 14 jours à 2 jours, données en 3 jours Moelles de 8 jours à 2 jours » 6 » 1 » » 3 » 1 »	Idem à 70 jours

Em nenhuma d'estas tabellas, como em nenhuma passagem da communicação do sr. Pasteur, existe qualquer referencia, directa ou indirecta, ás cauterisações dos mordidos e ao character rabico do animal aggressor. Ora o respeito e a admiração, que tributo ao benemerito e sabio sr. Pasteur, não podem n'esta questão reduzir-me a um silencio criminoso, pois que estou em frente de uma estatistica em que se não referem os incidentes capitaes do assumpto, que são e hão de ser sempre as provas relativas ao estado rabico dos animaes, e as informações relativas á cauterisação dos mordidos. Bem pôde o sr. Pasteur, e com elle a academia de medicina e com esta a nação franceza, apresentarem milhares de tabellas em que figurem milhões de inoculados. Em quanto se não decidirem ao menos a provar que a limpeza dos traumatismos é inutil, e que a cauterisação das mordeduras é inefficaz — ficarei sempre n'uma respeitosa reserva perante o valor scientifico das provas contidas n'essas tabellas, e continuarão as minhas duvidas sobre a natureza da paralyisia de que morrem os coelhos, cujas medullas são inoculadas diariamente nos mordidos.

A todos occorre perguntar em frente das duas tabellas.

1.º O animal, que mordeu a creança Dubarry, estava verdadeiramente enraivado?

Espremeram, lavaram ou cauterisaram os ferimentos da creança Dubarry, antes d'ella receber a primeira inoculação?

As mesmas perguntas a respeito das outras creanças ás quaes foi applicado o tratamento repetido e energico e que estavam de boa saude no dia 1 do corrente mez.

2.º O animal, que mordeu a creança Astier, estava verdadeiramente enraivado?

Espremeram, lavaram ou cauterizaram os ferimentos da creança Astier, antes d'ella receber a primeira inoculação?

As mesmas perguntas a respeito das outras creanças que morreram, apesar do tratamento.

A ultima parte da communicação do sr. Pasteur é relativa a novas experiencias sobre a vaccinação dos cães. Declara que até agosto de 1885 o successo das suas experiencias ti-

nha sido parcial. Mas que ultimamente, descançando da clinica rabica, voltára a essas experiencias, descobrindo as condições de bom exito : que se o dr. Frisch não pôde chegar a resultados satisfactorios, devia ser isso attribuido ao methodo de vaccinação lenta que adoptára.

N'este ponto seja-me permittido ir procurar a nota do sr. Pasteur de 26 de outubro de 1885, e transcrever d'essa nota a passagem relativa á maneira de tornar os cães refractarios á raiva. Ao lado d'essa passagem collocarei o novo processo do sr. Pasteur, a fim de que se possa conhecer bem a differença que vae de um para o outro.

«Ces faits étant établis, voici le moyen de rendre un chien réfractaire à la rage, en un temps relativement court. Dans une série de flacons, dont l'air est entretenu à l'état sec, par des fragments de potasse déposés sur le fond du vase, on suspend, chaque jour, un bout de moelle rabique fraîche de lapin mort de rage, rage développée après sept jours d'incubation. Chaque jour également, on inocule sous la peau du chien une pleine seringue de Pravaz de bouillon stérilisé, dans lequel on a délayé un petit fragment d'une de ces moelles en dessiccation, en commençant par une moelle d'un numéro d'ordre assez éloigné du jour où l'on opère, pour être bien sûr que cette moelle n'est pas du tout virulente. Des expériences préalables ont éclairé à cet égard. Les jours suivants, on opère de même avec des moelles plus récentes, séparées par un intervalle de deux jours, jusqu'à ce qu'on arrive à une dernière

«Il me reste à faire connaître à l'académie les résultats de nouvelles expériences sur les chiens. Mes premières expériences sur ce point remontent au mois d'août 1885. Le succès avait été partiel. Dans le cours de ces derniers mois, j'ai repris ces expériences aussitôt que le service de la rage m'en a laissé le loisir. Voici les conditions de leur réussite: la vaccination doit commencer peu de temps après l'inoculation, dès le lendemain, et l'on doit y procéder rapidement, donner la série des moelles préserveuses en vingt-quatre heures et même dans un délai moindre, puis répéter, de deux en deux heures, le traitement, une ou deux fois. Si le dr. Frisch, de Vienne, a échoué dans des expériences de ce genre, cet échec est dû à la méthode de vaccination lente qu'il a adoptée. Pour réussir, il faut, je le répète, procéder rapidement, vacciner les animaux en peu d'heures, puis les revacciner. On pourrait formuler ainsi

moelle très virulente, placée depuis un jour ou deux seulement en flacon. Le chien est alors rendu réfractaire à la rage.»
(*Applaudissements.*)

(*Comptes rendus des séances de l'académie des sciences, séance du lundi 26 octobre 1885 — Méthode pour prévenir la rage après morsure, par mr. L. Pasteur, p. 767.*)

les conditions de réussite ou d'échec de ces expériences: Le succès de la vaccination des animaux, après leur infection par trépanation, dépend de la rapidité et de l'intensité de la vaccination. L'immunité conférée dans de telles conditions est la meilleure preuve de l'excellence de la méthode. (*Applaudissements.*)

(*Bulletin de l'académie de médecine, n° 44, séance du 2 novembre 1886 — Nouvelle communication sur la rage, par mr. L. Pasteur, p. 375.*)

Lida a comunicação scientifica do sr. Pasteur, que terminou na passagem que acabei de transcrever, relativa ao novo methodo de vaccinação dos cães, levantou-se o academico sr. Verneuil, respeitavel professor de clinica cirurgica da faculdade de medicina de Paris. Ninguem mais e melhor do que o respeitavel professor poderia n'aquella occasião solemne, depois de saudar o novo trabalho do glorioso experimentador, dizer-nos alguma cousa sobre as vantagens ou inconvenientes de se attender energica e urgentemente á hygiene dos traumatismos, principalmente d'aquelles que forem produzidos pelos dentes de um animal, contendo uma substancia virulenta.

O abalisado professor não se propoz a tratar a questão no campo scientifico, esclarecendo a assembléa sobre as vantagens ou inconvenientes da expressão, da limpeza ou da cauterisação das mordeduras produzidas por animaes suspeitos, e sobre as propriedades das medullas injectadas diariamente em grandes porções, a titulo de preservarem todos os individuos que ali se apresentam, contra o apparecimento de uma doença chamada raiva. O sr. Verneuil tambem nada inquiriu sobre a natureza da doença de que morrem os coelhos cujas medullas, usadas nas vaccinas, são consideradas virulentas e de uma virulencia exactamente da mesma natureza que o vi-

rus rabico contido na baba dos cães atacados de raiva natural e furiosa. Tratar-se-ha da verdadeira raiva? Tratar-se-ha de uma raiva artificial e degenerada? Tratar-se-ha de uma doença de marcha cyclica e de terminação fatal que se pôde determinar e reproduzir em todos os animaes, collocando directamente sobre o cerebro d'esses animaes e através de uma corôa de trepano, uma substancia estranha, susceptivel de se desorganisar e de irritar o cêrebro?

O sr. Verneuil tambem não desejou saber se os individuos cauterisados e depois vaccinados tinham sido mordidos por cães verdadeiramente enraivados; e n'este caso, admittindo que todos estavam sujeitos a contrahir a doença, se ficaram todavia preservados pela acção das cauterisações ou pelos effeitos das medullas.

E os individuos que têm morrido, cauterisados e não cauterisados, mas todos inoculados?

A morte dos cauterisados é devida á acção do virus natural ou á acção das inoculações? Se é devida ao virus natural deposto pela mordedura, as cauterisações foram inefficazes para esses individuos — e tambem o foram as inoculações. Se é devida á acção das inoculações, então as medullas algumas vezes têm sido virulentas. Finalmente porque seria que n'este primeiro anno de vaccinações a mortalidade produzida pela raiva nos inoculados e nos não inoculados não differe da que foi assignalada por Tardieu, emquanto que augmentou extraordinariamente o numero de individuos dizendo-se mordidos por cães enraivados, e correndo ao laboratorio da rua d'Ulm?

Porventura a bella e humanitaria tentativa do sr. Pasteur estará destinada a viver á custa do medo publico, e a ser applicada indistinctamente a todos os individuos arranhados ou mordidos por animaes enraivados e não enraivados?

Li n'uma revista de medicina, que para toda a especie de traumatismos devia praticar-se as inoculações do sr. Pasteur, por serem inoffensivas, emquanto que o uso das cauterisações constitue um processo inquisitorial!

Já se pretende generalisar as inoculações anti-rabicas trans-

formando-as n'um systema curativo de todos os traumatismos produzidas no homem pela aggressão dos outros animaes !

O methodo das cauterisações principalmente applicado nas creanças é violento, e colloca-as assim como a familia e o operador n'um momento doloroso. E o methodo das inoculações não será tambem doloroso para as creanças ?

D'antes durava dez dias, recebendo a creança uma injeccão por dia. Assisti n'aquelle tempo ás inoculações, e por isso poderei dizer que pelo lado do soffrimento physico, o uso da velha prophylaxia, que se pratica n'um momento, em cinco, quinze, trinta ou quarenta minutos é preferivel áquelles dez dias de inoculações. Ali observei que nos ultimos dias a creança, ao chegar á porta do laboratorio, já estava extenuada de tanto chorar e gritar, prevendo que ia sair de casa para receber nova picada. E hoje em que nos casos de mordeduras graves, o tratamento dura de quatro a cinco semanas, recebendo a creança trez injeccões por dia? Hoje que os ajudantes se têm visto obrigados a suspender o tratamento por causa dos vastos edemas e inflammações provocadas pela abundancia do liquido injectado ? Hoje pelo lado do soffrimento physico será a nova prophylaxia mais benigna do que a prophylaxia da limpeza e das cauterisações?

Sejamos todos rasoaveis não levando a questão para o soffrimento physico. Não é por ali que o assumpto ficará bem liquidado. As cauterisações, sejam ou não sejam inquisitoriaes hão de ser sempre empregadas, por quem confiar nos seus beneficios. As inoculações, sejam ou não sejam inquisitoriaes, ficaram para sempre, e hão de ter sempre mordidos, medullas e inoculadores.

Ora muito lucraria a medicina franceza e todos nós que a estudámos e respeitámos, que algumas d'estas questões que se vão accumulando, começassem já a ser convenientemente esclarecidas por uma corporação tão auctorizada como é a academia de medicina de Paris. Não haja receio que diminua a confiança publica depositada na efficacia das vaccinações anti-rabicas praticadas em Paris. O numero de cães, gatos ou lobos verdadeiramente enraivados é resumido, e resumi-

dissimo o numero de individuos mordidos por esses animaes, que, apesar de não lavarem ou cauterisarem as mordeduras, chegam a contrahir a doença. E, pelo contrario, é grande o numero de cães, gatos ou lobos que povoam a superficie da terra, uns com boa saude, outros atacados de varios males, principalmente o cio e a fome, e todos mais ou menos propensos a morder e a arranhar; n'estas condições é immenso o numero de creanças, adultos e velhos de ambos os sexos que annualmente são aggedidos por estes animaes.

Ora a descoberta do sr. Pasteur foi de tal maneira vulgarizada, que a imaginação publica ficou seriamente commovida. Portanto as peregrinações anti-rabicas a Paris hão-de continuar, e haverá sempre um grande numero de individuos figurando na estatistica dos curados pela prophylaxia pastoreana, como figurariam na estatistica de qualquer das muitas prophylaxias que têm apparecido para a raiva. Esses individuos foram mordidos e nada mais.

Seria util que estas questões fossem levantadas pelo sr. Verneuil, visto que a descoberta do sr. Pasteur já passou para o dominio da pathologia humana e da clinica.

Foi o sr. Colin que se encarregou d'essa tarefa, que é realmente difficil no actual momento. O sr. Verneuil, porém, no seu breve discurso, limitou-se a annunciar officialmente que em França estava existindo uma propaganda de descredito trabalhando na sombra contra a admiravel descoberta do sr. Pasteur, e que por isso tinha escutado com prazer a nova communicação, porque ella respondia a essa campanha tenebrosa, que em breve poderia prejudicar a corrente bem legitima de admiração que o methodo do sr. Pasteur deve inspirar a todos os espiritos de boa fé e desapaixonados. Terminou immediatamente da maneira seguinte:

«La preuve que la méthode est bonne, c'est que M. Pasteur vient précisément de la perfectionner, on vient de voir avec succès. Il peut donc sans crainte continuer de marcher dans la voie du progrès sans se préoccuper davantage de ces obscures blasphemateurs. (Applaudissements.)»

Na seguinte sessão da academia de medicina, realisada a

9 do corrente mez, o professor Colin (d'Alfort) occupou a tribuna para saudar o novo trabalho do sr. Pasteur, e manifestar depois pela primeira vez quanto se sentia receioso pela maneira irregular com que iam correndo as vaccinações, tratando-se só de estatisticas, e não se pensando em esclarecer as grandes duvidas que iam successivamente augmentando.

Transcreverei algumas passagens do discurso do sr. Colin:

.....

«Il importe de remarquer que tous les individus mordus par des chiens enragés ne contractent pas la rage, quand bien même ils ne seraient soumis à aucun traitement; de nombreuses expériences ont confirmé ce fait d'observation. Puis il faut tenir compte du nombre des sujets assez bien cautérisés pour éviter les suites des morsures; on ne tient pas assez compte aujourd'hui des excellents résultats de cette pratique, qui n'a pas besoin d'être appliquée immédiatement pour être efficace, la salive rabique étant peu diffusible, peu nuisible à l'eau, à la sérosité et au sang, peu apte à pénétrer les tissus et à former des courants osmotiques. Ainsi, de la somme totale des sujets traités, il convint de défalquer, 1° les mordus par animaux non enragés; 2° ceux sur lesquels les morsures ne devaient pas avoir de suites facheuses; 3° ceux qu'une cautérisation efficace a préservés.»

«Enfin, il est à craindre que les vaccinations rabiques ne puissent déterminer par elles-mêmes la maladie, si les morsures n'étaient pas rabiques, ou bien si la cautérisation préalable avait complètement détruit la matière virulente.

«On nous parle de deux mille quatre cents personnes mordues par des chiens, des chats ou des loups enragés et iraitées par les inoculations de moelles de lapin. Que ces personnes aient été inoculées cela est certain; qu'elles aient été mordues, soit encore; mais que toutes ces morsures aient été faites par des animaux enragés, cela me paraît plus que douteux.

«J'affirme, le sachant par expérience, que fort souvent les éléments de la statistique de la rage sont recueillis par des gens ou incompetents ou ignorants.

«J'affirme aussi qu'on prend souvent pour un chien enragé un animal errant, hargneux ou irrité; j'affirme enfin que là où les constatations sont faites par un vétérinaire (ce qui est assez rare), ni la rougeur de la gorge, ni la présence de paille, de foin, de corps étrangers dans l'estomac ne sont des indices positifs de la rage, et que

toute lésion anatomique spéciale faisant défaut, la seule manière scientifique de constater la rage consiste à garder et à observer l'animal suspect jusqu'à la fin. Or, c'est ce qui n'a presque jamais été fait, autant que je le sache, dans les cas de morsures traités par M. Pasteur.

«Il est plus facile de dénombrer les personnes mordues par des animaux suspects que de diagnostiquer avec certitude la rage. Ce dénombrement a été fait pour la France et par les soins de l'autorité; or, il porte, pour l'année précédente, à 351 (en moyenne 29 par mois) le nombre des personnes mordues dans ces conditions. Et M. Pasteur, durant le même laps de temps, a traité 1:700 mordus! Voilà un écart de plus d'un millier de cas, que je ne saurais m'expliquer, à moins d'admettre qu'il y a eu tout à coup une recrudescence sans exemple de la rage dans l'espèce canine.

«Tout le monde sait que les personnes mordues, même par des animaux chez lesquels la rage a été dûment constatée, ne contractent pas la rage. Le fait s'explique, la plupart du temps, par des circonstances connues: la dent était sèche, ou bien elle s'était essuyée en traversant les vêtements, ou bien la quantité de salive virulente était insuffisante, ou bien elle avait été entraînée au dehors de la plaie par le saignement. Quelle est la proportion des personnes mordues par des animaux rabiques, traitées par M. Pasteur, et qui, même sans traitement, n'auraient pas contracté la rage? On ne saurait la préciser.»

«La cautérisation prompte et profonde, quoi qu'on en ait dit, est très souvent efficace; c'est encore le meilleur des traitements que je connaisse. Combien, parmi ce qui reste des clients réputés guéris par les inoculations, ont été garantis par les cautérisations? M. Pasteur a omis de faire le compte des cautérisés. C'est un tort; car, je répète, la cautérisation bien pratiquée est efficace.

«Il meurt en France, en moyenne et par an, de vingt-six à trente personnes. Durant l'année qui vient de s'écouler, dix ont succombé après le traitement de M. Pasteur; l'enquête officielle porte à seize le nombre des personnes non traitées et mortes de la rage pendant cette même année. Nous voilà donc ramenés au chiffre total de vingt-six à trente accusé par une statistique qui n'a pas, il est vrai, plus de certitude que les autres, mais qui n'en a pas moins.

M. Colin indique quelques expériences préalables qui n'ont point été réclamées par la commission académique, et il ajoute:

«Bien loin de me sentir rassuré, je m'effraye en songeant à la méthode nouvelle de M. Pasteur et aux inoculations intensives et précipitées qu'elle comporte.

«Tous mes vœux, au point de vue humanitaire, accompagnent les tentatives de M. Pasteur; mais je regrette d'avoir à ajouter qu'au point de vue de la science, ces tentatives m'obligent à faire des résér-

ves, et qu'elles ne paraissent pas conduites avec la méthode désirable.»

O sr. Verneuil annunciou oficialmente no seu discurso que em França estava existindo uma campanha tenebrosa, trabalhando na sombra contra a admiravel descoberta do sr. Pasteur.

Ora, quando eu ali estive estudando o assumpto, ouvi pela primeira vez, no proprio laboratorio da rua d'Ulm, que se estava emprehendendo em França uma campanha destinada a afugentar os crentes da nova prophylaxia, mas que essa campanha não fazia impressão na gente sincera e pensante, porque se sabia bem que era movida por individualidades a quem desagradavam *certas idéas philosophicas* do grande sabio. Esta noticia, nos termos em que fica exposta, já foi oficialmente consignada no relatorio do delegado do governo portuguez o sr. Eduardo Burnay.

Nunca tive tempo nem coragem para indagar, quaes fossem as idéas philosophicas do grande sabio que n'um seculo de tanta liberdade e tolerancia, e n'um povo tão intelligente-mente educado, eram capazes de desagradar ao ponto de dividirem a sciencia pelo odio, e os homens por tremendas injustiças. Pois de certo que será uma tremenda injustiça contestarem ao sr. Pasteur o valor e o alcance de qualquer dos seus trabalhos, incluindo os da raiva. Ainda mesmo que se podesse provar que as vaccinações anti-rabicas estão sendo um erro scientifico, ainda assim o sr. Pasteur ficaria com bastantes titulos de gloria para attrahir o amor dos homens, e impor-se ao respeito universal.

O sr. Pasteur é espiritualista ou organicista ou materialista?

Lê mais o Pythagoras do que o Protagoras, ou mais o Epicuro do que o Platão? Prefere o dualismo racionalista de Anaxagoras ao mysticismo materialista de Empedócles, e ao idealismo unitario de Parménides? Acha que a *ethica* de Spinosa não vale a *summa* de S. Thomás, ou que Helvetius philosophára melhor do que Santo Agostinho?

Das duas theorias extremas sobre a vontade, qual d'ellas é seguida pelo sr. Pasteur, — a theoria da liberdade absoluta ou a do fatalismo? O sr. Pasteur é de Manuel Kant ou contra Manuel Kant? É de Augusto Comte ou contra Augusto Comte?

Se me não engano, parece-me que o sr. Pasteur nunca se explicou a este respeito, por ser o primeiro a comprehender que mais serviços prestaria á sciencia interrogando a vida, do que tentando definil-a.

O que vem fazer as idéas philosophicas do sr. Pasteur á questão da prophylaxia anti-rabica?

Provam que os cães que mordem estão sempre enraivados?

Provam que todos os mordidos são sensiveis á acção do virus rabico?

Provam que os coelhos morrem de raiva?

Provam que as medullas-vaccinas são virulentas?

Provam que essas vaccinas nunca podem ser perigosas?

Provam que essas vaccinas preservam sempre os contagiados?

Provam que a expressão é inutil, que a agua não limpa e que as cauterisações são perigosas?

As idéas philosophicas do sr. Pasteur, sejam ellas quaes forem, vivem na intimidade dos seus pensamentos, e a ninguém é permittido perturbal-as com lisonjas ou com criticas. Essas idéas philosophicas, indiscretamente transportadas para o publico ignorante ou selecto, nada provarão contra ou a favor da efficacia das vaccinações anti-rabicas. Os experimentadores costumam deixar a philosophia á porta dos laboratorios.

Se é má a posição do grupo francez que combate os trabalhos do homem por lhe desagradar a philosophia do sabio, não é melhor a situação do outro grupo francez que defende a infallibilidade do sabio por sympathisar com a philosophia do homem. Cedam uns das suas paixões, e desistam outros das suas impertinencias, que a questão ficará bem liquidada.

De resto, se existem algumas campanhas tenebrosas contra a immortal tentativa do sr. Pasteur, por causa das suas

idéas philosophicas, essas campanhas nada poderão contra os trabalhos d'aquelle sabio e devem ser tidas na mesma conta que os artigos, calculos e circulars do *Journal de micrographie* de Paris, que julga fazer um grande mal á elevação e valor do trabalho do sr. Pasteur, levando-o para um campo, onde na minha opinião não é licito discutir o fructo que cada qual tira honradamente do seu trabalho.

Deixarei de vez essas campanhas tenebrosas para attender ás considerações feitas na academia de medicina de Paris por um homem circumspecto, professor de elevados credits no saber e no talento e auctorisadissimo investigador, em tudo que se refira á raiva canina e humana.

Se as considerações genuinamente scientificas, apresentadas pelo sr. Colin, merecem tambem a classificação de campanha — então será uma campanha de luz. Tarde ou cedo a academia de medicina de Paris e até a França sentirão a necessidade de se fazer luz, muita luz, pelo menos sobre o numero dos candidatos á raiva, depois que o sr. Pasteur inaugurou a sua prophylaxia anti-rabica.

XIV

Vou fazer a transcripção exacta dos apontamentos do meu diario, que se referem aos portuguezes tratados em Paris, enquanto ali estive estudando a nova prophylaxia anti-rabica. N'esta transcripção não omittirei os interrogatorios que fiz aos mordidos, porque entendi, como entendo ainda, que esta questão das vaccinações anti-rabicas deve ser estudada com muito cuidado. Não tenho a occupar-me dos tres primeiros clientes Antonio Moreira Dias, Raul de Sousa Monteiro e José Moreira da Ascensão, porque o relatório ácerca d'estas tres creanças já foi apresentado pelo distincto professor encarregado d'aquella missão.

Abril 7. — Chegou o portuguez Antonio Mendes Coelho, de sessenta e quatro annos de idade: foi para o hotel Riche, por estar completamente cheio de russos, italianos, etc.,

o da rua de Gay-Lussac. Narra o homem que no dia 5 de março foi mordido por um cão. (É visível a cicatriz na terceira phalange do dedo minimo da mão esquerda.) Sentiu-se apprehensivo por lhe dizerem que o cão estava damnado, e por isso lavou repetidas vezes a mordedura com agua, vinagre e alhos pisados. Consultou um medico e resolveu seguir para aqui. Pedi-lhe para narrar a maneira por que foi atacado pelo cão: respondeu que o animal ia a ladrar furiosamente n'uma grande carreira, e que esbarrando com elle fôra mordido. Perguntado sobre os motivos que tinha para dizer que o animal estava damnado, respondeu que, alem de estar certo d'isso pela volta em que o cão ia levado, soube que elle tinha mordido outros cães, desapparecendo da freguezia. Perguntado sobre o motivo por que, tendo sido mordido no dia 5 de março, só um mez depois pensára em vir tratar-se, respondeu que só nos fins d'aquelle mez é que lêra nas folhas que havia um remedio para as mordeduras de cães damnados; que era muito perigoso não se fazer caso do tratamento, porque a doença apparecia estando o individuo muito socegado da sua vida; que este tratamento já tinha salvo milhares de individuos damnados de toda a parte do mundo. Emfim Mendes Coelho expoz o que lêra e o que ouvira na sua freguezia — um montão de petas, com uma ou outra verdade — e que d'aquelle momento em diante não pôde mais socegar, lembrando-se constantemente da sorte que o esperava, apesar de ser velho e doente, etc. Arranjou os seus negocios, tendo alguns meios, resolveu partir immediatamente para aqui á sua custa. Não traz documentos para apresentar no laboratorio. Este bom homem está triste e abatido. Deseja ardentemente começar já a *tomar o remedio* Queixa-se de uma dor no braço esquerdo (foi mordida a mão esquerda). Burnay chamou a minha attenção para este facto, que é realmente importante. Será um dos prodomos da raiva n'este cliente? Pôde ser: mas bem interrogado declarou-me *que a dor do braço era antiga e que já no Brazil soffria de rheumatismo*. Soceguei-o como pude, e acompanhei-o ao laboratorio.

Começou no tratamento hoje mesmo.

Data	Inoculações	Estado de saúde
Abril		
7	1. ^a	Bom.
8	2. ^a	
9	3. ^a	
10	4. ^a	
11	5. ^a	
12	6. ^a	
13	7. ^a	
14	8. ^a no lado esquerdo	
15	9. ^a	
16	10. ^a no lado esquerdo.....	
		Nenhum rubor no lado esquerdo, continuando o do lado direito.

Fez os seus agradecimentos aos srs. Grancher e Pasteur. Está satisfeito; que só tinha tido alguma tosse; comeu e dormiu sempre muito regularmente. Não sente a dor do braço. Disse-me que se retirava hoje á noite para a sua terra. Boa viagem.

.....

Abril 9. — João Rodrigues, de trinta e quatro annos de idade, trabalhador em Lisboa, n'uma companhia de vapores. É uma das constituições mais robustas que tenho observado. Está alegre, com optima saúde e narra o caso que o trouxe até aqui da maneira seguinte: no dia 26 de março, ás nove horas da manhã, foi mordido por um cão no dorso da mão direita; entrou immediatamente n'uma phar-macia, onde lhe applicaram uma cousa caustica, que lhe produziu muitas dores e que lhe disseram ser um cauterio. Partiu de Lisboa no dia 2 de abril e chegou aqui hontem, sendo a demora devida a ter feito a viagem por mar, de Lisboa até Bordeaux. Mostra-se muito reconhecido aos patrões, que generosamente lhe pagaram todas as despesas d'esta viagem.

— O cão mordeu mais alguém?

— Não senhor, foi só a mim.

— Tem a certeza de que o cão estava enraivado?

— Tenho, sim senhor, pelo fumo que elle botava pelo nariz e porque levava, com licença, o rabo entre as pernas.

— O cão corria atraz de algum outro animal?

— Não me lembra d'isso, porque fui causticar a ferida, mas se o senhor duvida que o cão estivesse damnado então ficará sabendo que correram sobre elle até aos lados de Xabregas, onde o atravessaram com um espeto.

— Teve medo de ficar doente, depois de lhe terem cauterisado a ferida?

— Eu não sou lá muito medroso, mas emfim disseram-me em Lisboa que agora o unico remedio para isto só aqui é que havia.

— Consultou algum medico?

— Sim, senhor.

— Que lhe disse elle?

— Que eu não estava damnado, mas que isto era má doença, e por isso não queria saber de responsabilidades.

— Vossemecê é que pediu para vir cá?

— Não, senhor, foram os jornaes.

Não traz documentos para o laboratorio; é evidente o trabalho de cicatrização no logar da mordedura.

Em perfeito estado de saude recebeu hoje mesmo a primeira inoculação.

Data	Inoculações	Estado de saude
Abril		
9	1. ^a	Bom.
10	2. ^a	
11	3. ^a	
12	4. ^a	
13	5. ^a	
14	6. ^a	
15	7. ^a	
16	8. ^a	

Faltei ás inoculações por alguns dias. No dia 18, Rodrigues recebeu a 10.^a e ultima inoculação, fazendo favor de vir cá ao hotel dizer que seguia para Lisboa. Que nunca sentira o mais ligeiro incommodo, e só no logar das picadas uma certa comichão.

Abril 26. — Chegaram hoje e começaram logo na vaccinação tres portuguezes, muito pobres, que vieram subsidiados pelo governo:

1.^o Joaquim Pereira Ambrosio, de dez annos de idade. No dia 18 de abril foi mordido por um cão, atravez as roupas, no flanco e na perna esquerda. As mordeduras foram logo espremidas, e lavadas com agua e vinagre. No dia seguinte foram cauterisadas pelo medico com acido sulphurico.

2.^o Venancio Franco, de quarenta e quatro annos de idade, mordido no mesmo dia pelo mesmo cão no terço inferior da perna esquerda atravez das roupas. A mordedura foi immediatamente espremidada e lavada com agua e vinagre. No dia seguinte cauterisada pelo mesmo medico com acido sulphurico.

3.^o Alexandre Correia, de quarenta e nove annos, mordido no mesmo dia pelo mesmo cão, no terço inferior da perna esquerda, atravez as roupas. A ferida foi lavada n'esse dia, e cauterisada no dia seguinte pelo mesmo medico com acido sulphurico.

A creança explica com mais clareza os acontecimentos do que os companheiros. Diz que quizeram prender o animal e que este desatou ás mordeduras, fugindo a ladrar n'uma grande carreira. Viram logo que estava damnado, e por isso lavaram as feridas com vinagre e agua, indo depois ao medico para as queimar. Que d'ali a dias começaram a ouvir dizer que elles estavam damnados. Venancio Franco acrescenta do lado, que houve troca de papeis para Lisboa, empenhando-se as auctoridades e as principaes pessoas da terra, os srs.

F., F., F., para serem soccorridos, visto viverem da enxada, e não poderem fazer as despesas para se curarem. Dizem que não trazem documentos. Talvez que fossem remetidos ao Burnay ou ao visconde de Faria.

Estes tres clientes estão actualmente de perfeita saude. Vê-se que a cauterisação com o acido sulphurico foi feita valentemente, porque principalmente o Alexandre Correia apresenta na perna esquerda uma vasta superficie cauterizada. Note-se que os dentes do animal atravessaram as grossas calças dos mordidos antes de chegarem ás carnes.

A creança diz que o cão não chegou a pisa-la muito no flanco. N'este logar os dentes do animal tiveram de atravessar a jaqueta de grossa serapilheira, um collete e a camisa. Dizem os escriptores que estas mordeduras não são tão graves, na hypothese do cão estar bem damnado, do que quando são feitas nos tecidos a descoberto. O dente do animal limpa-se atravez das roupas, e é assim que chega ás carnes, quando chega, pois isso depende da quantidade e da qualidade das roupas, de que o individuo estiver vestido.

Receberam hoje mesmo a primeira inoculação.

1.º — Ambrosio:

Data	Inoculação	Estado de saude
Abril		
26	1. ^a	
27	2. ^a	
28	3. ^a	
29	4. ^a	
30	5. ^a	Bom.
Maio		
1	6. ^a	
2	7. ^a	
3	8. ^a	
4	9. ^a	
5	10. ^a	Ha um pouco de edema no hypocondrio direito.

2.º — Venancio :

Data	Inocuações	Estado de saúde
Abril		
26	1. ^a	Bom.
27	2. ^a	
28	3. ^a	
29	4. ^a	
30	5. ^a	
Maio		Queixa-se de uma <i>catarrhal</i> , tem alguma tosse e expecto- ração abundante.
1	6. ^a	Diz estar um pouco melhor.
2	7. ^a	Diz que a picada de hoje doeu- lhe mais do que as outras.
3	8. ^a	Continua a tosse.
4	9. ^a	
5	10. ^a	
		Só se queixa da <i>catarrhal</i> ; diz que comeu e que bebeu sem- pre muito bem, a tosse é que o não deixava dormir muito socegado: o que suc- cede ha annos. No logar das inocuações não ha edema, nem rubor.

3.º — Correia :

Data	Inoculação	Estado de saúde
Abril		
26	1. ^a	Bom.
27	2. ^a	
28	3. ^a	
29	4. ^a	
30	5. ^a	
Maio		
1	6. ^a	
2	7. ^a	
3	8. ^a	
4	9. ^a	
5	10. ^a	

Seguem para Lisboa, sem terem apresentado durante o tratamento o menor symptoma inquietador.

Maio, 3. — Chegaram tres portuguezes. Burnay foi viajar pela Belgica, e encarregou-me de levar ao laboratorio estes clientes, se o consul não podesse ir. São elles:

1.º Manuel Pereira, de vinte e dois annos, natural da freguezia de Palmeira, districto de Braga. Foi mordido por um cão no dia 13 de abril no terço inferior da perna direita. A mordedura foi cauterisada por um boticario, com massa caustica, e tomou uma bebida, *assim como agua choca*. Apresenta na perna uma ulceração de 6 a 8 centimetros de diametro. *Affirma que os dentes do cão não tinham produzido sangue no logar da mordedura. Que as carnes é que ficaram moidas. Traz as mesmas calças que vestia quando foi aggreddido: apresentam dois ou tres rasgões muito pequenos; as ceroulas de panno grosso não chegaram a ser atravessadas.*

2.º Antonio Peixoto, de trinta annos, do mesmo logar. Foi mordido no dia 14 de abril por um cão. Perguntado se seria o mesmo que na vespera tinha mordido o companheiro, respondeu que sim, e tanto que logo que o avistou, correu sobre elle de enxada em punho, amassando-o contra um muro, sendo n'esse momento mordido na parte externa do terço inferior da coxa. Que a mordedura não tinha sangrado. N'esse logar o homem tinha camisa, ceroulas e calças de briche. Só as calças é que chegaram a ser perfuradas.

— Mas se o cão não chegou a mordel-o deveras então não cauterisou o logar atacado? (perguntei-lhe eu).

— Na tarde d'esse dia sempre me decidi a queimar com massa caustica e um ferro em braza, e a tomar a bebida que tinham dado ao meu companheiro, porque o cão estava damnado.

— Porque diz que o cão estava damnado?

— Porque nos mordeu, e tambem o disse o sr. abbade.

- E quem mais disse isso ?
- O sr. administrador, que nos passou a certidão.
- É um attestado em que aquella auctoridade declara que Pereira e Peixoto tinham sido mordidos por um cão hydrophobo.
- Trazem mais alguma certidão ?
- Não, senhor.
- Foram observados na freguezia por algum medico ?
- Não, senhor.
- E por algum curioso ?
- Sim, senhor.
- O que disse o curioso ?
- Que tinhamos o mal na massa do sangue.
- O administrador é medico ?
- Não, senhor.
- E veterinario ?
- Isso não sabemos.
- O administrador mandou o cão morto para Braga ?
- Não, senhor.
- Como soube elle que o cão estava damnado ?
- Porque lh'o disseram.
- Mas quem lh'o disse ?
- As testemunhas.
- Quaes testemunhas ?
- Nós dois e toda a freguezia que soube d'esta desgraça.
- Continuam, ora um, ora outro, narrando que toda a cidade de Braga, sabendo pelas folhas do acontecimento, começára a bramar que não era justo que só viessem aqui os doentes de Lisboa, ficando os do Minho sem soccorros, etc., etc. Emfim elles cá estão. São uns pobres creados de lavoura na tal freguezia de Palmeira.
- Vieram subsidiados pelo governo.
- 3.º Arthur, exposto, de nove annos de idade. É rapaz de boa memoria. Á primeira pergunta que lhe faço sobre o dia em que tinha sido mordido, respondeu logo com as seguintes explicações: *Fui mordido a 24 d'este mez á vista de toda a gente por um cão com toda a certeza damnado.*

Explica depois que estava a brincar com o animal quando este o mordêra na mão direita, fugindo logo.

Que lhe espremeram e lavaram a ferida, mas que só no dia seguinte é que fôra queimada. Apresenta um attestado de um medico. É muito pobre, e foram as auctoridades e os senhores *F., F., F.*, que pediram muito para elle vir curar-se á custa do governo.

Ás dez horas fui ao hotel para acompanhar os clientes e fazel-os inscrever no tratamento. Não houve a menor difficuldade porque o consul já tudo tinha providenciado.

Fôra pela manhã buscal-os á estação, acompanhou-os ao hotel, e arranjou logo que se podessem apresentar no laboratorio do sr. Pasteur, calçados e vestidos decentemente.

Quando o preparador Wasserzug tomava as notas dos tres novos clientes, chamei a sua attenção para as seguintes declarações de Pereira e Peixoto:

1.º Que os dentes do cão não tinham chegado a atravessar as ceroulas;

2.º Que os tecidos molles não foram penetrados, mas simplesmente contundidos;

3.º Que, apesar d'isto, as contusões foram lavadas e cauterisadas;

4.º Que invocavam o testemunho do parochó e do administrador para poderem affirmar que o cão estava damnado.

Como pude expliquei a força que em sciencia medica experimental póde ter a opinião de um parochó (não medico) e a certidão de um administrador (não medico) ácerca da anatomia pathologica e do diagnostico da raiva nos cães e nos homens.

Wasserzug, que é um rapaz amavel e intelligente, tomou nota d'estas explicações. Não é medico, mas falla e traduz, perfeitamente bem, o allemão, o inglez e o russo. É o interprete do laboratorio, e o sr. Pasteur chama constantemente por elle para se poder entender com aquella gente.

Aproveitei a occasião para saber se o livro *Histoire d'un savant par un ignorant*, onde se descrevem cousas extraordinarias sobre cães damnados, era realmente devido, como dizia o jornal *Le Temps*, de 16 de abril, á penna do genro do

sr. Pasteur, o sr. Vallerey-Radot, respeitavel litterato parisiense.

Emfim, parece-me que Wasserzug, lá bem no fundo, está ainda mais convencido do que eu, de que estão sendo vaccinados muitos individuos, sem terem sido bem tocados por dente de cão, quanto mais mordidos por cães bem enraivados. Os tres clientes receberam hoje — 3 de maio — a primeira inoculação. O Manuel Pereira, depois de estar no gabinete a dar as informações, saiu na minha companhia para o pateo do laboratorio, queixando-se de que estava com vertigens, muita sede, dores na garganta e estomago, etc. Foi nocu lado com os outros e perdi-os de vista.

Saindo do laboratorio vi grande ajuntamento á porta do hotel Gay-Lussac. O Manuel Pereira, seguro pelo companheiro, muito amarello e coberto de suor, agitava-se em grandes convulsões, ficando as mãos na garganta, gritando que estava com as ancias da morte, etc. Levei-o para o quarto onde começou d'ahi a momentos a vomitar copiosamente e pôde então dizer, já a rir, que na estação tinha tomado em jejum uma bebida doce, mas que não era bem aguardente de Braga, e que aquillo começára logo a trabalhar-lhe com o estomago. As cinco horas já estava bem jantado a passear no Luxembourg com outros individuos.

1.º — Pereira :

Data	Inoculações	Estado de saude
Maio		
3	1. ^a	Bom.
4	2. ^a	
5	3. ^a	
6	4. ^a	
7	5. ^a	
8	6. ^a	
9	7. ^a	Algum rubor no hypocondrio direito.
10	8. ^a	
11	9. ^a	
12	10. ^a	

2.º — Peixoto:

Data	Inoculações	Estado de saúde
Maio		
3	1. ^a	Bom. Diz que tem um tumor no lugar da picada. É um edema. Inoculação no outro hypocondrio.
4	2. ^a	
5	3. ^a	
6	4. ^a	
7	5. ^a	
8	6. ^a	
9	7. ^a	
10	8. ^a	
11	9. ^a	
12	10. ^a	

3.º — Arthur:

Data	Inoculações	Estado de saúde
Maio		
3	1. ^a	Bom.
4	2. ^a	
5	3. ^a	
6	4. ^a	
7	5. ^a	
8	6. ^a	
9	7. ^a	
10	8. ^a	
11	9. ^a	
12	10. ^a	

Retiraram no dia 12 d'esta cidade, gordos, prazenteiros e bem vestidos, sem nunca se terem queixado da menor perturbação que se approximasse da raiva, antes ou durante o

tratamento. Nunca observei em qualquer d'estes patricios as chamadas lysses sub-linguae.

.....

Maio, 16. — Chegou hoje Manuel de Brito, de dois annos e meio de idade, acompanhado pelo pae Manuel José da Rocha, homem pobrissimo. Vieram á custa do governo. A creança foi mordida no dorso da mão esquerda em 1 de maio, por um cão, que, diz o pae, estava damnado, porque depois de levar uma grande tunda, fugira por entre um faval, e ninguem mais o vira. Só no dia seguinte é que as feridas foram cauterisadas. Apresenta o attestado de um habil cirurgião, onde este declara *que Rocha se lhe apresentára no dia 2 de maio a fim de curar quatro pequenas feridas contusas, que seu filho Manuel tinha no dorso da mão esquerda, declarando o dito Rocha que ellas tinham sido occasionadas na vespera pela mordedura de um cão, que elle Rocha julgava raivoso.* — Declara mais o cirurgião que as feridas nada offereciam de particular; que foran escharificadas e cauterisadas com manteiga de antimonio; e que até aquelle momento de passar o attestado, 11 de maio, a creança ainda não manifestára symptoma algum de hydrophobia.

Este attestado está bem passado, pois o cirurgião não podia por fórma alguma affirmar que o cão estivesse realmente enraivado. Referiu as informações do pae da creança, e nada mais. E depois procedeu como devia, cauterisando profundamente as mordeduras. O curioso, porém, é que no verso d'este attestado existe uma declaração escripta, datada e assignada por uma auctoridade de policia (não medica), que reza assim: *em vista das averiguações a que procedi, não resta duvida de que o cão que mordeu a creança no dia 1 de maio de 1886 estava hydrophobo.* Segue-se a designação da localidade, a data (11 de maio) e a assignatura da auctoridade, precedida pela designação do cargo que exerce — commissario de policia —. Devo crer que este cavalheiro empregaria todas as diligencias no louvavel intuito de ficar bem averiguado o character rabico do cão, facto sobre o qual, aliás um

homem de arte, um profissional habilissimo, não pôde pronunciar-se, referindo sómente que o pae da creança *julgára o cão enraivado*. Elle, o profissional, sabia bem a extrema difficuldade que havia para conhecer se o cão estava verdadeiramente enraivado, e mediu bem o alcance da responsabilidade que contrahia, se porventura jurasse sobre o diagnostico feito pelo pae da creança. Estou, porém, bem convencido de que, em vista d'essas averiguações, aquella auctoridade ficou bem convencida de que o cão estava hydrophobo. E n'estas condições, por um impulso nobre e generoso, fez a sua declaração, apresentou o seu depoimento, a sua opinião sobre um assumpto que para elle não offerecia a menor duvida. Tudo isto merece o maior respeito. Mas sem a menor referencia especial a qualquer auctoridade, direi: onde irá parar esta questão da raiva, que joga com a experimentação physiologica, com a pathologia comparada, com a clinica e com a jurisprudencia medica, se tivermos de diagnosticar, de prognosticar, de tratar e de fazer obra estatistica pelos attestados da policia publica ou secreta, sobre o estado de saude dos cães e dos gatos?

Se a auctoridade policial inquerer testemunhas sobre o estado do animal; se o manda prender e pôr de observação; se um, dois ou mais veterinarios diagnosticam a raiva, e se depois a autopsia confirma para esses observadores o diagnostico feito em vida, então vamos por melhor caminho. Mas de tudo isto deve ser lavrado um auto, que, para o nosso julgamento clinico e estatistico, não pôde por fórma alguma ser substituido por uma simples declaração da auctoridade, por maior que seja a sua respeitabilidade, a sua illustração e o seu zêlo pelo socego, pela vida e pela saude dos seus compatriotas.

Uma grande parte dos mordidos trazem d'estes documentos, como tenho observado no laboratorio.

A creança parece estar de perfeita saude. Não tem lysses sub-linguaes. Come com appetite e bebe com prazer o seu café com leite. Recebeu hoje a primeira inoculação, gritando como as outras creanças.

Data	Inoculações	Estado de saúde
Maio		
16	1. ^a	
17	2. ^a	
18	3. ^a	Bom.
19	4. ^a	
20	5. ^a	
21	6. ^a	
22	7. ^a	Não compareci.
23	8. ^a	Disse-me o pae da creança que esta ia muito bem e que já não gritava tanto: tem apenas um pouco ruborizados os logares da inoculação.
24	9. ^a	
25	10. ^a	Não compareci.

Seguem bons para Portugal.

.....

Maio 20. — Chegou Antonio Fernandes, de setenta annos de idade.

É um trabalhador dos campos, e tem numerosa familia, que sustenta com um pobre salario. Vem subsidiado pelo governo. Narra que no dia 24 de abril, ao entrar em casa, batêra com a porta contra a parede com muita força, e que n'este momento saltára-lhe uma cousa sobre a cabeça, d'onde escorregára até ao pulso, onde ficou agarrada pelas unhas.

Era um gato. Sacudiu o animal e temendo que elle estivesse assanhado, espremeu por muito tempo as arranhaduras, até verterem sangue, lavando-as com agua e vinagre e depois com agua caustica.

Que no dia seguinte viu o mesmo gato ao sol, por entre umas carvalheiras, raspando na terra, e que indo muito devagarinho conseguira apanhal-o pelo cachaço, e tanto deu com